

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

***“Non fecit taliter omni nationi”*: o nacionalismo presente na devoção a  
Virgem de Guadalupe contada através de periódicos do México colonial  
(1731 – 1810)**

**Marian Soares Nascimento**

Juiz de Fora

2025

Marian Soares Nascimento

***“Non fecit taliter omni nationi”*: o nacionalismo presente na devoção a  
Virgem de Guadalupe contada através de periódicos do México colonial  
(1731 – 1810)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, área de concentração: História, cultura e poder, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

**Orientador (a): Hevelly Ferreira Acruche**

**Juiz de Fora**

**2025**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Nascimento, Marian Soares.

"Non fecit taliter omni nationi" : o nacionalismo presente na devoção a Virgem de Guadalupe contada através de periódicos do México colonial (1731 – 1810) / Marian Soares Nascimento. -- 2025. 100 f.

Orientadora: Hevelly Ferreira Acruche  
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2025.

1. Nova Espanha. 2. Virgem de Guadalupe. 3. Patriotismo crioulo. 4. Identidade nacional. I. Acruche, Hevelly Ferreira, orient. II. Título.

Marian Soares Nascimento

**“*Non fecit taliter omni nationi*”: o nacionalismo presente na devoção a Virgem de Guadalupe contada através de periódicos do México colonial (1731 – 1810)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, área de concentração: História, cultura e poder, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Aprovada em 27 de março de 2025.

BANCA EXAMINADORA

---

Doutora Hevelly Ferreira Acruche - Orientador(a)  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Doutor Mateus Rezende de Andrade  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Doutor Guillermo Alberto Rodríguez Ortiz  
Benemérita Universidad Autónoma de Puebla



## **AGRADECIMENTOS**

Em meio a escrita dessa dissertação, pude experimentar ainda mais do amor de Deus, a Quem dirijo o meu primeiro e mais sincero agradecimento. Incontáveis foram os momentos em que pude ver a ação da graça me sustentando, me dando forças para prosseguir e finalizar esse trabalho. Sem Deus, eu nada seria. Com seu auxílio pude começar e finalizar esse trabalho, o sentimento de gratidão que possuo, jamais poderá ser mensurado em palavras.

A Virgem Maria, que esteve presente em minha vida desde minhas primeiras memórias. A Ela fui ensinada a amar e honrar, para a maior glória de Deus. Foi minha devoção particular que me levou a buscar compreender a devoção mexicana, ansiando ter mais clareza acerca da forma como as devoções podem influenciar fatos por além do religioso. A minha querida Mãe, sempre manterei um verdadeiro e puro amor.

A minha família. Meus pais, Marcio e Zilda; irmãos, Diego e João Pedro; avós, Milton e Wania, Nilo e Aracy; ao meu amado sobrinho e afilhado, Anthony e a todos os meus tios e primos, que contribuíram em minha formação pessoal, intelectual e profissional, sou extremamente grata pelas vivências e aprendizados que carregarei por toda a vida. Graças ao incentivo e apoio de vocês, pude realizar meus sonhos: cursar a graduação de História e a realização desse trabalho, o qual me enche de gratidão.

Meus queridos amigos, que foram consolo em diversos momentos e puderam me ajudar com conversas e conselhos a permanecer forte e enfrentar os desafios surgidos ao realizar esse trabalho, cada um de vocês sempre será lembrado com imenso carinho. Em especial, Luiz Eduardo Lawall, Júlia Diegues, Letícia Diegues (que além de amiga, é também minha afilhada), Igor Zacaron, Mateus Amâncio, Maria Eduarda Costa, Maria Eduarda Freitas, Paula Carolinne, Isabella Almeida, Ana Luiza Sindou, Rayssa Couto e Souza, Ana Íris Campos e Suellen Ribeiro. Contem com minha amizade, com meus conselhos e minhas orações, assim como pude contar com cada um de vocês.

Ao homem que Deus designou para estar ao meu lado e viver por toda a eternidade, Robson. Você, mais do que todos sabem os desafios por mim enfrentados na escrita desse trabalho. Sua presença foi fundamental para que ele se realizasse; você foi consolo, abrigo, tranquilidade e fortaleza para mim. Espero poder transmitir a você todas as coisas boas que você me transmite.

A Hevelly, que esteve comigo desde a graduação e foi de grande ajuda ao longo do meu TCC e, agora, da minha dissertação. Parte de minhas vitórias acadêmicas se devem a você, que desde o início me incentivou a buscar sempre mais. Sou muito grata a você por todo o auxílio prestado.

Por fim, gostaria de agradecer aqueles que não estão mais entre nós. Meus avôs, Nilo e Milton, que deixaram muitas lembranças de nossa convivência, apesar do curto período de vida que passamos juntos. Os dois sempre serão lembrados por mim com imenso carinho e gratidão. Ao querido Augusto Luiz Paio, que esteve presente desde minha infância, falecendo já quando eu era adulta. Ao meu amado tio Marcus, de quem sinto imensa saudade e quem, se estivesse vivo, mais vibraria com minhas conquistas. Um agradecimento especial vai ao historiador que serviu de inspiração para o meu trabalho, e que infelizmente, faleceu antes que ele terminasse: Jacques Lafaye. Seu livro, o primeiro que eu li sobre a Virgem de Guadalupe, abriu os horizontes para que eu pudesse pensar e realizar essa pesquisa.

Todos aqui citados ocupam um espaço especial em meu coração, e estarão sempre em minhas orações.

“Para los criollos de México, la milagrosa imagen del Tepeyac era una gracia suprema que María había hecho al Pueblo mexicano, y *Non fecit taliter omni nationi.*” (Lafaye, 1977, p. 312).

## **RESUMO**

O presente trabalho pretende analisar o sentimento nacionalista em torno da devoção à Virgem de Guadalupe no período colonial da história mexicana, objetivando compreender a formação da identidade nacional do país e a escolha desse símbolo como um emblema que acompanha diversos e complexos momentos marcantes à nação. Buscamos, a partir do conceito de “patriotismo criollo” desenvolvido por David Brading, compreender a importância da criação de uma identidade para a sociedade estudada e como, através das necessidades geradas ao longo de meados do século XVIII e início do século XIX, suas decisões iniciaram a formação do nacionalismo mexicano. Ao pensarmos questões acerca da identidade nacional do país, propõe-se, através de documentos e fontes do período, compreender a importância da devoção e seus impactos durante o processo. Ainda, pretendemos contribuir para que as lacunas acerca do período sejam preenchidas conforme as necessidades avaliadas, para assim, trazer maior entendimento dos primeiros momentos da formação identitária, com o olhar voltado a Virgem de Guadalupe, considerada padroeira do México e das Américas pelo catolicismo.

Palavras-chave: Nova Espanha; identidade nacional; patriotismo criollo; Virgem de Guadalupe; Grito de Dolores.

## ABSTRACT

This research aims to analyse the nationalist sentiment surrounding the devotion to the Virgin of Guadalupe during the colonial period of Mexican history, aiming to examine the formation of the country's national identity and the designation of this symbol as an emblem that has accompanied several pivotal and complex moments in the nation's history. Building upon the concept of *criollo* patriotism developed by David Brading, this research seeks to elucidate the significance of the creation of identity within its society and how demands arose between the mid-18th and early 19th centuries initiated the formation of Mexican nationalism. By engaging issues concerning the country's national identity, this paper proposes to understand the relevance of the devotion and its impact during the period from contemporary documents and primary sources. Additionally, it aims to address possible historiographical gaps concerning this period in order to bring a deeper understanding of the early stages of the national identity formation, with a focus on the Virgin of Guadalupe, regarded within Catholicism as the patroness of Mexico and the Americas.

Keywords: New Spain; national identity; *criollo* patriotism; Virgin of Guadalupe, Mexican Independence.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 COMO SURTIU A DEVOÇÃO A VIRGEM DE GUADALUPE.....</b>	<b>20</b>
2.1 O CHOQUE RELIGIOSO ENTRE MEXICAS E EUROPEUS .....	20
2.2 A APARIÇÃO DA VIRGEM DE GUADALUPE .....	27
2.3 O CRESCIMENTO DA DEVOÇÃO E O APOIO DA COMPANHIA DE JESUS .....	37
<b>3 PERIÓDICOS QUE ATESTAM A IMPORTÂNCIA DA DEVOÇÃO.....</b>	<b>46</b>
3.1 A ESCOLHA DOS PERIÓDICOS MEXICANOS COMO FONTE DE PESQUISA .....	47
3.2 AS LACUNAS PRESENTES NO ENTENDIMENTO DA DEVOÇÃO .....	52
3.3 AS NOTÍCIAS SOBRE A VIRGEM DE GUADALUPE E OS POEMAS NACIONALISTAS .....	58
<b>4 O NACIONALISMO GUADALUPANO E A ESCOLHA DA VIRGEM COMO SÍMBOLO NACIONAL .....</b>	<b>69</b>
4.1 O USO POLÍTICO DA DEVOÇÃO A VIRGEM DE GUADALUPE .....	70
4.2 A DEVOÇÃO NOS PERIÓDICOS DO INÍCIO DO SÉCULO XIX.....	77
4.3 O GRITO DE DOLORES: MARCO INICIAL DAS LUTAS DE INDEPENDÊNCIA ...	82
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>93</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>97</b>

## Introdução

O presente trabalho pretende analisar as influências da devoção à Nossa Senhora de Guadalupe em torno do período que antecede o processo de independência no México, buscando compreender questões acerca da identidade nacional do país. Inicialmente, o recorte temporal a ser analisado abrangeria os anos de 1810 a 1821, contudo, ao analisar os periódicos do período foi observado certo uso da devoção que despertou uma curiosidade que antecedia a esse marco. Ao retornarmos a periódicos mais antigos, encontramos notícias que demonstrariam a importância carregada na figura guadalupana que poderia justificar seu uso na independência, por isso, optamos por estudar o período anterior: o século XVIII até o início das lutas no século XIX, sendo assim, os anos de 1731 a 1810. Tal alteração gerou grande modificação estrutural, tendo em vista que tudo estava sendo construído para analisar o uso político da devoção durante a independência. Com essa mudança, passamos a pensar o caminho percorrido pela devoção. Buscaremos compreender por qual razão a Virgem de Guadalupe ocasionou-se tão grande com o passar do tempo, tornando qualquer outra devoção Mariana<sup>1</sup> incomparável a sua magnitude se olhada pelo ponto de vista histórico, político e social.

Contudo, em um primeiro momento, é necessário se abordar as razões pelas quais provem determinada pesquisa. Toda pesquisa tem como base uma motivação, nesse caso, minha devoção Mariana se identificou com a devoção professada pelos mexicanos. Conheci a devoção à Nossa Senhora de Guadalupe em 2016 na sala de aula de um cursinho preparatório pré-vestibular. Até o momento, mesmo sendo católica, nunca havia ouvido falar sobre a Virgem. A aula tinha como tema as independências nas Américas, e, chegado o caso do México, o professor falou sobre determinado estandarte inspirado em uma aparição Mariana ocorrida em 1531, poucos anos depois da conquista territorial do que ficou conhecido como a Nova Espanha. Ao chegar em casa, busquei por todos os sites notícias que pudessem sanar minha curiosidade acerca de tal aparição. Dessa forma, com essa pequena pesquisa, encontrei meu caminho na História. Prestei vestibular em 2017 e iniciei a graduação na Universidade Federal de Juiz de Fora em 2018. Entrei na graduação com o tema que queria pesquisar: a devoção à Virgem na independência do México. Todo o caminho trilhado em minha graduação foi para que, ao terminá-la, pudesse enfim, enquanto pesquisadora compreender melhor aquela sociedade

---

<sup>1</sup> As devoções Marianas, são devoções católicas referêntes à Virgem Maria. Podem ser elas: invocações, aparições, doutrinas, aparições, Vida de Maria, Sacramental e Ícones Milagrosos.

através de um símbolo colonial. Desde então, sigo em processo para conseguir, de maneira mais abrangente, discernir os aspectos relacionados a devoção.

O século XVIII é marcado por profundas mudanças, não somente na sociedade mexicana, mas em diversas localidades ao longo da América e Europa. As questões sociais surgidas nesse período, acabam por influenciar a história ao redor do globo e trazer significativas alterações as sociedades.

Ainda sobre o século XVIII, podemos observar avanços na sociedade mexicana para tentar se assemelhar a metrópole espanhola. Durante esse século a população do território cresce consideravelmente, seu território é ampliado para cerca de 04 milhões de km<sup>2</sup>. Igualmente importante, nesse período também surge o periodismo, baseado nos periódicos circulantes em algumas regiões da Europa. Ou seja, no decorrer do século XVIII, houveram modificações na sociedade mexicana que movimentaram diversos campos e em consequência, alteram muito da vivência colonial.

“Neste século, que começa com o reinado de Fernando VI (1746- 1759) e o vice-reinado de Francisco de Güemes, conde de Revillagigedo (1746-1755) até o reinado de Carlos IV (1788-1808) e o vice-reinado de José de Iturrigaray (1803-1808), a Nova Espanha expandiu seu território e sua população, enriqueceu, mudou seu sistema político, procriou um novo grupo social, iluminou-se, realizou-se e se preparou para viver uma vida separado e independente da nação espanhola. Os mexicanos do século XVIII queriam imitar os espanhóis do século XVI nos seus empreendimentos de conquista.”<sup>2</sup>  
(González, 1974, p. 73)

Durante o século das Luzes<sup>3</sup>, também houve no território mexicano, farto desenvolvimento da agricultura, do comércio e da mineração, resultando em um bom desenvolvimento da economia local.

“A Nova Espanha cresce e prospera na Era do Iluminismo. O território duplica, a população triplica e o valor da produção económica aumenta seis vezes. A mineração, sem deixar de ser escravista e desumana, passou de produzir 3.300.000 pesos em 1670,

---

<sup>2</sup> “En este siglo, que va del reinado de Fernando VI (1746-1759) y el virreinato de Francisco de Güemes, conde de Revillagigedo (1746-1755) al reinado de Carlos IV (1788-1808) y al virreinato de José de Iturrigaray (1803-1808), la Nueva España amplía su territorio y su población, se enriquece, cambia de sistema político, procrea un nuevo grupo social, se ilustra, se da cuenta de sí misma y se prepara para hacer vida aparte e independiente de la nación española. Los mexicanos del siglo XVIII quisieron emular a los españoles del xvi en las empresas de conquista.” (González, 1974, p. 73).

<sup>3</sup> Assim chamado o século XVIII em decorrência das influências do Iluminismo na sociedade.

para 13.700.000 em 1750 e para 21 milhões em 1804. No final daquele século, a produção mexicana de prata igualava-se à do resto do mundo.<sup>4</sup>” (González, 1974, p. 74).

Todas as alterações sociais trouxeram impactos consideráveis a sociedade, mas não somente elas. Durante o século XVIII, o México passou por fortes epidemias, onde milhares de pessoas perderam suas vidas. “Embora no Iluminismo o flagelo das pragas não tenha desaparecido, pois houve outras muito mortíferas, como a que causou um milhão de mortes em 1735-1737, nesse século a população passou de um casal para meia dúzia de milhões<sup>5</sup>.” (González, 1974, p. 74).

Posto isso, podemos observar algumas das modificações vividas por uma sociedade que logo irá almejar sua independência. O avanço social, econômico e político mexicano, somado as ocorrências provocadas pela expansão napoleônica, transformam esse período em um momento propício a se pensar a independência. “A história das relações entre colônias e metrópoles no advento da Modernidade implica pensar em alguns questionamentos importantes: o que contribuiu para a eclosão de movimentos pela independência no continente americano?” (Acruche, 2019, p. 111). Trazendo algumas dessas questões a mente, ao longo da pesquisa visamos compreender não somente a sociedade mexicana, mas, como o uso de um símbolo religioso a fortificou e uniu a um objetivo político separatista.

Ao pensarmos o processo de independência do México (1810 – 1821) deparamo-nos com algumas questões centrais para os historiadores que estudam o período. Dentre essas questões, o Grito de Dolores é considerado o marco inicial das lutas de independência da colônia espanhola. O evento teria ocorrido em 16 de setembro de 1810<sup>6</sup>, em frente à igreja em que Padre Miguel Hidalgo (1753 – 1811) era pároco na cidade de Dolores. Tal acontecimento ficou marcado pelo uso de um Estandarte que se tornou símbolo do movimento, ficando conhecido como o “Estandarte de Hidalgo”. O processo de independência mexicano carrega uma particularidade dentro da dimensão religiosa que teve grande peso no período. Nossa Senhora de Guadalupe foi e ainda é considerada protetora, intercessora e símbolo da nação,

---

<sup>4</sup> “La Nueva España crece y prospera en el Siglo de las Luces. El territorio se dobla, la población se triplica y el valor de la producción económica se sextuplica. La minería, in dejar de ser esclavizante e inhumana, pasó de labra 3 300 000 pesos en 1670, a 13 700 000 en 1750 y a 21 millones en 1804. A fines de aquel siglo, la producción argentífera mexicana igualó a la del resto del mundo.” (González, 1974, p. 74).

<sup>5</sup> “Aunque en el Siglo de las Luces no desapareció el axote de las pestes, pues las hubo muy mortíferas, como la que en 1735-1737 causó un millón de muertos, se pasó en aquella centuria de un par a media docena de millones de habitantes.” (González, 1974, p. 74).

<sup>6</sup> Todos os anos, na véspera do dia 16 de setembro, o presidente do México encena o Grito de Dolores como marco da independência do país.

trazendo consigo grande devoção do povo<sup>7</sup>. Deste modo, pretendemos fazer um recorte que mostre como a religiosidade pôde mobilizar questões políticas importantes para uma sociedade em transformação. Em outras palavras, pensamos em como o culto e devoção a Nossa Senhora de Guadalupe – símbolo que remete ao período colonial - influenciou a trajetória de um país em vias de tornar-se independente.

Antes de tudo, precisamos compreender o cenário do surgimento da devoção à Virgem de Guadalupe, para assim, podermos obter maior entendimento de sua importância para a sociedade local. A colonização da “Nova Espanha” se deu ao longo do século XVI e foi marcada pelo aumento do interesse dos povos europeus na região através da exploração indígena. Durante o período de colonização, um símbolo de importante nome para o catolicismo ganhou espaço e se tornou forte o suficiente para auxiliar a Igreja na conversão dos povos mexicas. Através de sua figura, esse símbolo se tornou um aliado capaz de ajudar na conversão de vários homens, tendo uma participação crucial na evangelização dos povos originários. Muitas especulações surgiram desde então sobre a milagrosa imagem aparecida no monte Tepeyac, e até hoje, é um mistério forte o suficiente para acarretar pesquisas em diferentes áreas.

A Virgem, conhecida como Nossa Senhora de Guadalupe, segundo a tradição católica, apareceu entre os dias 09 e 12 de dezembro 1531, em Guadalupe, no México, quando o território ainda era colônia espanhola. Através do que se é narrado no documento *Nican Mopohua*<sup>8</sup> datado do ano de 1649, acredita-se que a aparição teria se dado ao indígena Juan Diego, um cristão novo. Em seu discurso, Maria teria rogado ao indígena a conversão dos povos mexicas ao catolicismo e pedido que uma capela fosse construída em sua honra naquele mesmo local. Ao contar para o bispo Juan de Zumárraga sobre o que havia visto, Juan Diego recebeu a missão de trazer uma prova da veracidade do que havia lhe dito. E assim, que segundo nos conta o documento, no dia 12 de dezembro ao entregar as flores que a Virgem fez nascer no local e pediu que fossem enviadas ao arcebispo, surgiu diante de seus olhos, estampada na *tilma* de

---

<sup>7</sup> “Hoy en día, más allá de rencillas e historias oficiales, se puede ser guadalupano y cura pederasta, guadalupano y Caballero de Colón, guadalupano y anticlerical, guadalupano y desubicado presidente de la República, hasta guadalupano y ateo, siempre y cuando ese guadalupanismo signifique la particular —y ahora sí privada— manera de vivir la mexicanidad contemporánea.” (Arnal, 2010, p.01 ).

<sup>8</sup> Acredita-se que o documento tenha sido escrito por Antonio Valeriano entre aos anos de 1540-1545 ou 1550-1555. Esse fato ainda não foi comprovado, mas se tornou um consenso entre os pesquisadores do documento e da aparição. Porém, a publicação mais antiga encontrada do *Nican Mopohua* é de 1649 e foi assinada por Lasso de La Vega, trazendo assim questionamentos das razões pelas quais ele não teria atribuído o documento a Valeriano logo em sua publicação.

Juan Diego sua imagem de maneira milagrosa, que hoje está exposta na Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe, no México.

A devoção à Virgem de Guadalupe foi grande auxílio para o catolicismo na conversão dos povos mexicas. Porém, o milagre da *tilma* é uma discussão entre alguns estudiosos<sup>9</sup> que acreditam que a imagem foi pintada por um índio, a pedido de Dom Montúfar, 2º arcebispo do local, para que os indígenas se sentissem mais acolhidos pela religião católica e assim aceitassem melhor o processo de evangelização, trazendo discussões inclusive sobre o ano em que o símbolo realmente surgiu, afinal, o documento que narra as aparições é de mais de 100 anos após os fatos. A Virgem Mestiça traz consigo simbolismos que levaram esses estudiosos a crer que foram agregados à imagem de Maria, para maior aceitação da religião pelos povos colonizados. A título de, as asas do anjo que está aos seus pés têm características tribais, a cor de sua pele indica que ela é uma mulher mestiça; e não branca, como em outras aparições de Marianas e os raios de sol em sua volta, que podem fazer referência à Quetzalcoatl, o deus Sol, além de ter ocorrido no monte Tepeyac, onde antes se era cultuada a deusa Tonantzin pelos mexicas. Por outro lado, para o catolicismo, a aparição traz a inclusão dos povos indígenas. A representação da Virgem se assemelha a eles e utiliza elementos já conhecidos, trazendo maior acolhimento a esses povos.

Em outros países, houve outras formas de auxílio para o catolicismo durante o período de evangelização dos povos originários. No caso da Nova Espanha, esse auxílio veio da propagação do milagre de Guadalupe. A religiosidade desse povo desde antes do período de chegada dos europeus já era grande: realizavam todos os dias sacrifícios a si mesmos para que a luz do sol não se apagasse e as trevas não dominassem o mundo, pois acreditavam que um de seus deuses se alimentava do sangue derramado, e, sem ele, a humanidade estaria condenada<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> NIERO, Lidiane. A construção sócio-histórica de devoção a Nossa senhora de Guadalupe. *Sacrilegens* 9, no. 1 (2012).

<sup>10</sup> “Durante os dias do seu triunfo, eles tiveram que continuar suportando o terrível fardo de manter vivo o seu deus, o sol. Todas as tardes, quando ele se esconde atrás das montanhas a oeste, surge a terrível dúvida: conseguirá derrotar seus inimigos durante a noite? Será que ele conseguirá lutar contra os tigres e tantos terrores que vão atacá-lo? Amanhã nascerá de novo? Para ter a certeza de que este seria o caso, era necessário que lhes fosse dada força, para garantir o seu triunfo sobre os seus inimigos. O único alimento – infelizmente especialmente para os vizinhos astecas - de que o sol gostava era o sangue humano. Portanto, com toda a lógica, o sangue era essencial para a sobrevivência do mundo.” (Bernal, 1974, p.45). Tradução da autora.

Algumas narrativas de que a Virgem trazia uma solução para esse mito foram criadas, sendo ela a “mulher revestida de sol”<sup>11</sup> que traria a esses povos a luz da verdade, que era Jesus.

Para entendermos a formação da identidade nacional de um país precisamos analisar fatos que contribuíram fortemente nesse processo e entender as razões pelas quais aqueles fatos se tornaram marcantes a ponto de moldar uma sociedade inteira sob seus acontecimentos. Não seria exagero dizer que a identidade nacional mexicana se formou em torno da Virgem de Guadalupe<sup>12</sup>. A imagem foi utilizada em momentos importantíssimos da história desse povo, partindo da colonização, mais tarde estampada no estandarte de Hidalgo<sup>13</sup>, ou presente no grito dos cristeros<sup>14</sup>: “Viva Cristo Rei! Viva a Virgem de Guadalupe!”. A força do catolicismo mexicano pode ser atribuída a Nossa Senhora de Guadalupe e a forte devoção que se criou após sua aparição. Entender esse processo nos faz entender melhor a história de toda uma nação que se formou após a chegada dos colonizadores, mas também avaliar os sincretismos presentes tanto na imagem, quanto na própria visão desses povos. É necessário traçar paralelos que indiquem a importância desse símbolo, para isso, precisamos voltar nosso olhar para o período em que surgiram os primeiros relatos de sua construção, razão pela qual os periódicos circulantes nos 1700 foram escolhidos. Estudar a Virgem de Guadalupe nos ajuda não só a compreender a religião, mas também, a compreender o uso de imagens, a identificação dos povos, a criação de uma identidade, dentre vários fatores de suma notabilidade para a sociedade mexicana e seus impactos.

Ao longo dos capítulos que irão se suceder, pretendemos analisar os impactos causados pela devoção a Nossa Senhora de Guadalupe na sociedade mexicana. Iremos dialogar com o

---

<sup>11</sup> Referência ao versículo bíblico de Apocalipse 12 – 1 “Depois apareceu no céu um grande sinal: uma Mulher vestida de sol, com a lua debaixo de seus pés, e uma coroa de doze estrelas sobre a sua cabeça”.

<sup>12</sup> Em seu livro “Quetzalcóatl y Guadalupe: la formación de la consciéncia nacional em México” Jacques Lafaye busca entender a consciéncia nacional do povo mexicana desde antes da chegada dos colonizadores. Para isso, são analisadas a religiosidade desses povos e como se assemelham e se diferem entre si. O autor defende que a consciéncia nacional mexicana fundada em Guadalupe na colônia, se iniciou com a forte devoção ao deus Quetzalcóatl no período pré-hispânico.

<sup>13</sup> Durante o episódio que ficou conhecido como “Grito de Dolores” o Padre Miguel Hidalgo utilizou um estandarte que continha uma imagem da Virgem de Guadalupe, tal qual a presente no santuário. Ao longo das lutas de Independência, em diversos momentos a imagem foi utilizada como intercessora

<sup>14</sup> A “Guerra dos Cristeros” ou “Cristiada” ocorreu devido ao conflito surgido no México entre o governo e os fiéis católicos, tendo seu início em 1927. Os católicos lutavam pelo direito de exercer sua fé, em defesa dos valores espirituais, em resposta as medidas do presidente Plutarco Elías Calles (1877 – 1945) que esteve a frente do país entre 1924 e 1928. Durante seu mandato uma nova Constituição foi colocada em vigor, cheia de medidas anticlericais que abalavam as estruturas do catolicismo no México, conhecida como “Lei de Calles”. Em seu início, o conflito foi pacífico. O fiés apenas realizavam manifestações e protestos declarando-se contrários as medidas represivas. Quando a Lei de Calles entrou em vigor, iniciou-se uma guerra civil pela luta dos direitos da população católica. O derramamento de sangue ocasionado pela guerra deixou uma estimativa de 90 mil mortos.

livro “Queztalcoalt y Guadalupe” do historiador Jacques Lafaye (1974), que aborda a utilização da imagem no meio católico, mas que também apresenta questões de sua semelhança com os cultos indígenas. Outra questão se coloca, acerca do uso das imagens católicas, como no texto “Guerra das imagens” de Serge Gruzinski (2006). Além de trazer uma análise de textos que apresentem um pensamento acerca da construção da historiografia voltada ao período, tendo em vista que em sua maioria os fatos são apresentados de forma com que a devoção seja desmerecida, talvez pela descrença, talvez por não ansiarem entrar a fundo em questões religiosas e acabarem por se esbarrar com o campo de História das Religiões, esquecendo-se do período colonial em si. De uma forma ou de outra, Guadalupe é um símbolo fundamental para a compreensão da criação do pensamento de memória nacional do povo mexicano e merece a atenção devida as questões geradas por sua construção.

Durante os anos que antecedem as lutas pela independência do território e ao longo delas, em vários momentos podemos ver nos periódicos circulantes a importância da devoção a Virgem de Guadalupe no período. Antes do conflito, podemos observar a construção de um nacionalismo utilizando a Virgem como símbolo. No início do conflito, encontramos periódicos que manifestavam sua opinião contrária ao uso da imagem nas lutas, considerando este ato um sacrilégio cometido pelo Padre Hidalgo. Ao longo dos anos entre 1810 e 1821, vemos notícias sobre missas, novenas, e até mesmo celebrações solenes dedicadas à Virgem pedindo sua intercessão no conflito. E, ao seu final, encontramos notícias de agradecimento e celebrações em honra a Nossa Senhora de Guadalupe pela eficácia de sua intercessão.

Para estudar melhor o período, contextualizá-lo e assim demonstrar a importância da devoção à Virgem de Guadalupe no processo de independência, pretendemos analisar documentos, teses, dissertações e livros acerca do período na historiografia, caminhando também por trabalhos no campo da Ciência da Religião que possam esclarecer o conceito de devoção e auxiliar nas discussões que envolvem a religiosidade.

Ao analisar a escrita e o uso da imagem nos textos, pretendemos responder duas questões principais: a participação deste símbolo no processo de independência teria sido negligenciada na historiografia? Seria possível entender por completo a formação da identidade mexicana sem analisar questões acerca da Virgem de Tepeyac?<sup>15</sup> Responder essas questões possibilitará compreender parte importante da história do México, através de questões ainda

---

<sup>15</sup> Assim chamada por conta do local em que teria ocorrido sua aparição, o Monte Tepeyac. A Virgem também pode ser nomeada de outras formas, como: “*la morenita*”, “Virgem mestiça” e em alguns casos, utilizando-se o nome da antiga divindade azteca, “*Tonantzin*”.

pouco exploradas na historiografia. Dessa forma, será possível traçar um caminho que nos leve a entender a religiosidade tendo a Virgem como parte importante ao abrir caminhos para a construção política num contexto de conflitos com espanhóis, levando em conta que a independência do México é considerada um dos momentos mais importantes da história do país.

O título apresentado para a pesquisa foi retirado de um poema presente em um periódico publicado no dia 11 de dezembro de 1805 e faz referência ao Salmo 147. O salmo em si trás uma trajetória político-ideológica ao estruturar uma narrativa nacional e religiosa que faz referência ao cuidado de Deus para com seu povo, pós-exílio, ou seja, após o retorno dos judeus do exílio babilônico. O povo de Israel lutava para reconstruir sua nação e o salmo salienta os privilégios de Israel como povo escolhido por Deus. Vemos, de certa forma, um nacionalismo impregnado no salmo, que diz “Não fez assim com outras nações”<sup>16</sup>. Ao longo da pesquisa entenderemos como esse trecho se enquadra no caso guadalupano, assim como, o sentido dado a esse salmo no periódico em que foi publicado.

Também achamos importante mencionar que as traduções de textos, livros e trabalhos acadêmicos no geral, presentes nesse trabalho foram feitas pela própria autora e se encontram no corpo do texto, enquanto os originais podem ser encontrados nas notas de rodapé para a devida comparação. O caso se modifica, porém, com os periódicos do período colonial que agregam a essa pesquisa o conhecimento necessário sobre o período. Nesse caso, optamos por colocá-los diretamente no original, suas traduções se encontram no rodapé para aqueles que tiverem dificuldade com a língua.

Nas palavras de Serge Gruzinski: “O culto à Virgem de Guadalupe é o exemplo mais surpreendente: tanto quanto televisão, sua efigie milagrosa, que apareceu a um índio em 1531, ainda é o imã que une as multidões, e seu culto continua a ser um fenômeno de massa que ninguém ousaria questionar, sob pena de incorrer em iconoclastia.” (Gruzinski, 2006, p. 17) salientando ainda mais a importância da figura da Virgem para os mexicanos.

---

<sup>16</sup> *Non fecit taliter omni nationi.*

## **Capítulo 01- Como surgiu a devoção a Virgem de Guadalupe**

O primeiro capítulo dessa dissertação foi pensado com o objetivo de analisar o surgimento da devoção à Virgem de Guadalupe e o crescimento da devoção, assim, poderemos compreender melhor seu uso no século XVIII e XIX, objetivo real da pesquisa.

Antes de demonstrar a importância da utilização da imagem de Nossa Senhora de Guadalupe no processo de colonização, percebemos que se faz necessário observar a construção do pensamento católico no México, partindo da conquista do território, para assim, compreendermos em sua totalidade a sociedade religiosa do período em seus amplos aspectos. Analisar a religiosidade dos povos indígenas e como ela os influencia nas tomadas de decisões acerca dos espanhóis, também se faz importante para que conheçamos de forma mais abrangente os impactos que as práticas religiosas causaram no choque entre espanhóis e mexicas no período da conquista.

Não quero entrar aqui em questões profundas relacionadas a conquista do território. As aspirações deste trabalho não são diretamente relacionadas a esse acontecimento, mas se faz necessário entender seu entorno para tornar a visão acerca de algumas questões mais completas. Não pretendo contar uma nova História da América, mas sim, entender um pouco mais de como as religiões afetaram as escolhas desses povos; para, assim, incorporar o caso da Virgem de Guadalupe do Tepeyac e compreender seus impactos na sociedade religiosa mexicana de forma que possamos preencher ainda mais as lacunas existentes em relação as questões que envolvem a religiosidade de ambos os povos no período da conquista da América Espanhola.

Por fim, analisaremos a difusão da devoção pela sociedade. Apesar de pretendermos estudar o século XVIII e XIX, não seria justo chegar a ele sem pensar como a devoção se manteve viva ao longo dos séculos XVI e XVII, portanto, torna-se necessário compreender quais foram os fatores responsáveis para que a devoção a Virgem de Guadalupe se mantivesse firme até o período estudado. Dessa forma, pensamos em dedicar um trecho de nosso trabalho a este fim.

### **1.1 – O choque religioso entre europeus e mexicas**

Antes da chegada dos espanhóis ao território americano, os povos mexicas compartilhavam de práticas religiosas ligadas ao politeísmo. A estrutura de sua sociedade, baseada na agricultura, fortalecia a ideia de vastas divindades, cada uma ligada a um elemento ou fenômeno. Existiam rituais específicos para culto de cada um de seus deuses e até mesmo, o grau de relevância desse deus variava de acordo com sua importância para a sociedade.

“Como todos os povos que viviam principalmente da agricultura, os astecas tinham como principais divindades as que se referiam, direta ou indiretamente, à vida agrícola. O sol, o supremo revitalizador, era o deus “*Tonatiu*”; a lua era “*Meztl*”; a água, sem a qual a agricultura é impossível, chamava-se “*Tlaloc*” e tinha culto especial; “*Tetzcatlipoca*” era o estio; “*Quetzalcouatl*”, o deus dos ventos, protetor das artes. O mais importante dos deuses astecas, entretanto, era “*Huitzilopochtli*”, também o mais sanguinário, que presidia à arte da guerra e ao qual se faziam sacrifícios humanos, principalmente de virgens e prisioneiros.” (Tapajós, 1956, p.34).

A título de exemplo, podemos citar uma de suas práticas religiosas que envolviam o sacrifício de homens para beneficiamento da divindade, ou seja, para que determinado deus se mantivesse forte para realizar sua função. Por isso, era necessário que fosse alimentado. Esse alimento advinha do sangue de prisioneiros que eram ofertados em rituais. Podemos observar os sacrifícios feitos para que o sol não cessasse seu brilho. Homens eram sacrificados para alimentar o deus correspondente a esse fenômeno, a luz solar, que era peça fundamental de sobrevivência para uma sociedade baseada na agricultura.

“Mas também a necessidade mais básica de conservação e o egoísmo mais evidente indicavam que o sangue devia ser obtido não sacrificando astecas, mas sacrificando outras pessoas. Porque afinal, os Astecas não estavam apenas salvando a si mesmos, mas também ao resto do mundo; O sol não era só para eles, também iluminava outros. Assim, mesmo o rito aparentemente mais cruel tenta justificar-se logicamente<sup>17</sup>.” (Villegas, 1974, p. 42).

Vemos assim, que desde antes da conquista, a religiosidade já era um ponto forte da sociedade mexicana. Realizavam sacrifícios humanos aos seus deuses, além de outros rituais diretamente ligados a cada divindade. Esse fato nos reflete a forte religiosidade desse povo, ligada sobretudo a elementos da natureza. Suas práticas religiosas faziam parte da sociedade, dificilmente poderiam ser separadas da vivência cotidiana. Era como se a sociedade e as práticas religiosas fossem fundidas em uma só. As atividades realizadas por pelos mexicanos tinham

---

<sup>17</sup> “Pero también la necesidad más elemental de conservación y el egoísmo más obvio indicaban que había que procurarse la sangre no sacrificando astecas, sino sacrificando a otras gentes. Porque después de todo, los astecas no sólo se salvaban a sí mismos, sino al resto del mundo; el sol no era sólo para ellos, alumbraba también a los demás. Así, hasta el rito aparentemente más cruel pretende justificarse logicamente.” (Villegas, 1974, p. 42).

impactos no âmbito religioso.

“Todos os homens da tribo eram obrigatoriamente guerreiros, pois não existia nenhum exército permanente. Sua hierarquia tinha, assim, raízes nas honras e recompensas militares. E, como o principal fim da guerra, além da cobrança dos tributos, era a captura de prisioneiros para o sacrifício nos altares do Deus da Guerra — *Huitzilopochtli* — havia um sistema de honrarias que se baseava no número de prisioneiros feitos, dividindo os guerreiros em várias classes, com insígnias e privilégios [...]” (Mello, 1961, p.290).

Os guerreiros eram responsáveis por conseguir os homens que seriam utilizados nos sacrifícios. Em outro trecho do texto de Mello (1961), podemos observar que fazer prisioneiros era mais importante do que matar nas guerras, pois os mesmos seriam as oferendas dos próximos sacrifícios ofertados aos deuses.

“Na guerra cogitava-se mais de fazer prisioneiros do que matar inimigos. Êsses prisioneiros não se resgatavam nunca, pois exigia a lei que cada um sacrificasse seus próprios cativos. Eram então guardados para o dia do sacrifício, encerrados em jaulas, e bem alimentados e tratados, a fim de que estivessem em boas condições quando comparecessem diante de Deus.” (Mello, 1961, p.299).

Um documento do século XVI<sup>18</sup> tenta demonstrar as semelhanças entre a religiosidade dos povos indígenas e a cristã, ambas fundamentadas no sacrifício. No catolicismo, o sacrifício da missa ocorre para trazer aos homens o corpo e sangue de Cristo; para os astecas o sacrifício era a maneira necessária para continuar obtendo o auxílio de seus deuses. “E assim vemos que, como o sumo Deus tem sacrifícios, sacerdotes, sacramentos, religiosos, profetas e gente dedicada a seu divino culto e cerimônias santas, assim também o demônio tem seus sacrifícios [...]” (Suess, 1992, p. 614). Dessa forma, o documento assemelha o culto mexica a algo a ser condenado, se comparado a religião cristã.

Um dos homens ligados a conquista, Bernal Díaz del Castillo, escreveu sobre as mudanças religiosas que foram impostas aos indígenas por volta de 1519, início da conquista. Em seu documento é citado, em determinado momento, que alguns de seus homens foram

---

<sup>18</sup> “As semelhanças das religiões indígenas com o cristianismo, segundo a “História natural e moral das Índias” de José de Acosta, representam uma invenção do demônio para confundir cristãos” (Suess, 1992, p.614).

utilizados em sacrifícios e que tiveram seus corações entregues aos ídolos.<sup>19</sup> Castillo escreveu sobre como os sacrifícios eram realizados e como, segundo a sua vivência, aqueles homens viviam em desordem, vícios e maldade. Eles “comiam carne humana, assim como nós trazemos carne de vaca do açougue [...] além disto, nas guerras que províncias ou povos faziam uns aos outros, os que capturavam e prendiam eram sacrificados e comidos.” (Suess, 1992, p.419).

Com o auxílio dos primeiros franciscanos que chegaram ao território, tais práticas foram vencidas pelos espanhóis. Bernal Díaz reforçou que os primeiros conquistadores tiveram um mérito maior na conversão dos indígenas, pois foram eles que chegaram ao território e infundiram as primeiras notas do cristianismo no local. A conquista se tornou mais forte com a chegada dos franciscanos, num primeiro momento, e dos dominicanos, logo após. Castillo demonstra que, devido o aumento do número de cristãos, aumentou-se também os convertidos, devido ao forte trabalho que efetuaram.

“desde que conquistamos foram batizadas todas as pessoas que havia, tanto homens, como mulheres e crianças [...] como há muitos bons religiosos do Senhor São Francisco e São Domingos e de outras ordens [...] o Santo Evangelho está muito bem plantado em seus corações, se confessam cada ano e alguns deles, que tem mais conhecimento de nossa fé, comungam;” (Suess, 1992, 420).

Diante disso, podemos considerar que os povos mexicas não eram fracos ou indefesos. Tais homens tinham capacidade e força e estavam acostumados com guerras. Sendo assim, poderiam ter derrotado a ameaça espanhola logo em seu início. Contudo, os espanhóis souberam se aproveitar das fragilidades internas dos povos nativos para afirmar sua colonização e efetivá-la.

“Ninguém pense que índio significa homem fraco, senão, venha e comprove. A glória seja atribuída a quem de dever, que é principalmente Deus, e a seu admirável plano, porque, se Montezuma no México, e o Inca no Peru tivessem resistido à entrada dos espanhóis, nem Cortes nem Pizarro, embora fossem excelentes capitães, se teriam fixado na terra.” (Suess, 1992, p.619).

Em suma, as principais dificuldades da conquista eram vencer a religiosidade politeísta

---

<sup>19</sup> “[...] com nossas ilustres conquistas, pois, embora custasse as vidas da maioria dos meus companheiros, porque muito poucos permanecemos vivos, e os que morreram foram sacrificados, sendo seus corações e sangue oferecidos aos ídolos mexicanos que se chamavam *Texcatepuca* e *Uichilobos*.” (Suess, 1992, p.418).

dos povos mexicas. Contudo, os conquistadores conseguiram, mesmo que em menor número, gerar impacto suficiente para que se iniciasse a colonização desses povos. Claramente o amparo das ordens religiosas foi fundamental para que a evangelização fosse concretizada, e os padres franciscanos e dominicanos foram parte indispensável do processo. Por conseguinte, o choque religioso gerado pelas diferentes manifestações de fé professadas por mexicas e espanhóis é um evento de importante substância para o entendimento do período. Através dele, notamos os embates surgidos sobre, como os espanhóis efetuaram sua dominação sobre os povos e como a raiz do catolicismo começou a ser plantada no México colonial.

Podemos pensar que para os espanhóis, as aspirações da conquista eram meramente territoriais, mas, como foi demonstrado por Todorov, o fator religioso também foi determinante. O catolicismo era a religião dominante na Europa e esses homens eram intensamente ligados à doutrina católica. Para eles, não eram somente novos territórios a serem anexados, mas havia também a aquisição de novas almas a serem parte do corpo de Cristo, a Igreja. “Sem a ardente fé cristã e a heróica resolução cavaleiresca dos castelhanos, a descoberta poderia ter sido feita, mas não a exploração, a conquista, a incorporação na cultura das ilhas e dos continentes.”<sup>20</sup> (Vasconcelos, 1968, p.29).

Não há como entender a conquista sem compreender o que isso significava por além do materialismo. Os feitos subsequentes ao achamento do território não traziam somente uma nova porção de terras, mas, uma grande parte da humanidade que ainda estava escondida do mundo. “[...] pelo menos o aspecto importante da descoberta não foi tanto a exploração de novas terras, mas a revelação ou manifestação de uma nova parte da humanidade, prometida como uma rica colheita ao zelo dos evangelizadores”<sup>21</sup>. (Lafaye, 1974, p. 74).

Logo que chegou ao território da Nova Espanha, Cortés foi alertado dos perigos que o esperavam se fosse ao encontro de Montezuma. “[...] nos disseram os de Guaxocingo e Tlaxcala e de Tamalco, e com outros muitos avisos que nos tinham dado para que evitássemos entrar no México, que nos matariam uma vez que estivéssemos lá dentro.” (Suess, 1992, p.115). Porém, não foi isso que Cortés e seus homens encontraram ao chegar em Tenochtitlán, a maior

---

<sup>20</sup> “Sin la ardiente fe cristiana y la heroica resolución caballeresca de los castellanos, el descubrimiento pudo realizarse, pero no la exploración, la conquista, la incorporación a la cultura de islas y continentes.” (Vasconcelos, 1968, p.29).

<sup>21</sup> “[...] al menos que el aspecto importante del descubrimiento no era tanto la exploración de tierras nuevas como la revelación o manifestación de una nueva parte de la humanidad, prometida como una rica cosecha al celo de los evangelizadores (Lafaye, 1974, p. 74).

cidade dos astecas. O documento escrito por Bernal Díaz Del Castillo, em 1519, nos mostra como o líder asteca recebeu de forma agradável Cortés e sua comitiva. “Montezuma lhe deu as boas-vindas e nosso Cortés lhe respondeu com dona Marina desejando que estivesse muito bem; (Suess, 1992, p. 116)”. Em outro trecho:

“[...] Montezuma tomou o nosso capitão pela mão, pois ali nos estava esperando, e o introduziu no aposento e sala onde pousaria, a qual estava ricamente enfeitada para seu uso, e tinha preparado um colar de ouro muito rico de feitio de camarões, obra muito valiosa, e o próprio Montezuma o colocou no pescoço de nosso capitão Cortés.” (Suess, 1992, p.117).

Temos assim ainda mais certeza do que já é sabido por muitos historiadores que estudam o período: Montezuma recebeu Cortés de bom grado. Montezuma possuía um exército capaz de derrotar os espanhóis, também possuía conhecimento sobre as terras, e em uma batalha, poderia facilmente derrotá-los. Além do mais, existia um costume seguido a risca pelo Imperador, que dizia que os reis nunca deveriam ser vistos pelos seus súditos, somente em situações extremas, o que nos demonstra o significado de sua aparição aos espanhóis.

A religiosidade de Montezuma é um fator que explica a receptividade que ele teve e relação aos conquistadores. Naquele tempo, os mexicas acreditavam em presságios, sinais que tem como objetivo avisar acerca de questões que acontecerão no futuro. Todorov nos mostra que desde quando nasciam, eles tinham sua vida definida através do calendário e de sacerdotes que tinham a capacidade de entender todo um conjunto de coisas que levaria a uma predefinição da vida daquele bebê<sup>22</sup>. Esses presságios e adivinhações eram feitos para determinar muitas de suas ações, principalmente, se a ação tivesse uma importância elevada em suas vidas.

“Toda a história dos astecas, tal como é contada em suas próprias crônicas, é feita de realizações de profecias anteriores, como se um acontecimento não pudesse ocorrer se não tivesse sido previamente anunciado: a partida do local de origem, a escolha de uma nova localização, tal vitória na guerra ou tal derrota.” (Todorov, 2003, p. 77).

Muitos presságios acerca da vinda dos espanhóis ganharam espaço em diferentes

---

<sup>22</sup> “Saber a data de nascimento de alguém é conhecer seu destino; por isso, assim que nasce uma criança, procura-se o interprete profissional, que e, ao mesmo tempo, o sacerdote da comunidade. “Quando nascia um menino ou uma menina, o pai ou os pais do bebê iam imediatamente a casa dos astrólogos, feiticeiros ou adivinhos, que havia em abundância, pedindo-lhes que determinassem o destino do menino ou menina recém-nascido.”” (Todorov, 2003, p.75).

localidades da região, e todos eles afirmavam a vitória europeia e consequente dominação sobre os povos que ali viviam. Assim, a crença de que homens chegariam para tomar o reino e que a dominação viria a ocorrer já circulavam, e esses presságios, de grande valor para os povos nativos, ganharam a confiança de Montezuma que acreditava não poder fazer nada para impedir os espanhóis. Foi a religiosidade, e sua crença, que levou o Imperador a não tentar combater a ameaça espanhola. De início, Montezuma não permitiu que os espanhóis professassem sua fé em público, porém, não houveram restrições para que fosse professada de maneira particular.

“Como nosso capitão Cortés e o frade da Mercê viram que Montezuma não tinha vontade que puséssemos uma cruz nem fizéssemos igreja no *cu* (templo mexicano) de seu Uichilobos e porque, desde que entramos naquela cidade do México, quando se dizia missa fazíamos um altar sobre mesas e tornávamos a tirá-lo, resolveu que pedíssemos aos mordomos do grande Montezuma pedreiros para que fizessem uma igreja em nossos aposentos, e os mordomos disseram que fariam Montezuma saber disso. [...] E em dois dias tínhamos a nossa igreja feita e a santa cruz posta diante dos aposentos, e ali se dizia missa todo dia até que acabou o vinho, pois, como Cortes e os outros capitães e o frade estiveram mal durante as guerras de Tlaxcala, usaram o vinho que tínhamos para as missas, e, depois que acabou, cada dia ficávamos na igreja rezando de joelhos diante do altar e imagens; primeiro porque éramos obrigados como cristãos e por bom costume, e depois para que Montezuma e todos os seus capitães o vissem e se inclinasse a isso e para que nos vissem adorar de joelhos diante da cruz, especialmente quando tangíamos a Ave-Maria.” (Suess, 1992, p. 117).

Notamos assim que mesmo quando a fé era privada, os espanhóis faziam questão de manifestá-la para, através do exemplo, gerar um sentimento de conversão em Montezuma e seus homens. A falta de vinho impossibilitava a celebração da missa, já que o vinho é utilizado na transubstanciação, mas esse fato não os impediu de continuar demonstrando sua religiosidade e a vivência de sua fé. Como é dito pelo próprio Bernal Díaz, eram obrigados a rezar por serem bons cristãos e para manterem os bons costumes. Também notamos que por além da missa e da adoração a santa cruz, a devoção mariana foi inserida naquele meio, não através de uma imagem, mas através da oração mariana mais conhecida entre os católicos: a Ave Maria.

Montezuma queria evitar a guerra entre mexicas e espanhóis. Porém, mesmo contra sua

vontade, houveram batalhas. Após a morte do Imperador, a guerra continuou e os espanhóis saíram vencedores. Durante a primeira parte da conquista, a religiosidade de ambos os povos foi capaz de afetar as decisões tomadas. A conquista, para os espanhóis, significava a conversão dos nativos ao catolicismo, por além da anexação dos territórios. Suas decisões eram influenciadas pela religiosidade, assim como, a religiosidade dos mexicas pode ser analisada através das decisões de Montezuma. A crença de que seu império cairia foi o suficiente para que ele se sentisse derrotado. A religiosidade de ambos os povos foi capaz de criar um cenário crucial para que a conquista se consolidasse.

## 1.2 – A aparição da Virgem de Guadalupe

A devoção à Virgem de Guadalupe surgiu, possivelmente, no século XVI como meio facilitador para a colonização dos povos recém conquistados. Além da tradição que circunda o momento inicial da devoção, em 1531, existe um documento chamado *Nican Mopohua* ao qual alguns estudiosos creem ser de grande importância para compreender a história de seu início. “Aqui se conta, em ordem, como há pouco tempo apareceu maravilhosamente a sempre Virgem Santa Maria, Mãe de Deus, nossa Rainha, no Tepeyac, que se chama Guadalupe.” (Suess, 1992, p. 476).

A datação desse documento acaba por gerar dúvidas aos pesquisadores da aparição devido à grande distância entre os fatos e à sua escrita. De um lado, existe toda a crença da cultura indígena, baseada na história oral, perpassada de geração em geração através de histórias, até que, Lasso de La Vega<sup>23</sup> decidiu o publicar o documento narrando às aparições. De outro, existem questionamentos do porquê a Igreja Católica não se manifestou durante os acontecimentos e do porquê Dom Juan de Zumárraga (1468 – 1548), o bispo do México, não escreveu um relato oficial a ser enviado para a Espanha, responsável pela colônia, narrando o milagre e pedindo reconhecimento sobre ele<sup>24</sup>.

---

<sup>23</sup> Em 1649, o sacerdote Luiz Lasso de la Veja publicou o códice *Nican Mopohua* após tê-lo encontrado quando foi designado ao santuário de Guadalupe sob o nome de *Huei tlamahuiçoltica* “O grande acontecimento”.

<sup>24</sup> As discussões sobre o uso de imagens atravessaram o catolicismo em diversos momentos, “Os iconoclastas, baseando-se na leitura do Antigo Testamento, criam que essas imagens não agradavam a Deus, por conta do pecado de idolatria.” (Santos, 2013, p.12). Já no século VII existiam discussões, a igreja combateu o iconoclasmo e Gregório Magno proibiu a destruição de imagens. Mas ao longo dos anos, essas questões foram reavivadas em outros momentos, até que tudo desaguasse na Reforma Protestante. O protestantismo estava em ascensão desde a publicação das 95 teses de Martinho Lutero, na Alemanha em 1517. Notemos que dessa data, até o ano em que segundo o códice *Nican Mopohua* alega como sendo o ano das aparições, menos de 15 anos se passaram. Em 1545 ocorre o início do

“Portanto, no início do século XVI, período inicial da catequese, cujo foco estava na extirpação de idolatrias, podemos perceber um silêncio em relação a Virgem de Guadalupe por parte de vários religiosos considerados importantes, como Juan de Zumárraga, primeiro bispo mexicano, frei Bartolomé de Las Casas, o conquistador Hernán Cortés, os três vice-reis da Nova Espanha, d. Antonio de Mendonza, d. Luís de Velasco e d. Martín Enriquez, entre outros.” (Beltramini, 2014, p.12)

Ao longo do *Nican Mopohua* encontramos o diálogo que teria ocorrido durante as aparições de Maria a Juan Diego. Nesse documento, temos a visão religiosa da importância da presença da Virgem naquele local. Nossa Senhora de Guadalupe, segundo Beltramini, foi a santa que obteve a maior devoção durante todo o período colonial<sup>25</sup> do México. Esse fator se dá pelo acolhimento que a imagem e sua narrativa trazem aos povos indígenas. Não queremos é claro entrar em questões teológicas sobre a aparição, mas é importante que tenhamos uma mínima noção dos seus impactos no sentido religioso para que possamos compreender o porquê dessa devoção se perpetuar por quase 500 anos. É de suma importância ressaltar que o indígena ao qual Nossa Senhora aparece, segundo a tradição, é um cristão recém-convertido. O que já nos mostra certo traço da colonização espanhola, que desde a conquista, em 1521, já vinha acontecendo no território.

Acredita-se que o documento tenha sido escrito por Antonio Valeriano entre os anos de 1540-1545 ou 1550-1555<sup>26</sup>, esse fato ainda não foi comprovado, mas se tornou um consenso entre os pesquisadores do documento e da aparição. Porém, a publicação mais antiga encontrada do *Nican Mopohua* é de 1649 e foi assinada por Lasso de La Vega, trazendo questionamentos das razões pelas quais ele não teria atribuído o documento a Valeriano logo em sua publicação.

“Valeriano foi um homem extremamente importante em seu tempo. Nasceu no seio de uma importante família indígena de Atzacatzalco, tendo ingressado nas

---

Concílio de Trento, um dos mais emblemáticos da história da Igreja. Em Trento, muitas questões do catolicismo foram definidas. Precisamos entender esse período porque as questões definidas por Trento afetam diretamente a aparição de Nossa Senhora de Guadalupe. Antes de Trento não se havia a necessidade de que o bispo se posicionasse acerca das aparições marianas. Essa norma ficou definida ao final do Concílio, em 1563, dando ao bispo o poder de julgar se uma aparição mariana era verdadeira ou não, assim como outras devoções que fossem surgindo em meio aos fiéis. Juan de Zumárraga, por ter falecido em 1548, não pode ser colocado sob essa norma. A Igreja em que o bispo viveu, não demandava esse posicionamento.

<sup>25</sup> “Notamos, portanto, que a Virgem de Guadalupe foi a santa mais adorada no México colonial, logo em seguida a Virgem de Remédios, tornando-se símbolos cristãos.” (Beltramini, 2014, p.12)

<sup>26</sup> “Quanto à origem da fonte, ninguém foi capaz de atestar com precisão e embasamentos indiscutíveis o autor da obra. Contudo, a autoria do texto é atribuída ao índio Antonio Valeriano (1520?-1605).” (De Lima, 2017, p. 29)

primeiras turmas do Imperial Colégio de Santa Cruz de Tlatelolco, local onde conheceu e se tornou colaborador do Frei Bernardino de Sahagún, importante cronista do século XVI.” (De Lima, 2017, p. 29).

O documento é um códice escrito em *náhuatl*<sup>27</sup> e narra de forma rica o diálogo, tendo um caráter descritivo, como se a história tivesse sido contada a Valeriano pelo próprio indígena que estava presente nas aparições. Ele inicia seus escritos com a narração do ano em que as aparições ocorreram, não nos deixando sobrar dúvidas de que foram nos primeiros dias de dezembro do ano de 1531<sup>28</sup>.

Um fato considerável dos escritos de Valeriano é a forma como ele se preocupa em ser específico com as datas e acontecimentos. Esse documento nos leva, de certa forma, a alcançar o momento vivido por Juan Diego no monte Tepeyac devido a riqueza de suas descrições. Outro fato a ser considerado é que utilizaremos a tradução do documento feita pelo Instituto Superior de Estudios Guadalupanos em união com a tradução presente no livro publicado por Paulo Suess “A conquista espiritual da América Espanhola” que traz diversos documentos sobre o período, incluindo o *Nican Mopohua*. É importante declarar este fato já que existem outras traduções publicadas.

No primeiro momento em que a Virgem ganha voz no documento, ela não somente confirma ser Mãe de Deus, mas faz pela primeira vez um pedido ao seu filho menor<sup>29</sup>: uma capela em sua honra deveria ser construída naquele local.

“Então ela falou e teve nossos vontade preciosa. Disse-lhe: "Sabe e tem certeza tu, o menor dos meus filhos, que eu sou a sempre Virgem Santa Maria, mãe do verdadeiro Deus, por quem se vive; do Criador na presença do qual tudo está, Senhor do céu e da terra. Desejo vivamente que me seja erguido aqui um templo, para que eu nele mostre e dê todo o meu amor, compaixão, auxílio e defesa, pois eu sou vossa piedosa mãe, de ti, de todos os moradores juntos desta terra e de todos quantos me amam, invocam e em mim confiam.” (Suess, 1992, p. 477).

---

<sup>27</sup> Língua mais falada pelos indígenas do território.

<sup>28</sup> “Dez anos depois da conquista da cidade do México, jazem já por terra a flecha e o escudo, por toda parte estão rendidos os habitantes do lago e do monte. Ao mesmo tempo começou a brotar, a florir, a fé e o conhecimento do verdadeiro Deus, por quem vivemos. Exatamente no ano de 1531, no começo do mês de dezembro, aconteceu que havia um pobre índio, camponês da vizinhança. Seu nome era Juan Diego. Segundo dizem, morava em Cuauhtitlan. No tocante às coisas de Deus ainda pertencia totalmente a Tlatelolco.” (Suess, 1992, p. 476)

<sup>29</sup> Maneira que a Virgem se refere ao indígena durante o documento, que por sua vez a chama de “filha menor”.

Nesta ocasião, encontramos aspiração da aparição: a construção da capela. Com esse pedido, a Virgem não só reforça ao indígena a colonização que estava ocorrendo no México, mas também, cria certo acolhimento a Juan Diego. Ao continuar o texto, Ela reforça não somente ser mãe de Deus, seu desejo é ser mãe de todos a quem Ela recorram. Seu pedido de construir uma capela é condescendente ao catolicismo em um período tão difícil como a colonização. A religiosidade indígena era muito forte e estava presente, em seus amplos aspectos, na vida cotidiana dos povos. A colonização da Nova Espanha foi dificultada pelos sincretismos criados pelos indígenas ao longo de sua duração. "O choque cultural mais significativo entre indígenas e europeus foi religioso" (Salinas, 1994, p.18). Samuel Sérgio Salinas defende esse pensamento em seus escritos sobre o México, levando-nos a refletir ainda mais o embate religioso que estaria ocorrendo entre essas diferentes culturas. A posição de tornar a Mãe de Deus, Mãe dos povos mexicas, traria um grande amparo ao catolicismo, principalmente se levarmos em conta todo o simbolismo presente na imagem.

“Desejo vivamente que me seja erguido aqui um templo, para que eu nele mostre e dê todo o meu amor, compaixão, auxílio e defesa, pois eu sou vossa piedosa mãe, de ti, de todos os moradores juntos desta terra e de todos quantos me amam, invocam e em mim confiam”. (Suess, 1992, p. 477)

Notamos a diligência com a qual o diálogo foi feito. Juan Diego está sempre na posição de indígena que aceita e confia plenamente na figura da Virgem e Ela, na posição de acolhimento e afirmação da fé. Se observarmos com cuidado, notamos o quanto esse diálogo e essa aparição foram importantes para trazer aos indígenas à conversão a fé católica. A Virgem não aparece a um homem europeu, aparece a um mexica. Além disso, aparece como mulher mestiça, com um traje que remete a vários aspectos da cultura dos astecas. Ela se assemelha a eles, para ser por eles melhor compreendida. Outro fato importante é que em todo o documento, a linguagem utilizada por Ela é a mesma do indígena, o *náhuatl* e que se ela tivesse falado em outra língua, não seria difícil para Valeriano reproduzir, ou até mesmo, escrever o documento inteiro em espanhol já que ele o conhecia, assim como conhecia outras línguas, por ser um homem estudado.

Edmundo O’Gorman defende que o surgimento da devoção à Virgem de Guadalupe está atrelado as mudanças religiosas necessárias ao cristianismo para a conversão dos povos mexicas, ou seja, a ermida em que a primeira imagem da Virgem de Guadalupe foi colocada, seria uma estratégia para que a população local abandonasse seus cultos de origem e contemplassem o catolicismo por meio da Virgem.

“Dentro de una margen de seguridad suficiente, podemos asumir, é verdade que a ermida de Tepeyac foi uma das construídas pelos primeiros missionários franciscanos onde os índios tinham santuários dedicados as suas antigas divindades; um pequeno erro, bem, criado a favor da política missionária de substituição do culto idólatra para o cristão.”<sup>30</sup> (O’Gorman, 2001, p. 07)

Ao longo do Nican Mopohua, identificamos que a Virgem não somente queria uma capela construída naquele local em sua honra, seu desejo era que os indígenas a venerassem, sua aspiração era auxiliar a conversão. Juan Diego é um filho fiel, que acredita sobretudo em sua palavra. O indígena é um forte exemplo de conversão, exemplo esse que tornaria ainda mais fácil o diálogo entre seus povos e a Virgem. “é necessário que você, pessoalmente, vá, implore, e que pela sua intercessão seja feito e levado a cabo o meu desejo, a minha vontade<sup>31</sup>.”

Contudo, surgem especulações acerca do local em que a Virgem aparece, segundo o documento, ao indígena. O local, já era habitado por outra divindade, cultuada pelos povos mexicas antes da chegada da colonização. Tonantzin era a maior divindade feminina reverenciada pelos indígenas e o local ao qual prestavam cultos para a deusa, era o monte Tepeyac, o mesmo das aparições da Virgem de Guadalupe<sup>32</sup>. Sendo elas duas figuras femininas que adquiriram grande importância no mesmo local, alguns estudiosos acreditam que a devoção apenas tenha sido substituída, como se a deusa, também chamada por cronistas de *Cihuacóalt*, fosse predecessora do culto à Virgem. Tonantzin significa “Nossa Mãe”, assim como Maria era “Nossa Senhora” e era uma figura de grande importância para a religiosidade dos indígenas do local. Sua devoção, se assim podemos chamar, levava grande quantidade de homens ao Tepeyac para lhe prestar cultos.

“Celebravam outra deusa, chamada Tonan, que significa Nossa Mãe, cuja devoção aos deuses prevalecia quando os nossos frades chegaram a esta terra, e cujas festividades contavam com a presença de enormes multidões de muitas léguas ao redor.”<sup>33</sup> (Lafaye, 1977, p. 295).

---

<sup>30</sup> “Dentro de un margen de suficiente seguridad podremos dar por cierto que la ermita del Tepeyac fue una de las edificadas por los primeros misioneros franciscanos donde los indios tenían adoratorios dedicados a sus antiguas deidades; una ermita, pues, levantada en obsequio de la política misionera de sustituir el culto idólatrico por el cristiano.” (O’Gorman, 2001, p. 07).

<sup>31</sup> (Suess, 1992, p. 477).

<sup>32</sup> “[...] y el na aparición prodigiosa de la Virgen de Guadalupe em el monte Tepeyac, antiguo santuario de Tonantzin, la diosa madre de los astecas” (Lafaye, 1977, p. 70).

<sup>33</sup> “Hacían fiesta a otra diosa, llamada Tonan, que quiere decir Nuestra Madre, cuya devoción de dioses prevalecia cuando nuestros frailes vinieron a esta tierra, y a cuyas festividades concurrían grandísimos gentios de muchas léguas a la redonda” (Lafaye, 1977, p. 295).

A questão que envolve a substituição de um culto por outro, é embasada na forte devoção que tanto Guadalupe, quanto Tonantzin carregaram na região. Jacques Lafaye acredita que essa ligação entre uma e outra foi um fato fundamental para que o culto à Virgem de Guadalupe se estabelecesse. Multidões eram guiadas até o Tepeyac para adorar a deusa, assim como, multidões de fiéis são guiadas ao mesmo monte todos os anos, principalmente nas festividades à Nossa Senhora de Guadalupe, para prestar-lhe veneração. É como se através do culto pagão que antes existia, a Igreja tivesse encontrado uma brecha para tornar ainda mais forte seu espaço na Nova Espanha. Outro fator que leva a pensar essa ligação entre as duas, além do local e da forte devoção, são as referências à cultura indígena que Nossa Senhora de Guadalupe carrega em sua imagem estampada na *tilma* de Juan Diego. Não farei aqui uma análise completa da imagem. Colocarei pontos importantes para que a aceitação e identificação dos indígenas se tornasse maior em relação a Virgem.

A cor de seu manto, segundo Alex Kiefer da Silva<sup>34</sup> é uma cor que para os indígenas tinha grande simbolismo, pois era utilizada pelos imperadores: azul esverdeado. Com isso, podemos notar a posição em que a Virgem é colocada. Ela é exaltada como imperatriz. No catolicismo, a Virgem é chamada de Rainha, temos esse exemplo na oração milenar que todo católico conhece e recita, a “Salve Rainha”. Tonantzin não era chamada assim atoa, seu nome é relativo ao motivo que a cultuavam, além de ser considerada mãe de outros deuses, era pelos indígenas chamada de deusa da fecundidade. Nossa Senhora de Guadalupe tem uma faixa preta envolta em sua cintura, esse símbolo era utilizado pelos astecas para demonstrar que a mulher estava grávida. Os raios de sol podem ser interligados diretamente à Quetzalcoal, o deus Sol, fortemente ligado a Tonantzin. “Um dos pares fundamentais do panteão mexicano, ou melhor, um dos dominantes (especialmente no espírito da casta dominante) do princípio criador universal é Tonantzin-Quetzalcoatl, cujos avatares crioulos são inseparáveis.”<sup>35</sup> (Lafaye, 1977, p. 299). As flores, que fazem parte do milagre, são segundo Dom Leomar Brustolin<sup>36</sup>, outro símbolo importante para a cultura indígena. No códice, podemos observar como Juan Diego acreditava estar no paraíso descrito por seus ancestrais ao se deparar com a beleza do local da aparição. Por fim, gostaria de destacar a cor da pele da Virgem. Existem aparições marianas pelo mundo em que a Virgem não aparece como uma mulher branca, como exemplo, podemos

---

<sup>34</sup> (Silva, 2017, p. 79).

<sup>35</sup> “Una de las perejas fundamentales del panteón mexicano, o más bien una de las dominantes (sobre todo em el espíritu de la casta dirigente) del principio creador universal es el Tonantzin-Quetzalcoatl, cujos avatares criollos son inseparables.” (Lafaye, 1977, p. 299).

<sup>36</sup> (Brustolin, 2020, p. 86)

citar Nossa Senhora de Montserrat. As aparições marianas, em geral, sempre trazem simbolismos que agreguem valor a aparição de forma que leve a melhor compreensão dos povos a sua mensagem. No caso de Guadalupe, para um povo que tinha forte crença em seus deuses, trazer símbolos conhecidos por eles, foi uma forma de auxiliar o diálogo com esses povos.

De início houveram pensamentos acerca da veracidade da imagem pelos franciscanos, que pensavam ter sido criada com intuito de os enganar e facilitar que os povos mexicas continuassem a adoração a Tonantzín.

“Portanto, no início do século XVI, período inicial da catequese, cujo foco estava na extirpação de idolatrias, podemos perceber um silêncio em relação a Virgem de Guadalupe por parte de vários religiosos considerados importantes, como Juan de Zumárraga, primeiro bispo mexicano, frei Bartolomé de Las Casas, o conquistador Hernán Cortés, os três vice-reis da Nova Espanha, d. Antonio de Mendonza, d. Luís de Velasco e d. Martín Enriquez, entre outros.” (Beltramini, 2014, p.12).

Há quem acredite que a imagem tenha sido substituída por uma pintura que tivesse características atrativas para convencer os indígenas a se tornarem adeptos do catolicismo, porém, estudos comprovam que a imagem não possui características que levem a crer que ela foi pintada, apesar de já ter passado por restauros.

“O arcebispo (Dom Montúfar) teria encomendado, ao pintor indígena Marcos, uma obra inspirada em um modelo europeu e pintada num suporte de fabricação indígena, e em seguida teria mandado colocá-la discretamente no lugar (ou ao lado) da imagem primitiva. Essa ação pode ser vista como uma tentativa de iniciar um processo de identificação dos devotos com a virgem - ocorre quando o devoto identifica características comuns entre ele e o santo. Menezes (2005, p. 236) afirma que “é a partir do que o devoto é, ou do que ele gostaria de ser, ou do que o santo foi, ou do tipo de característica que até hoje lhe é atribuída que se restaura uma relação de devoção.”” (Niero, 2012, p.100).

Apesar dessas ligações encontradas entre a Virgem e Tonantzín, no diálogo presente no *Nican Mopohua*, não há sincretismos. A Virgem fala sobre ser Mãe do verdadeiro Deus, Mãe de todos os homens, principalmente dos que confiam em sua intercessão e pede a construção da capela, que acabaria de vez com o culto pagão no local, reafirmando assim a colonização. A imagem da Virgem é uma relíquia, o que significa que ela para o catolicismo, está diretamente ligada a uma santa, foi tocada pela Virgem quando ela pegou as flores que Juan Diego colheu

no monte. Seu valor, para o catolicismo, ultrapassa o milagre ocorrido diante de Juan de Zumárraga relatado no documento.

“Todo fiel cristão mexicano sabe que, do 9º ao 12º dia dezembro de 1531, a Virgem Maria apareceu ao índio Juan Diego no morro Tepeyac e ordenou-lhe que contasse ao bispo do México, Dom Fray Juan de Zumárraga, que erguesse um templo. O bispo hesitou e pediu um sinal de Mensageiro indiano, que, por ordem da Senhora, cortou rosas e flores do local e levou-as ao prelado, admirando-se tanto que, ao abrir a capa em que os havia embrulhado, apareceu milagrosamente uma imagem pintada que hoje O México adora com o nome de Nossa Senhora de Guadalupe. Esta tradição simples, ingênua e bela, única no mundo em seu ato final, produziu e produz uma intensa e culto apaixonado no povo mexicano, de tal forma que A Imagem tornou-se, num dado momento, o sinal da Pátria”<sup>37</sup> (Maza, 1984, p. 09).

Na narrativa do *Nican Mopohua*, o tio de Juan Diego, Juan Bernardino, vai até ao bispo após o milagre da *tilma*, dizendo que ao tê-lo curado, a Virgem pediu para que a chamassem de “A Perfeita Virgem Santa Maria de Guadalupe”. A Virgem a qual chamamos de Guadalupe que teria aparecido no monte Tepeyac não é a única devoção mariana que possui este título. Na região de Extremadura, na Espanha, existe um monastério de 1389 em homenagem à Virgem de Guadalupe de Extremadura. No caso de aparições marianas, esse fato torna-se frequente. A título de exemplo, temos Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora de Fátima. A primeira devoção remonta ao século XIII, onde a Virgem teria aparecido ao jovem Domingos de Gusmão e ensinado a maior de todas as devoções marianas: o rosário. Em Fátima, em 1917, a Virgem aparece a três crianças, Jacinta, Lúcia e Francisco, e os pede para ser chamada de “Nossa Senhora do Rosário de Fátima”, interligando assim, as duas devoções.

A devoção à Virgem de Guadalupe de Extremadura iniciou-se no século XIII após uma pequena imagem da Virgem Maria ter sido encontrada enterrada nas margens de um rio

---

<sup>37</sup> “Todo fiel cristiano mexicano sabe que, de los días 9 a 12 de diciembre de 1531, se apareció la Virgen María al índio Juan Diego en el cerro del Tepeyac y le mandó dijese al obispo de México, don fray Juan de Zumárraga, que le erigiese un templo. Dudó el obispo y pidió una señal al indio mensajero, el cual, por orden de la Señora, cortó rosas y flores del lugar y las llevó al prelado, admirándose los dos de que, al abrir la capa en que las llevaba envueltas, apareciese milagrosamente pintada una Imagen que hoy México venera con el nombre de Nuestra Señora de Guadalupe. Esta tradición sencilla, ingenua y hermosa, única en el mundo en su acto final, produjo y produce un intenso y apasionado culto en el pueblo mexicano, de tal manera que la Imagen llegó a ser, en un momento dado, la señal de la Patria.” (Maza, 1984, p. 09).

chamado Guadalupe, na Espanha. Gil Cordero, o homem que a encontrou, construiu uma pequena ermida no local e com o passar dos anos, a devoção foi ganhando força.

“Como se sabe, a origem desta dedicatória deve ser procurada nas imagens da Virgem de Sevilha que se espalharam por uma vasta área devido à invasão muçulmana em 714. Assim, alguns regressaram e outros não. Este segundo é o caso de Guadalupe; No final do século XIII foi encontrada por um pastor nas margens do rio Guadalupe, na Extremadura: Gil Cordero construiu uma ermida e colocou a imagem. Por volta de 1330, Afonso Em 1389 a Ermida foi entregue aos Jerónimos. O primeiro prior e governador de Puebla a ser formado será o Ir. Fernando Yáñez de Figueroa. A ordem de São Jerônimo governará o local até 1835, e após um hiato, a partir de 1908 será administrado pelos franciscanos.<sup>38</sup>” (Hoz, 2001, p. 630)

Sabemos que o conquistador do México, Hernán Cortés, nasceu em uma região próxima a Extremadura, quando a devoção à Virgem de Guadalupe já era estabelecida na Espanha e que ele, assim como muitos de seus homens que teriam nascido na mesma região, possuíam essa devoção. Cortés foi um dos responsáveis pela difusão da devoção à Virgem de Guadalupe Espanhola na América. Apesar do nome, uma devoção não tem relação direta com a outra. A de Extremadura é uma pequena estátua, a do Tepeyac, é uma gravura, ou estampa. As poucas coisas que as unem, além do nome, são a cor de sua pele, já que ambas não são mulheres brancas e o fato de existir a presença de Jesus nas duas imagens. No caso de Extremadura, o menino Jesus aparece sendo carregado por ela, em Guadalupe, a faixa em sua cintura, simboliza que ela está grávida do menino. “Embora os Jerónimos não tenham participado diretamente na evangelização do México, a imagem da Virgem de Guadalupe da Extremadura não deixou de estar presente no horizonte espiritual da conquista.<sup>39</sup>” (Lafaye, 1977, p. 319).

---

<sup>38</sup> “Como es sabido el origen de esta advocación hay que buscarlo en las imágenes de la Virgen de Sevilla que fueron desperdigadas por una amplia zona debido a la invasión musulmana en el 714. Así unas regresaron y otras no. Este segundo es el caso de la de Guadalupe; a finales del XIII fue encontrada por un pastor a las orillas del río Guadalupe en Extremadura: Gil Cordero levantó una ermita y colocó la imagen. Ya hacia el 1330 Alfonso XI de Castilla y León visitó la Ermita y la hizo engrandecer, lo que proseguirían todos los monarcas posteriormente. En 1389 se entrega la Ermita a los Jerónimos. El primer Prior y gobernador de la Puebla que se forma será Fr. Fernando Yáñez de Figueroa. La orden de S. Jerónimo regirá el lugar hasta 1835, y después de un vacío, desde 1908 será llevada por los franciscanos.” (Hoz, 2001, p. 630).

<sup>39</sup> “Aunque los jerónimos no hayan tomado parte directamnte en la evangelización de México, la imagen de la Virgen de Guadalupe de Extremadura no ha dejado de estar presente en el horizonte espiritual de la conquista.” (Lafaye, 1977, p. 319).

Guadalupe do Tepeyac surge como uma ponte entre a Espanha e o México, é como se a Virgem venerada pelos espanhóis, se fizesse presente na Nova Espanha em acolhimento aos indígenas. O fato dos dois povos possuírem devoções com nomes iguais, pode ter sido um fator elementar para que a distância em a antiga e a Nova Espanha tenha diminuído, mesmo que simbolicamente. “A dedicatória acaba por tomar o mesmo nome da Virgem de Guadalupe da Extremadura, fundindo assim as duas localidades numa única devoção.”<sup>40</sup> (Hoz, 2001, p. 632).

Diante do exposto, notamos que a devoção a Virgem de Guadalupe foi introduzida na Nova Espanha como meio de comunicação aos povos indígenas que, em sua figura, poderiam possuir uma identificação que seria um meio facilitador a colonização. No decurso do documento que visa narrar e expor os acontecimentos dos dias 09 a 12 de dezembro do ano de 1531, observamos que no diálogo criado, a Virgem escolhe pedir auxílio ao indígena, convencê-lo de sua veracidade e demonstra seu amor materno, tornando-se um recurso a ser utilizado por aqueles de desejarem. Seria, podemos afirmar, muito mais fácil se a Virgem aparecesse diretamente ao bispo, solicitando a construção da capela. Contudo, a devoção reforça que era necessário que a construção se desse por intermédio daquele indígena.

Dessa forma identificamos que desde o princípio, a devoção intencionava ser ligada aos indígenas. É para eles que a Virgem aparece, é a eles que seu auxílio é oferecido e é por meio deles que a construção de sua “casinha sagrada” deve ser realizada. Esse momento precisa ser enfatizado pois, é uma das bases da criação da Virgem como símbolo nacional, como explicaremos ao longo deste trabalho.

Os reflexos da devoção estão presentes no México atual, onde 77,7%<sup>41</sup> da população se considera católica. Por além disso, notamos a forte influência da Virgem de Guadalupe nas Américas, onde a devoção é uma das mais importantes no território Latino, sendo inclusive a invocação determinada como a “Padroeira das Américas” proclamada pelo Papa Pio X (1835 – 1914) em 1910. Tal fato nos leva a compreender a força dessa devoção, levando-se em conta que em todo o território da América Latina ocorreram mais de 20 aparições da Virgem Maria em diferentes países, segundo a tradição católica. Pode se afirmar que o número de católicos no México se relaciona fortemente com a aparição da Virgem e a como sua devoção foi

---

<sup>40</sup> “La advocación acaba tomando el mismo nombre de la Virgen de Guadalupe extremeña, fundiendo así los dos pueblos en una sola devoción.” (Hoz, 2001, p. 632).

<sup>41</sup> NO MÉXICO diminuem os católicos e crescem os sem religião. Instituto Humanitas Unisinos, 2021. Disponível em: <https://shortest.link/2cpy> Acesso em: 06 de Jan. 2025

enraizada na vida dos mexicanos desde o processo de colonização. Ainda na Nova Espanha, a devoção foi ganhando força de forma que um santuário em honra a Virgem precisasse ser construído e, tempo depois, aumentado.

### **1.3 – O crescimento da devoção e o apoio da Companhia de Jesus**

Após seu surgimento, no século XVI, a devoção passou por momentos de expansão a partir da chegada das missões jesuíticas na Nova Espanha. Os jesuítas foram responsáveis pela divulgação da devoção ao longo do século XVII. Apesar de Juan de Zumárraga ser franciscano, sua falta de apoio à devoção fez com que a ordem não se concentrasse em espalhá-la pela região, pois ele acreditava que, por se tratar de um momento crítico, a consolidação da fé na Nova Espanha deveria vir por outros meios.

Entender como a devoção é ampliada pela Companhia de Jesus se faz necessário ao nosso trabalho para a compreensão da utilização da devoção nos séculos XVIII e XIX, afinal, é pelo crescimento e pela divulgação da devoção que, posteriormente, ela passará a ser enxergada como um símbolo comum a essa sociedade. Dessa forma, de maneira comedida, traremos apontamentos que nos facilitem a compreensão acerca do crescimento da devoção e como esse fator é essencial para projetar o que virá a ser um sentimento de identificação nacional emergente do fenômeno guadalupano.

A igreja passava por um período conturbado nesse mesmo momento, e mais tarde viria o Concílio de Trento para auxiliar nas questões que estavam sendo discutidas. As aparições marianas não são consideradas dogmas<sup>42</sup> e fazem parte do que a Igreja classifica como revelações privadas, o que significa que ninguém é obrigado a crer nessas revelações para ser católico, nem mesmo quando elas são reconhecidas pela Igreja, como no caso de Guadalupe.

“No decurso dos séculos tem havido revelações ditas «privadas», algumas das quais foram reconhecidas pela autoridade da Igreja. Todavia, não pertencem ao depósito da fé. O seu papel não é «aperfeiçoar» ou «completar» a Revelação definitiva de Cristo, mas ajudar a vivê-la mais plenamente, numa determinada época da história. Guiado pelo Magistério da Igreja, o sentir dos fiéis sabe discernir e guardar o que nestas revelações constitui um apelo

---

<sup>42</sup> Dogmas são as verdades de fé que todo católico deve crer, no caso da Virgem Maria, os dogmas relacionados são: A Maternidade Divina; A Virgindade Perpetua; A Imaculada Conceição; e a Assunção.

autêntico de Cristo ou dos seus santos à Igreja. A fé cristã não pode aceitar «revelações» que pretendam ultrapassar ou corrigir a Revelação de que Cristo é a plenitude.” (cf, CIC, 67).

O uso de imagens no meio católico estava sendo muito discutido devido a Reforma Protestante. Para entendermos o uso da imagem da Virgem de Guadalupe e o posicionamento de Juan de Zumárraga e dos franciscanos, precisamos voltar nosso olhar para a Igreja em um período próximo de Trento e para as considerações do Concílio acerca dos fatores que envolvem as aparições marianas e a utilização de imagens. Sem isso, estaríamos fazendo uma análise embasada nas condições existentes no catolicismo atual, para um evento de 1531. A distância entre a Igreja de Trento e a Igreja pós Concílio do Vaticano II e outros que ocorreram ao longo desses anos, é grande o suficiente para gerar erros que afetem nossa visão acerca das decisões tomadas pelo bispo. Tendo isso em mente, podemos compreender melhor o posicionamento dos franciscanos acerca da devoção.

As discussões sobre o uso de imagens atravessaram o catolicismo em diversos momentos, “Os iconoclastas, baseando-se na leitura do Antigo Testamento, criam que essas imagens não agradavam a Deus, por conta do pecado de idolatria.” (Santos, 2013, p.12). Já no século VII existiam discussões, a igreja combateu o iconoclasmo e Gregório Magno proibiu a destruição de imagens. Mas ao longo dos anos, essas questões foram reavivadas em outros momentos, até que tudo desaguasse na Reforma Protestante. O protestantismo estava em ascensão desde a publicação das 95 teses de Martinho Lutero, na Alemanha em 1517. Notemos que dessa data, até o ano em que segundo o códice *Nican Mopohua* alega como sendo o ano das aparições, menos de 15 anos se passaram. São acontecimentos com uma periodização muito próxima. Além do mais, não é como se o protestantismo tivesse surgido em 1517 e desaparecido completamente. Ao longo dos anos, ele foi ganhando força o suficiente para gerar preocupação no catolicismo, que em 1545 dá início ao Concílio de Trento, um dos mais emblemáticos da história da Igreja.

Em Trento, muitas questões do catolicismo foram definidas. Não tão rapidamente, é claro. O Concílio demorou anos para ser finalizado. Precisamos entender esse período porque as questões definidas por Trento afetam diretamente a aparição de Nossa Senhora de Guadalupe. Antes de Trento não se havia a necessidade de que o bispo se posicionasse acerca das aparições marianas. Essa norma ficou definida ao final do Concílio, em 1563, dando ao

bispo o poder de julgar se uma aparição mariana era verdadeira ou não, assim como outras devoções que fossem surgindo em meio aos fiéis. Juan de Zumárraga, por ter falecido em 1548, não pode ser colocado sob essa norma. A Igreja em que o bispo viveu, não cobrava esse tipo de posicionamento.

“Também não será permitido novos milagres, nem adotar novas relíquias, sem que tenham o reconhecimento e aprovação do Bispo. E este, logo que se certifique de qualquer motivo deste tipo pertencente a elas, consulte alguns teólogos e outras pessoas piedosas, e faça o que julgar conveniente à verdade e piedade. Em caso de ser necessária a eliminação de algum abuso que seja duvidoso ou de difícil resolução, ou realmente ocorra alguma grave dificuldade sobre estas matérias, aguarde o Bispo, antes de resolver a controvérsia, a sentença do Metropolitano e dos Bispos co-provinciais no concílio provincial, de modo que não se decrete qualquer coisa nova ou não usada na Igreja até o presente, sem consultar antes o Pontífice Romano.”  
(Concílio de Trento, sessão XXV)

Contudo, a chegada dos jesuítas na Nova Espanha se dá em um período posterior ao Concílio de Trento, onde as questões religiosas do século XVI foram resolvidas no catolicismo. Entre as 4 ordens religiosas escolhidas para auxiliar na colonização das Américas, encontramos a Companhia de Jesus, fundada por Ignácio de Loyola. Em 1570 eles receberam a aprovação para sua evangelização na Nova Espanha, este fato se torna relevante para a devoção porque, a chegada dos Jesuítas, marca um novo período para divulgação à Virgem de Guadalupe.

“No final de 1570, a cidade do México pediu por escrito a Filipe II aos jesuítas que, "cumprindo as obrigações do seu instituto apostólico, o documento especifica que eles serão muito úteis nas cidades recém-fundadas, particularmente nesta grande cidade do México, chefe de todo o reino, que precisa de professores de leitura e escrita, de latim e de outras ciências, que Vossa Majestade sabe muito bem, são suas, na Europa e na cultura dos indígenas e redução das nações gentias, muito importante.”<sup>43</sup> (Lopetegui; Zubillaga, 1965, p. 538)

Diferentemente dos franciscanos, que abafaram a devoção, os jesuítas se empenharam em espalhá-la e se beneficiar de seu uso na evangelização. É a partir do século XVII que

---

<sup>43</sup> Hacia fines de 1570, la ciudad de Méjico pide por escrito a Felipe II jesuitas que, «cumpliendo con las obligaciones de su apostólico instituto concreta el documento—, serán de mucha utilidad en las ciudades recién fundadas, en particular en esta gran ciudad de Méjico, cabeza de todo el reino, que necesita de maestros de leer y escribir, de latinidad y demás ciencias, cuales, sabe muy bien V. M., son los de ella, en Europa y en la cultura de los naturales y reducción de las naciones gentiles, importantísimos". (Lopetegui; Zubillaga, 1965, p. 538).

observamos, por meio da Ordem dos Jesuítas uma maior difusão da devoção. Esse crescimento será influenciado pelos intelectuais crioulos derivados das escolas fundadas pela ordem dos jesuítas na Nova Espanha ao longo do século XVII.

“Expressando-se com mais força, o vice-rei Martínez Enríquez e o conselho foram mais entusiasmados na recepção ao considerarem a necessidade urgente dos jovens crioulos da Nova Espanha de terem “professores de leitura e escrita, de latinismo e de outras ciências”. [...] O problema não era menor: sem essa educação, como poderiam os jovens crioulos aspirar a cargos de padres ou juristas ou, menos ainda, a tornarem-se cônegos da catedral ou ouvintes da Corte Real? Para satisfazer esta exigência, o primeiro provincial jesuíta Pedro Sánchez, professor da Universidade de Salamanca e reitor do Colégio de Alcalá de Henares, rapidamente estabeleceu na capital os colégios de San Pedro e San Pablo, para instruir futuros candidatos ao sacerdócio.”<sup>44</sup> (Brading, 2015, p. 58).

Essas escolas, segundo Jacques Lafaye, formaram os homens crioulos que viriam a ser os futuros padres e grande parte da elite intelectual crioula da Nova Espanha no período, e deu origem a um novo pensamento acerca da história do local. Cada vez mais, os crioulos almejavam a escrita de uma história mexicana que representassem seus ideais e fortalecesse sua identificação.

“O declínio dos franciscanos, deslocados pela Companhia de Jesus, corresponde às mudanças na composição étnica e social do país. Os jesuítas tornaram-se os porta-vozes das queixas, aspirações e esperanças crioulas: fazer da Nova Espanha a Outra Espanha. A consciência da singularidade da Nova Espanha aparece cedo, no dia seguinte à conquista; A transformação dessa consciência numa vontade de criar Outra Espanha durou mais de um século. Foi expresso pela primeira vez em altas criações artísticas e especulações sacro-históricas; mais tarde em argumentos políticos como o famoso sermão do Irmão Servando Teresa de Mier na Basílica de Guadalupe em que afirmou, agora como um dos

---

<sup>44</sup> “Expresándose con más atingencia, el virrey Martínez Enríquez y el cabildo fueron más entusiastas en su acogida al considerar la urgente necesidad de los jóvenes criollos de la Nueva España de contar con "maestros de leer y escribir, de latinidad y demás ciencias". [...] El problema no era menor: sin tal educación, ¿cómo podrían los jóvenes criollos aspirar a puestos como sacerdotes o juristas o, menos aún, a convertirse en canónigos de la catedral o en oidores de la Real Audiencia? Con el objetivo de satisfacer esta demanda, el primer provincial jesuita Pedro Sánchez, profesor de la Universidad de Salamanca y rector del Colegio de Alcalá de Henares, estableció rápidamente los colegios de San Pedro y San Pablo en la capital, para así poder instruir a los futuros candidatos al sacerdocio.” (Brading, 2015, p. 58).

fundamentos do direito à independência, a identidade entre Quetzalcóatl e o apóstolo São Tomás.”<sup>45</sup> (Lafaye, 2015, p. 14).

O número de sacerdotes crioulos aumentou consideravelmente em decorrência das escolas jesuíticas, fato que se dá também em consequência as suas missões pelo território. Brading analisa que no fim do século XVII, 69% dos clérigos que ocupavam as regiões das províncias da Nova Espanha, eram crioulos formados nas escolas da Companhia de Jesus. A enormidade desse número nos leva a pensar que, boa parte dos fiéis da região escutavam sermões baseados no pensamento crioulo, ou seja, possivelmente estavam infusos, desde o século XVII pela ascensão desses pensamentos. Não somente, podemos pensar que no século XVII, boa parte dos fiéis católicos da região estavam em contato com a devoção à Virgem, que, foi a mais difundida entre os jesuítas crioulos do período.

“A Companhia não poderia ficar alheia às consequências advindas da educação que ministrava. Embora sucessivos generais alertassem os provinciais contra a aceitação de números excessivos de crioulos, a expansão das atividades da Companhia no Novo Mundo implicou um aumento inevitável no recrutamento, geralmente proveniente das fileiras dos seus próprios estudantes. Como demonstrou Bernard Lavallé, 29% dos padres crioulos na província mexicana por volta de 1600 aumentaram para 58% em 1653 e 69% em 1696.”<sup>46</sup> (Brading, 2015, p. 59).

---

<sup>45</sup>“A los cambios en la composición étnica y social del país corresponde el ocaso de los franciscanos, desplazados por la Compañía de Jesús. Los jesuitas se convirtieron en los voceros de los agravios, las aspiraciones y las esperanzas criollas: hacer de la Nueva España la Otra España. La conciencia de la singularidad novohispana aparece temprano, al otro día de la conquista; la transformación de esa conciencia en una voluntad por crear Otra España duró más de un siglo. Se expresó primero en altas creaciones artísticas y especulaciones sacrohistóricas; después en alegatos políticos como el célebre sermón de fray Servando Teresa de Mier en la basílica de Guadalupe en el que afirmó, ahora ya como uno de los fundamentos del derecho a la independencia, la identidad entre Quetzalcóatl y el apóstol Santo Tomás.” (Lafaye, 2015, p. 14).

<sup>46</sup>“La Compañía no pudo permanecer ajena a las consecuencias que se originaron a raíz de la educación que impartía. A pesar de que sucesivos generales les advirtieron a los provinciales que no debían aceptar cantidades excesivas de criollos, la ampliación de las actividades de la Compañía en el Nuevo Mundo implicó un inevitable incremento en el reclutamiento, por lo general salidos de las filas de sus mismos alumnos. Como lo ha demostrado Bernard Lavallé, 29% de sacerdotes criollos en la provincia mexicana hacia 1600 se elevó a 58% en 1653 y a 69% en 1696.” (Brading, 2015, p. 59). Tradução da autora.

No século XVII surgem os primeiros anseios acerca da autonomia administrativa da Nova Espanha, esse foi um fator fundamental para o incentivo a formação de mais crioulos nas escolas jesuíticas.

“Muitos padres aspiravam a completar a autonomia administrativa em relação à Espanha, com a qual a Nova Espanha só estaria ligada por submissão comum ao mesmo soberano. Outros, menos ousados, certamente aspiravam apenas devolver aos crioulos metade dos cargos decisivos na administração, no exército e na Igreja do vice-reinado (a outra metade seria confiada aos "espanhóis europeus").”<sup>47</sup> (Lafaye, 1977, p. 132)

O crescimento da Ordem dos Jesuítas na Nova Espanha se choca com o desenvolvimento da imprensa, os crioulos que estarão à frente das publicações de novenas, livros, entre outros, recebem diretamente influência da Ordem, o que desagua num grande número de publicações acerca da Virgem de Guadalupe. Essas publicações, contribuem para o desenvolvimento e crescimento da devoção na Nova Espanha, fazendo com que ela se torne mais conhecida e recorrida, devido a sua tiragem na imprensa.

“Mas o número de títulos e os dados que temos em relação às reedições, e ocasionalmente às impressões, colocam em primeiro lugar a devoção à Virgem Maria e em particular às suas imagens mexicanas. Entre estes, a “imagem prodigiosa” de Guadalupe conquistou inquestionavelmente o primeiro lugar nestes 30 anos.”<sup>48</sup> (Lafaye, 2015, p. 116).

É também pelos esforços jesuíticos que a devoção será reconhecida pela Igreja em 1754, outro fator importante para o desenvolvimento da devoção na Nova Espanha. Compreenderemos adiante, o sentimento crioulo acerca desse fato, contudo, nesse momento precisamos reconhecer a participação jesuítica na difusão da devoção. O auxílio da ordem, foi fundamental para que a devoção fosse ampliada e, essa ampliação, levou ao reconhecimento da devoção pelo Papa Bento XIV.

---

<sup>47</sup> “Muchos sacerdotes aspiraban a una completa autonomía administrativa con respecto a España, con la cual Nueva España sólo estaría ya ligada por la común sumisión a un mismo soberano. Otros, menos atrevidos, seguramente apenas aspiraban a que se le devolviese a los criollos la mitad de los puestos decisivos dentro de la administración, el ejército y la Iglesia del virreinato (la otra mitad quedaría confiada a los «españoles europeos».” (Lafaye, 1977, p. 132)

<sup>48</sup> “Pero la cantidad de títulos y los datos que poseemos en relación con las reediciones, y ocasionalmente con las tiradas, sitúan en primer lugar la devoción a la Virgen María y en particular a sus imágenes mexicanas. Entre éstas, la “prodigiosa imagen” de Guadalupe conquista sin discusión el primer puesto durante estos 30 años.” (Lafaye, 2015, p. 116).

“Bispos e vice-reis – pressionados por clérigos, professores, confessores e pregadores crioulos, e encorajados neste caminho pelo apoio popular, unânime, já que incluía os índios (e as castas) e os crioulos – prestaram homenagem a Guadalupe, em 1750 uma nova colegiada foi construída em Tepeyac, e, em 1754, os esforços do arcebispo do México e a verdadeira campanha levada a cabo pelos jesuítas perante a Santa Sé alcançaram o reconhecimento pontifício do patrocínio de Guadalupe sobre a Nova Espanha ou, como também foi frequentemente chamada, “América Setentrional”.<sup>49</sup> (Lafaye, 2015, p. 118).

Parte do crescimento da devoção à Nossa Senhora de Guadalupe se deve aos esforços da Companhia de Jesus em sua divulgação. É essa divulgação que abre espaço para que as publicações acerca da Virgem de Guadalupe se iniciem e o desejo por uma história mexicana cresça nos ambientes crioulos. A Companhia se faz importante na história da devoção à Virgem de Guadalupe por suas contribuições enquanto ordem religiosa na Nova Espanha. As medidas que impactam a devoção, surgem por meio da catequização promovida pelos jesuítas. A Ordem não chega na Nova Espanha objetivando ampliar a devoção, mas sim, auxiliar na catequização indígena. Contudo, seu crescimento na sociedade, a criação dos colégios e a formação de homens que irão fazer parte da imprensa local, afetam a forma como a devoção será utilizada.

Portanto, a chegada da Ordem dos Jesuítas é um fator de importante contribuição para que a devoção à Virgem de Guadalupe não seja esquecida pela Igreja da Nova Espanha e por sua sociedade. Por todas as questões já citadas, os franciscanos não foram de grande contribuição para o espalhamento da devoção, entretanto, a vinda dos jesuítas para a região preenche a lacuna deixada por eles em sua divulgação. Temos assim uma ampliação que emerge no século XVII e trará no século XVIII maior reconhecimento a devoção. Esse reconhecimento influenciará em questões que se fazem importantes para sua consolidação, como o triunfo da Virgem em relação à outras devoções também propagadas na região.

A formação dada pelos jesuítas aos crioulos em seus colégios abre precedentes para a formação de uma consciência acerca da noção emancipação e os fazem almejar a administração

---

<sup>49</sup> “Obispos y virreyes —empujados por los clérigos, los profesores, los confesores y los predicadores criollos, y animados en esta senda por la adhesión popular, unánime, ya que englobaba a los indios (y a las castas) y a los criollos— pagaron su tributo a la Guadalupe, en 1750 se construyó una nueva colegiata en el Tepeyac, y, en 1754, las gestiones del arzobispo de México y la verdadera campaña llevada adelante por los jesuitas ante la Santa Sede lograron el reconocimiento pontificio del patrocinio de Guadalupe sobre Nueva España o, como también solía llamársele, “la América septentrional”.” (Lafaye, 2015, p. 118).

colonial, fato que futuramente será levantado na formação de identidade nacional. Essa emancipação será ainda mais almejada futuramente por ocorrência das invasões napoleônicas ao território espanhol. Podemos então pensar, que a construção do que virá a ser o “patriotismo crioulo” tem seu início no século XVII, pela educação proporcionada pelos colégios da Companhia de Jesus.

Na medida em que podemos falar de uma consciência colectiva e de uma opinião, numa sociedade tão diferente da nossa, pode-se dizer que elas se expressaram através das suas vozes e das suas penas. A sua preocupação escatológica, o seu fervor devoto, as suas aspirações patrióticas são as mesmas que a história triunfaria menos de um século depois.<sup>50</sup> (Lafaye, 1977, p. 129)

As análises presentes nesse capítulo nos aproximam da história da devoção, de modo que, nos leve a sua melhor compreensão. Pensar a conquista se faz necessário para pensar o surgimento da devoção; pensar o surgimento da devoção se faz necessário para compreender sua necessidade e sua posterior divulgação; pensar a divulgação da devoção por meio dos auxílios prestados Companhia de Jesus, nos ajudarão a compreender o crescimento da devoção; todos esses fatos em conjunto servem, de alguma maneira, para preencher os espaços necessários a trajetória da devoção. Por meio desses aspectos podemos observar fatores fundamentais ao crescimento da devoção a Nossa Senhora de Guadalupe na sociedade da Nova Espanha.

De maneira geral, existem muitos pontos em torno da devoção a Virgem de Guadalupe que podem ser observados, a fim de que, exista uma compreensão melhor da sociedade do período. Sem dúvidas a religião era ponto importante na época, capaz de mobilizar questões sociais em torno de suas contribuições. A importância da religiosidade para ambas as culturas também torna-se um fator decisivo para a consolidação da devoção que surge para ajudar a fomentar conversões nos povos mexicas.

De uma forma ou de outra, ao analisarmos o culto Guadalupano, podemos reconstruir alguns aspectos da história do México a partir do século XVI. A devoção, a qual temos indícios de seu surgimento no século XVI na Nova Espanha, teve sua ampliação ao longo do século XVII, sendo difundida pelos jesuítas na região e nos séculos seguintes, alcança o feito de ser

---

<sup>50</sup> “En la medida en que podemos hablar de una conciencia colectiva y de una opinión, en el seno de una sociedad tan diferente de la nuestra, puede decirse que se expresaron mediante sus voces y sus plumas. Su inquietud escatológica, su fervor devoto, sus aspiraciones patrióticas son las mismas que la historia haría triunfar menos de un siglo más tarde.” (Lafaye, 1977, p. 129).

equiparada a um símbolo nacional que carregará a identificação desses povos e fomentará seu uso em momentos sociais e políticos, como veremos ao longo desse trabalho.

Esses aspectos são fundamentais para o entendimento acerca da devoção que foi se consolidando com o passar dos séculos. Dessa forma, a escolha do primeiro capítulo dessa dissertação visa esclarecer não somente o surgimento da devoção, mas sua consolidação e afirmação em meio ao cenário estudado.

## Capítulo 02 – Periódicos que atestam a importância da devoção

Desde seu surgimento, a devoção a Virgem de Guadalupe movimenta a sociedade mexicana à curiosidade em relação ao seu uso. Ao longo da história mexicana vemos em diferentes momentos a utilização da devoção e como ela vai se moldando as necessidades enfrentadas pela sociedade. No século XVI, a devoção representa o olhar da Virgem sob os povos indígenas recém-descobertos e a necessidade de aceitação ao catolicismo<sup>51</sup>. Durante o século XVII, a devoção vai se estabelecendo e o número de fiéis aumentando gradativamente com o passar dos anos. No século XVIII, importantes acontecimentos influenciam a sociedade mexicana para uma maior identificação com a devoção: primeiro podemos pontuar a proteção creditada à Virgem no combate a algumas epidemias vivenciadas; em segundo, o crescimento da necessidade de se obter símbolos nacionais que pudessem gerar uma identificação verdadeiramente mexicana.

Com o intuito de compreender melhor como se dão os fatos até que a Virgem represente essa identificação nacional, escolhemos como fonte de pesquisa periódicos publicados há mais ou menos 300 anos. Tais publicações geram algumas dificuldades para a compreensão do período estudado, e da mesma forma, nos trazem a luz acontecimentos cotidianos que nos permitem obter maior entendimento acerca da vivência religiosa da sociedade mexicana do século XVIII.

Nas análises deste capítulo pretendemos justificar a escolha dos periódicos, analisar notícias saídas dessas fontes, compreender como elas interferiam na sociedade (ou vice-versa), para assim, conseguirmos identificar quando e porque a Virgem de Guadalupe se torna símbolo do nacionalismo mexicano e, no período de independência, é utilizada como estandarte político.

Claramente, quando nos utilizamos de notícias, precisamos compreender alguns fatores. Por essa razão, algumas justificativas serão aqui iniciadas, para serem pensadas ao longo da exposição dos periódicos.

---

<sup>51</sup> O surgimento da devoção se dá através da narrativa das aparições de Nossa Senhora de Guadalupe no monte Tepeyac que teriam ocorrido entre os dias 09 e 12 de dezembro, segundo o Nican Mopohua, no ano de 1531. “Aqui está reunido e narrado como, recentemente e de forma maravilhosa, apareceu à perfeita Virgem Santa Maria Mãe de Deus, nossa Rainha, conhecida como Guadalupe, lá em Tepeyácac, o —nariz do monte.” (Suess, 1992, p. 476). A datação desse documento acaba por gerar dúvidas aos pesquisadores da aparição devido à grande distância entre os fatos e à sua escrita. De um lado, existe toda a crença da cultura indígena, baseada na história oral, perpassada de geração em geração através de histórias, até que, Luiz Lasso de La Vega decidiu o publicar o documento narrando as aparições. De outro, existem questionamentos do porque a Igreja Católica não se manifestou durante os acontecimentos e do porque Dom Juan de Zumárraga (1468 – 1548), o bispo do México, não escreveu um relato oficial a ser enviado para a Espanha, responsável pela colônia, narrando o milagre e pedindo reconhecimento sobre ele. Zumárraga era a figura máxima do catolicismo no México, sua palavra seria de alto valor para o clero espanhol, para os reis e é claro, para que o Papa oficializasse a devoção.

## 2.1 – A escolha dos periódicos mexicanos como fonte de pesquisa

O periódico “Gaceta de México<sup>52</sup>” surge em 1722 no México<sup>53</sup> com o objetivo de noticiar os acontecimentos relevantes da sociedade, e também, trazer informações aos colonos acerca da metrópole, nesse caso, o Reino Espanhol. A escolha do periódico como fonte de pesquisa se dá pela notoriedade que ele ocupa na sociedade em que é apresentado. O surgimento da imprensa nas colônias marca um novo período na história das relações entre metrópole-colônia, dessa forma, estudar um periódico presente no contexto histórico em que os fatos se sucedem, pode ser benéfico para a reconstrução do pensamento social da época.

“O nascimento da imprensa jornalística, no continente latino-americano, ocorreu graças a uma série de acontecimentos que coincidiram, historicamente, com a formação das primeiras estruturas nacionais no continente europeu, que são justamente as de Portugal e de Espanha; os processos de conquistas coloniais, ocorridos ao longo dos séculos XV e XVI.” (Hohlfeldt, 2022, p.15)

A presença da imprensa na Nova Espanha já ocorria desde o ano de 1542, mas não com o formato de Gaceta. A Gaceta de México surge com um editor criollo a sua frente e com notícias de cunho eclesiástico, que tinha como propósito noticiar os acontecimentos da Nova Espanha<sup>54</sup>. O surgimento do periodismo marca uma tentativa de elevação do pensamento intelectual na colônia, com os periódicos seria possível tornar a comunicação dos acontecimentos notícias que movimentassem a sociedade colonial. “As primeiras reportagens do tipo gazeta continham diversas notícias e não a simples narração de um único acontecimento, podendo, portanto, ser consideradas precedentes imediatos de periodicidade [...]” (citado por Hohlfeldt, 2022, p.15).

<sup>52</sup> “CORRESPONDE A DON Juan Ignacio de Castorena y Ursúa Goyeneche, tesorero dignidad de la Catedral Metropolitana, y provisor y vicario general de los naturales del Cabildo de México, iniciar el periodismo regular de la Nueva España, al fundar, en enero de 1722, la Gaceta de México y Noticias de Nueva España.” (Valdez, 1784, p.01)

<sup>53</sup> “Felipe de Anjou (Felipe V) era descendente dos Bourbon e trouxe as ideias da Ilustração à Espanha. Esta política é continuada por seu sucessor, Felipe VI e por Carlos III, quem autoriza a introdução da imprensa na Nova Granada (constituída pelos atuais Panamá, Colômbia, Equador e Venezuela, em 1777). Consolidava-se, assim, nos vice-reinos espanhóis, as atividades impressoras que haviam começado, ainda no século XVI, no México (Nova Espanha) e no Peru (SILVEIRA, 2014, p. 53 e ss.)” (Hohlfeldt, 2022, p.17).

<sup>54</sup> “Castorena funda su iniciativa de editar una Gaceta a intervalos regulares invocando el uso común en las principales metrópolis europeas, extendido ya a la América: “... pues imprimirlas es política tan racional, como autorizada de todas las cortes de Europa, dando a la estampa las noticias que ocurren en el breve tiempo de siete días, por el distrito capaz de sus dominios.” (Valdez, 1784, p.01)

<sup>55</sup> “Las primeras relaciones tipo gaceta contenian diversas noticias y no simple narración de un solo hecho, y por tanto se pueden considerar precedentes inmediatos de la periodicidad [...]” (citado por Hohlfeldt, 2022, p.15).

Logo, a utilização de periódicos como meio de comunicação, se torna um marco nas relações coloniais e aproximam os colonos de movimentos vivenciados pela metrópole na Europa.

“Sobre a utilidade das Gazetas, Castorena faz detalhamento reflexões, que nos ilustram sobre o conceito de jornalismo que era comum em sua época: "Não é sem utilidade, pois mais de razão geral para as Gazetas, sendo estas uma relação muito fiel do que acontece nestas vastas regiões, pode, sem qualquer esforço, ser quero discretamente, com a diligência de reuni-los, formar alguns Anais no futuro, em que sem o cuidado de examiná-los, consegue aplausos de escrevê-los, e os correspondentes, para agradar a quem em Europa pede notícias da América, para enriquecer com novidades suas histórias."<sup>56</sup> (Castañeda, 2012, p. 39)”

Dessa forma, trago algumas questões a serem pensadas. Em um artigo denominado “Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa” Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto visam trazer uma problematização do uso dos meios de imprensa como fonte por historiadores, de forma que, propõe procedimentos teóricos-metodológicos que visam auxiliar nessa utilização, unindo-a às lutas sociais - o que pretendemos fazer ao longo dessa pesquisa.

As autoras demonstram como, nos últimos anos, tem havido um aumento considerável na utilização dessas fontes, até mesmo fora do campo de pesquisa. Apesar da importância da utilização desses meios para o avanço da pesquisa histórica, pouco se tem discutido sobre as metodologias adequadas para seu uso. Fato que pode prejudicar a leitura do pesquisador sobre sua fonte, tornando sua percepção sobre o assunto comprometida.

“A questão é: se temos avançado na diversificação dos materiais com os quais trabalhamos, e neste movimento temos incorporado fortemente a imprensa em nossas pesquisas e atividades de ensino, parece que temos avançado pouco naquela outra dimensão de que falam os parâmetros e diretrizes, ou seja, na formação específica que prepare os profissionais da área para o trabalho de crítica histórica desses materiais.” (Cruz; Peixoto, 2007, p. 256)

---

<sup>56</sup> “En cuanto a la utilidad de las Gacetas, Castorena hace prolijas reflexiones, que nos ilustran sobre el concepto del periodismo que era común en su tiempo: "No carece de utilidad, pues a más del general motivo de las Gacetas, siendo éstas una fidelísima relación de lo que acaece en estas dilatadas regiones, puede sin trabajo cualquier discreto, con la diligencia de juntarlas, formar unos Anales en lo futuro, en que sin el cuidado de examinarlos, logra el aplauso de escribirlos, y los correspondientes, el de complacer a los que em Europa piden noticias de la América, para enriquecer con novedad sus historias..” (Castañeda, 2012, p. 39).

Unindo algumas pesquisas já feitas sobre o periodismo no México, juntamente com um olhar voltado para a metodologia proposta por Cruz e Peixoto, a pesquisa visa fazer uso dos periódicos de forma que suas notícias levem a compreensão do social. Não pretendemos apenas compreender a devoção à Virgem de Guadalupe, mas, demonstrar como através das notícias circulantes, ela se incorpora e se enraíza na sociedade, permanecendo ainda hoje, uma devoção considerável a sociedade mexicana.

É necessário compreender o objetivo da publicação das Gacetas: a divulgação de notícias relevantes à sociedade do período.

“Deve-se fazer uma clara distinção entre as relações e as gazetas. As relações se ocupavam de um único tema ou relato, ainda que tais narrativas pudessem abarcar um período tão extenso como o de todo um ano. Mas a “periodicidade, a continuidade, a amplitude e um claro propósito de divulgar notícias [variadas] eram as características específicas das gazetas e marcavam diferenças entre estas e as relações, com as quais conviveram muito tempo”, explica Alejandro Pizarroso Quintero [...]” (Hohlfeldt, 2022, p.18)

A utilização desses meios não tem sido aproveitada da maneira mais adequada, afirmam que segundo Cruz e Peixoto, que em muitas pesquisas existe uma separação entre a fonte e o método de escrita e que os materiais não conseguem ser aproveitados em sua totalidade. Seu uso, recorrentemente aparece nas pesquisas de maneira que essas fontes são utilizadas somente como fontes, sendo assim vinculadas aos acontecimentos, mas não utilizadas para de fato compreendê-los e explicá-los. Posto isto, podemos identificar as preocupações que abarcam o texto redigido pelas pesquisadoras: o melhor aproveitamento das fontes como forma de se compreender os aspectos sociais vividos pelas sociedades por elas retratadas.

“No uso corrente em monografias, dissertações e teses, nas quais vez por outra, a imprensa é apresentada como fonte subsidiária ou secundária, as publicações são tomadas como meras fontes de informação. Via de regra, o que prevalece é uma pesquisa sobre o assunto em pauta, na qual artigos e seções identificados são imediatamente deslocados dos veículos e integrados, sem quaisquer mediações de análise, ao contexto macro da pesquisa. Assim, por exemplo, notícias sobre os movimentos sociais ou sobre greves veiculadas por algum jornal da grande imprensa ou revista semanal no período da ditadura, são dali deslocadas e imediatamente articuladas à produção de uma narrativa sobre como ocorriam os movimentos naquele período.” (Cruz; Peixoto, 2007, p. 256)

A imprensa tem um importante papel no desenvolvimento das questões de determinada época, pois atua como meio de informação aos homens e mulheres que viveram as transformações causadas ao longo do processo. Com isso, a imprensa deve ser analisada como parte inserida no meio e não separada. As notícias escolhidas, as manchetes publicadas, os textos regidos... todos contribuem para a formação do pensamento dos viventes do período e podem ser motores para as tomadas de decisões acerca de determinados fatores. Assim sendo, nos atentemos que “[...] é preciso pensar sua inserção histórica enquanto força ativa da vida moderna, muito mais ingrediente do processo do que registro dos acontecimentos, atuando na constituição de nossos modos de vida, perspectivas e consciência histórica.” (Cruz; Peixoto, 2007, p. 257).

No caso da Gaceta do México, existem datas importantes que marcam sua presença na sociedade. Entre os anos em que ocorreram a tiragem do periódico, observamos sua preocupação em demonstrar os acontecimentos, mas, não somente. Existem momentos em que publicações com poemas também ocorrem no periódico, no caso da Virgem de Guadalupe, observamos poemas de cunho nacionalista ao longo das publicações. Além disso, a partir de 1728<sup>57</sup> vemos sempre a presença da águia nas capas dos periódicos, a mesma que atualmente estampa a bandeira nacional mexicana, demonstrando-nos certo enraizamento de outro símbolo colonial que se perpetua na sociedade.

Assim, através dos periódicos “Gaceta de México”, “Gazeta de México”, “Diario de Mexico” e “Gazeta del Gobierno del México” podemos analisar a situação da imprensa local da sociedade mexicana, nesse caso, com um foco marcado nas publicações que rememorem fatos acerca da devoção à Virgem de Guadalupe e sua funcionalidade entre os séculos XVIII e XIX, tendo um crescimento significativo a partir de 1722.<sup>58</sup> Durante sua existência a Gaceta

---

<sup>57</sup> “Com denominação semelhante, surgiu uma segunda Gazeta de México, em 1728, a cargo de outro sacerdote, Juan Francisco Sahagún de Arévalo Ladrón de Guevara, que manteria as características da primeira e circularia até 1739, alcançando a publicação de surpreendentes 1245 edições, o que é uma verdadeira epopeia. Em sua segunda fase, a mais importante, continuou a ter 4 páginas, incluindo matérias científicas e sobre meteorologia, além de poemas, melhor adequando-se à inspiração do Século das Luzes. Enquanto existiu, o jornal circulou por todo o vice-reino, pois tinha correspondentes em diferentes regiões. Cada edição vinha encimada pela imagem de uma águia devorando uma serpente, como uma espécie de logotipo do periódico, e que depois se tornaria a imagem oficial da bandeira do México independente, sendo plenamente (re)conhecida pela maior parte da população (ESTRADA, s.d.)” (Hohlfeldt, 2022, p.21)

<sup>58</sup> “A introdução da imprensa na Nova Espanha está comprovada, em todo o caso, desde 1542. Podemos dizer, sem medo de erro, que dois séculos depois beneficiou do que foi adquirido numa longa tradição. Contudo, dois obstáculos importantes impediram o seu progresso: a instalação de uma tipografia estava sujeita a autorização prévia, emitida pelo rei no seu Conselho das Índias; Por outro lado, o custo de impressão era tão elevado que a venda de livros impressos na Nova Espanha teve de ser muito limitada,

passou por reformulações e foi encerrada e recomeçada em diferentes períodos. Se inicia em 1722<sup>59</sup> e retorna como *Gazeta de México* entre 1728-1739; em 1742 reaparece com outro nome “*Mercúrio de México* e depois só é continuada de 1784 até 1810, ano em que começam as lutas de independência mexicana<sup>60</sup>.

A visão de que a imprensa age de forma imparcial, denota certa ingenuidade, visto que, dificilmente conseguimos retirar testemunhos que sejam neutros e não representem uma opinião formada. Por isso, analisar a imprensa, nos traz ainda mais informações que podem estar ocultas, como: Por qual razão os fatos foram noticiados dessa forma? Quem eram os editores e redatores do meio de comunicação e qual ligação (se houver) tinham com o cenário noticiado? Como recebiam as notícias os leitores? Qual posicionamento eles adquiriram após a leitura? Essas e outras perguntas poderão auxiliar o pesquisador para ciência dos fatos trazidos por esses meios. “Convém lembrar que não adianta simplesmente apontar que a imprensa e as mídias “têm uma opinião”, mas que em sua atuação delimitam espaços, demarcam temas, mobilizam opiniões, constituem adesões e consensos.” (Cruz; Peixoto, 2007, p. 258).

Os meios de imprensa, não foram criados para serem fontes de pesquisa, e sim, para serem agentes motores de informação de dados períodos. A escolha de utilização da imprensa

---

enquanto a sua divulgação em Espanha ou nos outros vice-reinados da América era quase impossível. Por estas razões, havia muito poucos impressores na Nova Espanha. Em 1730 eram apenas dois que tinham atividade regular e um apreciável volume de publicações: José Bernardo de Hogal e a viúva (e mais tarde seus herdeiros) de Miguel de Rivera, Doña María de Rivera. A partir de 1748, começou a funcionar a tipografia da escola de San Ildefonso, que recebeu novo impulso em 1755, depois por volta de 1760, e foi um importante instrumento de influência jesuíta. Em 1753, Dom Juan José de Eguíara y Egurén instalou a “nova tipografia”, da qual sairia dois anos depois o primeiro e único volume publicado da Biblioteca Mexicana (em latim), já precedido de um exercício devoto para celebrar a mistério da Conceição de Maria e o “milagre estupendo do seu prodigioso aparecimento na sua imagem soberana e divina de Guadalupe, neste bendito reino da Nova Espanha”. Os trinta anos que estudamos caracterizaram-se, portanto, por um impressionante desenvolvimento da impressão no México, pois em vez de dois grandes impressores, em 1727 e anos seguintes, encontramos quatro a partir de 1753.” (Lafaye, 1977, p. 134).

<sup>59</sup> “Esta primeira *Gaceta de México* se deveu ao criollo Juan Ignacio Castorena Ursúa e Goyeneche, mais tarde bispo de Yucatán, que pode ser considerado o primeiro jornalista do continente. Tratava-se de uma publicação mensal, de 4 a 8 páginas, que alcançou apenas 6 edições, entre 1º. de janeiro de 1722 e junho do mesmo ano. (Hohlfeldt, 2022, p.20)

<sup>60</sup> “A *Gaceta* reaparece ainda outra vez, em 14 de janeiro de 1784, mas completamente diversa: a nova *Gazetas de México* constituía-se de 8 páginas, com suplementos variados, circulando até 1810, coincidindo com o “grito de Dolores” (15 de setembro), que inicia o processo revolucionário independentista da colônia. Nesta fase, tornou-se oficialista (GODOY, 2016, ps. 28 a 33). Era editada pelo também criollo Manuel Antonio Valdés y Munguía, com Juan López Cancelada, que logrou transformar seu jornal no mais longo da época colonial, considerando-se-lhe, por isto mesmo, o melhor jornalista destes tempos, inclusive refletindo criticamente a respeito da função social do jornalismo. Foi uma publicação quinzenal mas, a partir de 1793, tornou-se semanal, o que evidencia o crescimento do interesse pelos jornais, o que refletia, certamente, a movimentação política que chegaria aos movimentos independentistas.” (Hohlfeldt, 2022, p. 22).

como fonte corresponde a uma escolha do pesquisador e deve ser consciente e bem pensada. Assim como o período retratado por esses meios passava por transformações, eles mesmos eram formados e afetados ao mesmo tempo.

“O jornal e a revista e outros veículos impressos não nasceram prontos. A própria configuração do que hoje entendemos como um jornal, ou uma revista, um gibi, uma revista semanal noticiosa, um jornal da imprensa sindical são elas mesmas produto da experimentação e da criação social e histórica. Nesse processo de configuração dos veículos, seus conteúdos e formas, as convenções sobre como deve ser feito e o que deve conter um determinado jornal ou revista são negociados social e culturalmente, num espaço de um diálogo conflituoso sobre o fazer imprensa a cada momento histórico.” (Cruz; Peixoto, 2007, p. 259).

Em conclusão, alguns aspectos devem ser observados para bem estudar a imprensa: seu projeto gráfico, editores, iconografia, posicionamentos políticos e uma série de outras particularidades que podem acusar as intenções por trás de suas publicações. Portanto, não somente as notícias devem ser pensadas, mas todo um cenário ao qual o meio de comunicação se insere.

A escolha dos periódicos para estudar o período se justificam na necessidade de avaliar a maneira como a devoção é disposta na sociedade em meio aos eventos ocorridos. Por meio deles, pretendemos observar as mudanças ocorridas no uso da devoção e, quais são os fatores que indicam essas alterações. Na busca por notícias que fossem úteis ao estudo da devoção à Virgem, vemos constantemente seu nome aparecendo nos periódicos, sejam pelos assuntos de cunho religioso, como a celebração de missas, ou, pelas homenagens encontradas ao longo dos anos, e até mesmo, pela enormidade de pessoas que carregam o nome “Guadalupe”.

## **2.2 – As lacunas presentes no entendimento da devoção**

O México não foi o único local em que a Virgem Maria esteve presente desde os primórdios da colonização, contudo, foi à devoção mariana que mais ganhou força no território da América. Não é atoa que mesmo em meio a tantos títulos e aparições milagrosas que ocorreram em vários países, seja a Virgem de Guadalupe a Padroeira das Américas

A devoção a Virgem foi trazida às Américas pelos primeiros colonizadores, Cortés e seus homens introduziram a devoção no México. Juliana Beatriz de Souza<sup>61</sup> escreve sobre a

---

<sup>61</sup> SOUZA, Juliana Beatriz Almeida. Virgem mestiça: devoção à Nossa Senhora na colonização do Novo Mundo. *Tempo* 6, no. 11 (2001): 77-92.

forte devoção de Cabral e como na primeira missa celebrada no Brasil, a intercessão da Virgem já era invocada sob o título de Nossa Senhora da Piedade.

No âmago do catolicismo a Virgem está presente como Mãe acolhedora dos fiéis. Uma mãe compassiva que intercede por todos a quem Ela recorrem. Esse auxílio foi utilizado na América para conversão dos povos originários, em alguns casos, devoções já conhecidas, trazidas pelos colonizadores que somente a introduziram. No caso do México, apesar de sua introdução, uma devoção própria surgiu, trazendo um auxílio ainda maior, por se dirigir diretamente aos indígenas.

“Notamos, portanto, que a Virgem de Guadalupe foi à santa mais adorada no México colonial, logo em seguida a Virgem de Remédios, tornando-se símbolos cristãos. Segundo Richard Nebel (2005, p. 108), somente na Cidade do México foram veneradas 44 imagens ditas milagrosas da Virgem Maria em época colonial.” (Beltramini, 2014, p.12).

A criação desse símbolo impacta a sociedade em abrangência. Ao falarmos da Virgem de Guadalupe numerosos são os acontecimentos em que sua intercessão foi recorrida na sociedade mexicana. Esse, entre outros fatores são de extrema importância para a análise desse símbolo. Em nossa pesquisa, nos concentramos em identificar o uso da devoção em questões sociais e políticas dos séculos XVIII e XIX, contudo, as pesquisas acerca da devoção a Virgem de Guadalupe podem ser as mais diversas, tendo em vista sua amplitude para a sociedade estudada. O que nos leva a identificação da grandiosidade desse símbolo.

A presença da devoção à Virgem nas colônias foi forte, graças ao número de seus devotos. No catolicismo, existem muitos santos que poderiam ser auxiliares da missão de conquistar o Novo Mundo, mas a Virgem sempre esteve em primeiro plano no âmbito devocional para os conquistadores, desde o encontro de novas terras. “Para os crioulos do México, a imagem milagrosa de Tepeyac foi uma graça suprema que Maria concedeu ao povo mexicano, e *Non fecit taliter omni nationi*.”<sup>62</sup> (Lafaye, 1977, p.312). Nesse sentido, podemos observar como a aparição de Guadalupe tornou-se unificadora dos povos. Seu discurso ao indígena e o nome da devoção que remetia a Espanha foi um meio crucial para o esquentamento da devoção mariana no México e conseqüentemente, do catolicismo no local.

Existem diversos dos fatores que poderiam ser pensados acerca da devoção à Virgem de Guadalupe, como sua aparição, sua divulgação, o recebimento de sua devoção pelos povos, sua simbologia, sua ligação com antigas devoções indígenas, sua elevação ao patronato

---

<sup>62</sup> “Para los criollos de México, la milagrosa imagen del Tepeyac era una gracia suprema que María había hecho al Pueblo mexicano, y *Non fecit taliter omni nationi*” (Lafaye, 1977, p.312)

universal das Américas, sua utilização em outros momentos políticos da história mexicana, entre outros momentos e usos de vultuosa importância.

Desse modo, deixamos claro que o campo às pesquisas em torno da Virgem são incontáveis e o incentivo a seus estudos, pode gerar avanços significativos ao entendimento da devoção ao longo dos séculos, em diferentes áreas.

Apesar de não podermos afirmar ao certo o ano em que a devoção surgiu, devido a falta de um documento oficial, sabemos que antes de 1548 ela já existia, período próximo à conquista, em 1521. Também sabemos que ainda no século XVI, Dom Montúfar funda o primeiro santuário a Virgem de Guadalupe, em 1555, um ano antes do *Interrogatório*<sup>63</sup> de Bustamante. O santuário foi construído com ajuda popular, algo que já demonstra forte devoção carregada pela imagem, antes guardada em uma capela no Tepeyac.

“Este novo santuário pôde ser construído graças a uma subscrição pública, o que mostra que a devoção a Guadalupe del Tepeyac já contava com um número suficiente de devotos para fornecer o suficiente para construir um edifício numa altura em que a imposição da construção no México mobilizou os recursos disponíveis. mão-de-obra e não poderia deixar de implicar um grande aumento nos preços da construção. <sup>64</sup>” (Lafaye, 1974, p. 374).

Ao longo do século XVII podemos observar importantes fatos em relação a devoção da Virgem de Guadalupe, pois, para muitos autores, é nesse momento em que ela se consolida na sociedade mexicana. Em seu livro “História da América Latina”<sup>65</sup> Pierre Chaunu, na primeira parte, aborda sobre as questões acerca da América colonial. O próprio autor cita que “Não se

---

<sup>63</sup> Interrogatório ocorrido entre o bispo Dom Montúfar e o Frei Francisco de Bustamante devido a acontecimentos referentes a celebração da festa da Natividade de Nossa Senhora, do ano de 1556, que se originou devido a um sermão feito em meio a Missa pelo dito Frei. Bustamante havia demonstrado certa preocupação em relação ao culto que Nossa Senhora de Guadalupe estava recebendo dos povos indígenas, ao qual o religioso franciscano considerava idolatria. Em seu sermão, ele afirmava que a imagem havia sido pintada por um indígena e foi utilizada para além dos propósitos que caberiam a ela: fazer memória a Virgem. Nos deparamos com uma questão resolvida somente após o Concílio de Trento: a utilização de imagens como meio de fazer o fiel se lembrar da santidade presente no que a imagem representa. Segundo o que foi dito no sermão proferido pelo Frei, a imagem da Virgem de Guadalupe não havia surgido de forma milagrosa e nem realizava milagres, fator que o levou a considerar a devoção idólatra; pois, para ele, os milagres deveriam ser atribuídos somente a Deus. “Em meados do XVI, também temos o *Informaciones 1556*, um interrogatório entre o bispo Montúfar e frei Bustamante, no qual o primeiro defende a devoção e o segundo a critica, dizendo que não se passa de idolatria.” (Beltramini, 2013, p. 12).

<sup>64</sup> “Ese nuevo santuario pudo ser construido gracias a una suscripción pública, lo que demuestra que la devoción por la Guadalupe del Tepeyac contaba ya con un número suficiente de devotos como para reunir con qué construir un edificio en una época en que el impuesto de la construcción en México movilizaba la mano de obra disponible y no podía dejar de implicar una gran alza de los precios de la construcción.” (Lafaye, 1974, p. 374).

<sup>65</sup> CHAUNU, Pierre. História da América Latina. 5ª edição. São Paulo. Difel Editorial, 1983.

pode separar o estudo da administração do clero que foi um dos seus melhores agentes” (Chaunu, 1983, p. 35) e em poucos parágrafos descreve a participação da Igreja na conquista e colonização do México. Contudo, cita a importância das ordens religiosas, mas não se aprofunda nos trabalhos que fizeram para que os indígenas fossem catequizados. “Mas as ordens religiosas – franciscanos, dominicanos, agostinhos – desempenharam, no trabalho de conversão dos indígenas, um papel capital antes que os jesuítas viessem ocupar o lugar de vanguarda nos séculos XVII e XVIII” (Chaunu, 1983, p. 35). No século XVII a devoção a Virgem se consolidou com a ajuda dos Jesuítas, o autor os cita, mas deixa de lado seu trabalho em relação a Virgem.

“Para os jesuítas, a aparição da Virgem no México era o que existia de mais milagroso na Nova Espanha. Além disso, representava uma forma de combate à idolatria tão praticada pelos indígenas. De acordo com Sánchez (apud VILLAR; ANDA, 2004, p. 178), o culto no Novo Mundo era necessário para sanar a “bárbara gentilidad y diabólica idolatría”. A proposta do cronista era dilatar a Igreja no México por meio “del Evangelio por mano de María Virgen Madre de Dios, asistente conquistadora” (SÁNCHEZ, 2004, p. 178-179). Logo, podemos perceber que, se no século XVI o culto à Guadalupe era considerado uma idolatria, no século seguinte a devoção se tornou a maior arma para combater o pecado dos idólatras.” (Beltramini, 2013, p. 53).

O mesmo acontece com Delgado de Carvalho e Anna Maria Delgado de Carvalho Riemer em “História das Américas<sup>66</sup>” em que os autores fazem um apanhado geral de assuntos relacionados a América e também atribuem valor à participação da Igreja, porém, ainda com menos detalhes que Chaunu. “Durante séculos, durou esta estreita colaboração entre o Estado e a Igreja, com apoio mútuo e concessões mútuas” (Carvalho; Riemer, 1975, p. 174) ou em outro trecho “A união da Igreja e do Estado nos tempos coloniais consistia essencialmente no reconhecimento mútuo de suas respectivas leis e de privilégios.” (Carvalho; Riemer, 1975, p. 174). Ou seja, limitam a participação da Igreja de maneira estritamente política, ignorando sua influência religiosa, tornando o entendimento acerca do período demasiado incompleto. Neste caso, a Virgem de Guadalupe é citada, porém, somente no período da Independência devido sua utilização no Estandarte de Hidalgo. “Hidalgo e Morelos são nomes de dois Estados mexicanos que lembram a ativa participação do clero no movimento de independência, iniciado pelo “Grito de Dólores” sob o estandarte de N. S. de Guadalupe, na segunda década do século

---

<sup>66</sup> CARVALHO, Delgado; RIEMMER, Anna Maria D. de Carvalho. História das Américas. São Paulo. Record; 1975.

XIX.” (Carvalho; Riemer, 1975, p. 184). Embora o texto não explique o porque da utilização da imagem no movimento.

Dentre os textos aqui citados, seja talvez o “*Historia mínima de México*<sup>67</sup>” o mais completo em termos da movimentação da Igreja em relação a evangelização. O livro organizado por *El colegio del México* trás textos escritos por diferentes autores, entre eles, Ignácio Bernal, Alejandra Moreno Toscano, Luis Gonzáles, Daniel Cosío Villegas e Eduardo Blanquel. O trecho referente à conquista espiritual e a colonização, corresponde a Toscano. A autora escreve sobre os diferentes modos que os conquistadores espirituais utilizaram a seu favor na conversão dos indígenas, trazendo um panorama muito mais amplo a respeito da evangelização. Em certo trecho, fala sobre o uso das imagens e como elas foram auxiliadoras na conversão, mas ainda sim, nada sobre a devoção à Virgem é citado. Mesmo abrangendo questões religiosas, a figura da Virgem de faz ilusória no texto.

“Como se sabe, os indígenas mexicanos conseguiram desenvolver uma espécie de escrita mnemônica pela qual todo um conjunto de conhecimentos era associado a uma imagem figurativa. As pinturas religiosas que adornavam as primeiras igrejas americanas, em vez de serem concebidas como decoração, foram um instrumento eficaz de evangelização. O missionário parou diante de cada um e explicou a imagem e o simbolismo que desejava, que foram aprendidos pelos recém-convertidos<sup>68</sup>.” (Villegas, 1974, p. 58).

Por fim, o “*História das Américas*<sup>69</sup>” de Vicente Tapajós, que assim como Chaunu, Carvalho e Riemer, faz um apanhado da história do continente de maneira geral, abrangendo fatos desde a viagem de Colombo, até as independências americanas. Pouco se fala sobre a participação do clero, das ordens religiosas e de como foram os primeiros passos da conversão dos indígenas, resumindo-se a falar de forma geral da importância da Igreja no período. Sabemos que a participação do clero nas américas foi de grande influência para os acontecimentos em geral, por isso, a falta de aprofundamento nessas questões pode prejudicar a visão geral acerca da história.

“A Espanha era um país católico, daí a grande importância que veio a ter o clero,

---

<sup>67</sup> VILLEGAS, Daniel Cosío. *Historia mínima de México*. El Colegio de Mexico AC, 1974.

<sup>68</sup> “Como se sabe, los indígenas mexicanos habían logrado desarrollar un tipo de escritura nemotécnica por la que se asociaba a una imagen figurada todo un conjunto de conocimientos. Los cuadros religiosos que adornaron las primitivas iglesias americanas, más que ser concebidos como ornato, eran un instrumento efectivo de la evangelización. El misionero se detenía frente a cada uno, y explicaba la imagen y el simbolismo que deseaba fueron aprendidos por los recién convertidos.” (Villegas, 1974, p. 58).

<sup>69</sup> TAPAJÓS, Vicente Costa Santos. *Historia da América*. Forense-Universitária, 1974.

desde o princípio, nas colônias hispano-americanas. No tempo de Felipe II, os que não eram católicos foram perseguidos sem trégua, chegando mesmo a implantar-se aqui o Santo Ofício, no último quartel do século XVI. O tribunal de fé do Peru começou a funcionar em 1570; o do México, no ano seguinte. [...] Assim sendo, a fé católica veio a ser um dos mais fortes fatores de unificação das colônias espanholas na América e papel social de grande relêvo foi dado aos membros do clero secular e regular.” (Tapajós, 1974, p. 109).

A falta de aprofundamento nos livros de história da América acerca da Virgem de Guadalupe se torna prejudicial para que estudantes consigam conhecer e mensurar seu significado para o México. Somente conseguimos ter acesso as questões relacionadas a devoção se procurarmos especificamente uma obra que tenha como intenção estudá-la. Muitos dos materiais criados sobre os estudos das Américas deixam de lado esse símbolo tão marcante a história mexicana.

A falta de conhecimento sobre as questões abrangentes pela devoção a Virgem de Guadalupe prejudica o entendimento geral da história da nação mexicana que tem em uma de suas bases, a devoção a guadalupana como meio de identificação. Dessa forma, a falta de estudos gerais que contribuam na divulgação da existência de questões em torno da devoção se tornam problemas a compreensão de fatores determinantes a sociedade.

Diante disso podemos observar através dos exemplos propostos de forma geral, que a devoção á Virgem estava presente no México em diversos momentos ao longo dos séculos XVI até o XVIII, o qual iremos abordar na leitura dos periódicos que irá se suceder. A complexidade do período não pode ser resumida a tão pouca participação que atribuem alguns autores aos eventos ocorridos. Ao olharmos para o período correspondente ao século XVIII iremos observar em muitos momentos a utilização da devoção, e se pensarmos o início do XIX, veremos como ela passa de religiosa à nacionalista.

A devoção a Virgem de Guadalupe, alcança no século XVIII maior visibilidade devido a muitos fatores: a utilização dos periódicos que possibilitam aos leitores saberem mais notícias em relação a sociedade mexicana; a maior impressão de livros acerca da devoção e contando a história de sua aparição; as epidemias vivenciadas pela sociedade e a forma como a devoção é invocada; a erradicação das epidemias e a atribuição à Virgem; e por fim, a elevação dada pelo catolicismo a devoção á Virgem.

Esses fatores somados, determinam um novo caráter a devoção, que terá seu uso a partir desse momento ampliado para além da religiosidade. Os acontecimentos do século XVIII são determinantes a devoção que, a partir do século XIX tem seu uso mais aprofundado em

momentos decisivos a história da nação. Contudo, as escolhas do século XIX se fazem como consequência das mudanças ocorridas no século XVIII.

### **2.3 – As notícias sobre a Virgem de Guadalupe e os poemas nacionalistas**

A fim de compreendermos como a devoção à Virgem de Guadalupe se torna parte essencial da vida dos mexicanos, escolhemos uma periodização que se inicia em uma data comemorativa significativa: os 200 anos da aparição. Inicialmente, podemos pensar que essa data seria de grande relevância e significado para a sociedade, mas, através dela, podemos observar que em 1731, a devoção apesar de ser grande, não era tão conectada a fatores sociais<sup>70</sup>. Nesse período, a devoção ainda era apenas religiosa, e assim sendo, foi comemorada como tal.

Tendo isso em mente, nesse momento pretendemos analisar os periódicos disponíveis acerca do 12 de dezembro<sup>71</sup>, data em que se comemora o aniversário das aparições da Virgem ao indígena Juan Diego, para dessa forma, identificarmos quando essa data se tornou verdadeiramente importante no sentido social e político, ultrapassando o catolicismo mexicano e se misturando a uma prática de identificação da sociedade. Os periódicos analisados nesse capítulo se estenderão até o ano de 1805, a partir desse momento, ocorrem significativas alterações que serão melhor analisadas no capítulo 03.

Logo, poderemos observar, juntamente com os demais fatores, como a devoção vai se transformando com o passar dos anos. Contudo, não significa que a devoção não tenha tido tamanha significância nos períodos anteriores. Como já demonstrado ao longo do capítulo 01, a devoção à Virgem de Guadalupe já ocupava um espaço especial na Nova Espanha desde o século XVI, mas foi amplamente difundida a partir do século XVII.

As diferenças a cerca da utilização da devoção serão demonstradas à frente, contudo, podemos adiantar que há uma passagem significativa do culto religioso ao culto político. Essas alterações foram proporcionadas pelas sociedades de cada período, de acordo com suas

---

<sup>70</sup> Desse modo, queremos dizer que a devoção não se misturava ao cenário político e não era ainda utilizada como um símbolo da identificação nacional desses povos. Em 1731, apesar de gerar grande movimentação religiosa, a devoção não era tão utilizada em outros aspectos da vida dessa sociedade.

<sup>71</sup> Com o fim de tornar alguns aspectos mais claros, alguns periódicos de outras datas serão utilizados, mas sempre com o objetivo de tornar ainda mais clara a compreensão acerca da devoção no período citado. Não existem digitalizados periódicos de todos os anos, por isso, utilizaremos aqueles que estão disponíveis e observaremos as mudanças geradas no pensamento em torno da Virgem de Guadalupe a partir deles.

necessidades. A figura da Virgem é utilizada para preencher os espaços necessários a Nova Espanha, independente da demanda surgida.

Em janeiro de 1722, o periódico “Gaceta de México y noticias da Nueva España” publicou uma notícia informando sobre a ida do Vice-Rei juntamente com o arcebispo da região ao santuário de Nossa Senhora de Guadalupe. Durante a visita, celebrava-se a Memória Solene dedicada ao Santíssimo Templo de Nossa Senhora de Guadalupe Mexicana.

No ano de 1731 ocorreram as comemorações dos 200 anos da aparição da Virgem de Guadalupe, o periódico Gazeta de México noticia o acontecimento, trazendo informações sobre como a festa foi celebrada pela Igreja<sup>72</sup>.

“El 12. en que fe celebró el fequundo figlo de la admirable, prodigiofa Aparicion de Nuefra Señora de Guadalupe de Mexico, con-curriô en la Igleña de lu Santuario el Excmo. Señor Virrey, Real Audiencia, Tribunales, Nobie Ayuntamiento, Illmo. Señor Arzo-bilpo clcaio, fu Eclefiftico Cabildo, ê innumerable Pueblo,â la iילו fa, y. Sermon con que le folemnizó tun infigne, plaufible, y devora funcion, en que la tarde, y noche antecedente le cantaron Vifperas, y Mayrines, que ofició la Mufica de la Metropolitana, y aguel, y los dos dias, y noches immediatas, fe repicò generalmente, y fe adornaron de tapizes, fimulas, ) gillardetes Ins bilcones, y ventenas de cita Corte, y al autoo fe iluminaron con hachas, faroles, y luminarias, no folo las calles, fino tambien las torres, bobedas, azoteas, y capiteles de codas las Iglefias, Capillas, y Hermiras, afa de dentro, como de los arrasbalis, contorens, jestamure.<sup>73</sup>” (Gazeta de Mexico, 1731, p. 03).

Podemos observar grande empenho por meio da sociedade católica em se celebrar a data. Importantes nomes da sociedade estiveram presentes para prestigiar a festa da Virgem, entretanto, não existe ligação da figura da Virgem que extrapole o seu uso religioso.

---

<sup>72</sup> É bom salientar que no ano de 1728 temos uma publicação da Gazeta de México em comemoração ao aniversário da Aparição da Virgem. A edição saiu dia 01 de dezembro e rememora as aparições da Virgem ao indígena Juan Diego em 1531. Isso também ocorre no ano de 1729, na mesma data. Contudo, pela escolha temporal, não cabem aqui sua maior análise.

<sup>73</sup> “No dia 12, em que celebrou o segundo século da admirável e prodigiosa Aparição de Nossa Senhora de Guadalupe do México, o Excmo compareceu à Igreja do Santuário. Sr. Vice-rei, Corte Real, Tribunais, Prefeitura de Nobie, Illmo. Senhor Archbilpo clcaio, foi Eclefiftico Cabildo, ê inúmeras pessoas, â o iילו fa, e. Sermão com o qual o folemnizou uma atuação infigne, plaufável e devoradora, em que na tarde e noite anteriores lhe cantaram Vifperas, e Mayrines, que a Mufica da Metropolitana oficiou, e aguel, e os dois dias, e noites imediatas, fé Eles geralmente tocavam e enfeitavam com tapeçarias, filulas, gillardetes Ins bilcones e janelas de nomeação da Corte, e ao mesmo tempo iluminavam com machados, lanternas e luminárias, não apenas as ruas, mas também as torres, fortificações, telhados e capitéis de todas as igrejas, capelas e Hermiras, afa por dentro, como dos arrasbalis, contorens, jestamur” (Gazeta de Mexico, 1731, p. 03). Tradução da autora.

As comemorações que se referem ao 12 de dezembro de 1731 nos mostram a notoriedade da devoção, contudo, também nos levam a observar que seu alcance se limitava somente ao sentimento religioso que cerca a devoção. Não podemos nos esquecer que, antes de ser utilizada em expressivos momentos políticos da sociedade mexicana, a Virgem de Guadalupe era apenas um emblema utilizado pelo catolicismo como um amparo as necessidades de conversão.

Alguns acontecimentos são importantes para a passagem da devoção para aspectos além da religiosidade. No ano de 1737 uma grande epidemia assolou algumas das regiões do México, podemos observar notícias de pedidos de oração publicados no periódico *Gazeta de México*. Tal epidemia gerou problemas para a população pois trouxe grandes impactos para a economia local e um alto índice de mortes. Visto que “Comprender o impacto que as epidemias, pandemias e endemias tiveram no mundo urbano colonial da Nova Espanha leva-nos a analisar as condições de saúde prevalentes no momento em que desencadearam a sua atividade mortal<sup>74</sup>.” (Cuenya, p.113). Podemos observar então um acontecimento importante que carrega consigo considerável impacto a sociedade, e nesse momento, a intercessão da Virgem é invocada.

Em um momento de grande dificuldade, uma novena à Virgem de Guadalupe é iniciada, pedindo o fim da epidemia, com uma notícia publicada em 01 de janeiro de 1737 “El 30. (21 milmo intento de pedir le aplaque la Epidemia) le le comenzo en tu Santuario, Novena à Nossa Señora de Guadalupe, à que alsiltió S. Exc. Ilma. Real Audiencia, y demás Tribunaes, è innumerables concurlo<sup>75</sup>.” (*Gazeta de Mexico*, 1737, p. 01). Sobre esse momento, Lafaye faz importantes considerações. Até a epidemia de 1737 a devoção a Virgem de Guadalupe ainda não havia sido utilizada pela sociedade para meios que não a conversão ou fatores ligados ao catolicismo. Não obstante, nesta ocasião, a devoção é empregada a uma nova utilização: o combate a doenças.

“A este respeito, a data 1737 é de grande importância; Uma epidemia (peste) assolou o país e os mexicanos decidiram levar em procissão a imagem de Nossa Senhora do Loreto, que havia triunfado sobre o sarampo dez anos antes. Este ato de devoção não

---

<sup>74</sup> “Comprender el impacto que tuvieron epidemias, pandemias y endemias en el mundo urbano colonial novohispano, nos lleva a analizar las condiciones de salubridad imperante en el momento en que desencadenaron su mortífera actividad.” (Cuenya, p.113).

<sup>75</sup> “No dia 30 (segunda tentativa de pedir apaziguamento da Epidemia) iniciiei no vosso Santuário a Novena a Nossa Senhora de Guadalupe, que foi louvada por Sua Excelência Ilma. A Corte Real e outras Cortes são concorrentes incontáveis.” (*Gazeta de Mexico*, 1737, p. 01). Tradução da autora.

surtiu efeito e recorreram a Nossa Senhora dos Remédios, e depois sucessivamente a todas as imagens sagradas da cidade, às quais foram dirigidas orações sem sucesso.”<sup>76</sup>  
(Lafaye, 1977, p. 140)

A epidemia de 1737 foi um acontecimento com consequências estrondosas à sociedade do período. Diferentes foram os estados e as cidades que sofreram terríveis mortes, com incontáveis números.

“No final de janeiro de 1737, no distrito de Tetitlan o número de mortes começou a aumentar repentinamente, enquanto no distrito de Actopan começou em março. Os meses mais críticos para a população pobre, desnutrida e doente foram de Junho a Outubro, registando-se mais de 8 ou 9 mortes por dia nas respectivas secções entre Setembro e Outubro. E isso sem contar os sepultamentos clandestinos que a população majoritariamente indígena pode ter realizado em suas casas e terrenos baldios. Como será dito mais adiante, os mortos apareciam nas estradas e nos cemitérios sem que ninguém soubesse o seu estado civil, local de origem, sexo e nome.”<sup>77</sup> (Hernández; Eliel, 2023, p. 02)

Em seu trabalho acerca da epidemia de 1737, Hernández e Eliel também elencam a utilização da devoção à Virgem de Guadalupe como um recurso operado como forma de conter o seguimento da doença.

“O vice-rei apoiou a construção do hospital San Juan de la Penitencia e autorizou uma novena a Nossa Senhora de Guadalupe. Foi acordado colocar luminárias nas casas dos capitulares para reduzir a atmosfera petrificada. Pediu-se aos médicos que determinassem as causas e a cura da epidemia e, em abril de 1737, foi acordado que os capitulares queimariam as roupas dos doentes e mortos. Ao mesmo tempo, houve abusos por parte das paróquias, pelo que, face à cobrança excessiva dos párocos nos cemitérios, foi acordado nomear e dar poder a José Cristóbal de Avendaño y Orduña e

---

<sup>76</sup> “A este respecto, la fecha de 1737 tiene una gran importancia; una epidemia (peste) asolaba el país y los mexicanos decidieron llevar en procesión la imagen de Nuestra Señora de Loreto, que había triunfado sobre el sarampión diez años antes. Este acto de devoción no tuvo efectos y se recurrió a Nuestra Señora de los Remedios, y luego sucesivamente a todas las imágenes santas de la ciudad, a las cuales se les dirigieron rogativas sin éxito” (Lafaye, 1977, p. 140).

<sup>77</sup> “Para finales de enero de 1737, en la parcialidad de Tetitlan el número de decesos comenzó a elevarse de manera súbita, mientras que en la parcialidad de Actopan comenzó en marzo. Los meses más críticos para la población pobre, mal nutrida y enferma fueron de junio a octubre, llegando se a registrar más de 8 o 9 muertes por día en las respectivas parcialidades entre septiembre y octubre. Y eso sin contar los entierros clandestinos que la población en su mayoría indígena pudo haber realizado en su casas y terrenos baldíos. Como se afirmará luego, aparecían muertos en los caminos y en las puestas de los cementerios sin que nadie supiera su estado civil, lugar de origen, sexo y nombre” (Hernández; Eliel, 2023, p. 02).

José Francisco de Aguirre y Espinosa a Establecieron las tarifas de los derechos de las parroquias y solicitaron y determinaron la ayuda que las parroquias deberían dar (Guía de Actas del Consejo)<sup>78</sup> (Hernández; Eliel, 2023, p. 15).

O pedido à intercessão da Virgem de Guadalupe nos reflete sua superioridade sendo colocada em meio às diversas devoções católicas existentes. Ao pensarmos o catolicismo, é de costume que em meio a dificuldade enfrentada, se utilize uma devoção que possa combatê-la ou trazer auxílio. Por exemplo: as devoções relacionadas à São José, são geralmente utilizadas para questões empregatícias, ou seja, para conseguir graças relacionadas ao trabalho; São Cristóvão é sempre invocado pelos motoristas que desejam fazer uma viagem segura e tranquila; Santa Luzia tem sua devoção alusiva à saúde dos olhos e tudo que a isso envolve. Entre as milhares devoções encorajadas pelo catolicismo, existe uma que nesse período já era utilizada para questões de saúde: Nossa Senhora dos Remédios.

A princípio, teria sido intercessão à Virgem dos Remédios solicitada para o combate da epidemia nas localidades do México. Todavia, esse auxílio não foi de ajuda para o fim da epidemia. Como tentativa de combatê-la, decidem por pedir a intercessão da Virgem de Guadalupe, com isso, obtemos uma primeira utilização para causa social.

““No entanto, o Senhor reservou esta glória à sua Mãe Santíssima, na imagem milagrosa de Guadalupe; sob cuja proteção ele queria que todo o reino fosse colocado.” Tendo sido tomada a decisão de reconhecer o patrocínio da Virgem de Guadalupe del Tepeyac através de um juramento solene, o cronista da companhia acrescenta: “Parece que o anjo exterminador não esperou mais do que esta resolução para embainhar [sua] espada (...)”. Na competição devocional entre as diversas imagens consideradas milagrosas (não só as da Virgem, mas também as dos Santos Cristos), Nossa Senhora de Guadalupe garantiu então a vantagem. Depois de San Luis Potosí, a cidade de Valladolid em

---

<sup>78</sup> “El virrey apoyó la construcción del hospital de San Juan de la Penitencia y autorizó un novenario a Nuestra Señora de Guadalupe. Se acordó tener luminarias en las casas de los capitulares para aminorar el ambiente petrificado. Se solicitó a los médicos que determinaran las causas y la cura de la epidemia, y, en abril de 1737 se acordó que los capitulares quemaran la ropa de los enfermos y muertos. Al mismo tiempo hubo abusos por parte de las parroquias, por lo que, ante el cobro excesivo de parte de los párrocos en los cementerios, se acordó nombrar y dar poder a José Cristóbal de Avendaño y Orduña y a José Francisco de Aguirre y Espinosa para que establecieran los aranceles de los derechos parroquiales y pidieran y determinaran la ayuda que debían dar las parroquias (Guía de Actas de Cabildo).” (Hernández; Eliel, 2023, p. 15).

Michoacán declarou Guadalupe a principal protetora contra epidemias.”<sup>79</sup> (Lafaye, 1977, p. 141)

Em dezembro de 1737, mês do aniversário da aparição da Virgem de Guadalupe, o periódico publica sobre a aceitação e definição da Virgem sob nova invocação, agora sendo oficialmente determinada como padroeira contra epidemias, graças a eficácia de sua aplicabilidade em relação a doença de 37. Posto isso, podemos observar que nesse momento, a devoção já havia passado a um estágio de utilização que poderia ser benéfica a sociedade por além de fatores religiosos.

“Teniendo elto prelente la Nobililtima, y afligida Ciudad (despues de haver practicado repetidas devotas Deprecaciones, á varias Imagenes Milagrofes) deterininò (con parecer de S, Exc.) jurar por fi Patrona á la Milagrofa Imagen de N. S. DE GUADALUPE de Mexico, con el fin de acudir á fu Patrocinio (como en efta) en todas fus aflicciones, neceffida des, y congojas; [...] jurandola por Patrona de elta Imperial Ciudad, y prometiendo celebraria anualmente en fu Santuario, y guardar, como de precepto fu Dias 12. de Diciembre, y ocurrir á la Santa Sede para eftablecer, y corroborar eite Juramentog á que fe figuiò un folemne Novenario, Deprecacion, y Rogativa que le le hizo en fu Santuario á expenfas de la Nobilifima Ciudad, a que alútiò S. Exc Real Audiencia<sup>80</sup> [...]” (Gazeta de Mexico, 1737, p. 05).

Após a oficialização da devoção como Padroeira contra epidemias, ela foi utilizada em outros momentos, em diferentes localidades do território mexicano como auxílio contra doenças. Nesse momento, o auxílio da Virgem em meio a sociedade mexicana, se torna ainda mais evidente. A partir de 1737, a devoção não é mais utilizada apenas no âmbito religioso,

<sup>79</sup> “Sin embargo, reservaba el Señor esta gloria para su Santísima Madre, en la milagrosa imagen de Guadalupe; a cuyos amparos que-ria que se pusiese todo el reino.” Desde que fue tomada la decisión de reconocer mediante un juramento solemne el patronato de la Virgen de Guadalupe del Tepeyac, agrega el cronista de la compañía: “Parece que el ángel exterminador no esperaba más que esta resolución para envainar [su] espada (...)”. En la competencia devota que oponía a las diversas imágenes consideradas milagrosas (no sólo las de la Virgen, sino también las de los Santos Cristos), Nuestra Señora de Guadalupe se aseguró entonces la ventaja. Después de San Luis Potosí, la ciudad de Valladolid de Michoacán declaró a la Guadalupe principal protectora contra las epidemias”. (Lafaye, 1977, p. 141).

<sup>80</sup> “Tendo isto em mente a Última Cidade Nobre e aflita (depois de ter praticado repetidas Deprecações devotas, a diversas Imagens Milagrosas) decidiu (com a opinião de Seu Exc.) jurar por fi Padroeira à Imagem Milagrosa de N. S. DE GUADALUPE do México , com o propósito de recorrer ao seu Patrocínio (como no efta) em todas as suas aflições, necessidades e angústias; jurando-a Padroeira da Cidade Imperial e prometendo celebrar anualmente em seu Santuário e observar como preceito o dia 12 de dezembro e comparecer à Santa Sé para estabelecer e corroborar o Juramento a qual fé Houve uma Novena solene, Deprecação e Rogação que ele fez a ele em seu Santuário às custas da Cidade Nobre, à qual se referia Sua Ex-Corte Real. (Gazeta de México, 1737, p. 05). Tradução da autora.

como padroeira de uma localidade. Agora, a Virgem é utilizada no combate a problemas sociais vivenciados de forma grave pelos mexicanos. As epidemias ocorridas no México deixaram grande número de mortos, resultando em uma considerável queda populacional. Após 1737, ocorreu uma série de cerimônias em honra a Virgem de Guadalupe, em diferentes cidades, pedindo sua intercessão.

O periódico “Gazeta de México” é encerrado em 1739 e só retorna as publicações em 1784. Neste ano, houve no dia 15 de dezembro, uma notícia comemorativa ao aniversário da aparição da Virgem de Guadalupe.

“El día 12 celebró la N. C. en el célebre Santuario de Guadalupe. Insigne y Real Colegiata, la fiesta de la Milagrosa Aparicion de su Soberana Patrona MARIA SANTÍSIMA, que fue en igual dia del año de 1531, corridos diez de la Conquista de este Nuevo Mundo, gobernando las Españas el Señor Emperador Carlos V. la Universal Iglesia el Señor Clemente VII. este Reyno en lo Político y Militar el S. D. Sebastian Ramirez de Fuenleal, y el Obispado de esta Diocesi el Señor D. Juan de Zumárraga; cuyas notables circunstancias, sin embargo de ser bien sabidas, nos dan motivo á obsequiar á las Personas que han buuelto á subscribirse, y concurren al fomento de este impreso, para que en él se perpetúe tambien la Maravilla<sup>81</sup>.” (Gazeta de Mexico, 1784, p. 06)

A notícia narra o contexto histórico ao qual a devoção surge, em 1531, mas neste primeiro ano de retorno as publicações do periódico, não observamos destaque na notícia acerca da festa. Contudo, na parte adicional do periódico, denominada “ADICION AL CAPITULO DE MEXICO de la Gazeta de 15 de Diciembre de 84. El milagroso origen de la imagen de la Virgen de Guadalupe, y su Aparicion cerca de México, celeberrimo Emporio de toda la Septentrional América.” observamos importante pontos antes não vistos, como a presença de um poema que abarca a figura da Virgem.

Em 1754 ocorre uma elevação da devoção a Virgem de Guadalupe que movimentou o mundo católico: o Papa Bento XIV promulga a bula *Non est equidem*, elevando a Virgem

---

<sup>81</sup> “No dia 12 celebrou o N.C. no famoso Santuário de Guadalupe. Ilustre e Real Colegiada, festa da Aparição Milagrosa da sua Soberana Padroeira MARIA SANTÍSIMA, que ocorreu no mesmo dia do ano de 1531, dez anos depois da Conquista deste Novo Mundo, com o Senhor Imperador Carlos V governando a Espanha. Igreja do Senhor Clemente VII. Este Reino em assuntos Políticos e Militares é o S. D. Sebastian Ramirez de Fuenleal, e o Bispado desta Diocese é o Senhor D. Juan de Zumárraga; cujas circunstâncias notáveis, embora bem conhecidas, nos dão motivos para presentear as Pessoas que voltaram a subscrever, e contribuir para a promoção desta publicação, para que nela também se perpetue a Maravilha.” (Gazeta de México, 1784, p. 06). Tradução da autora.

mexicana a padroeira não somente do México, mas de toda a América Setentrional. Nesse momento, a sociedade mexicana sofre uma elevação em relação a sua metrópole. Uma devoção tipicamente colonial havia sido reconhecida pela figura máxima do catolicismo e elevada não somente ao México, mas diante de todas as nações que tinham o catolicismo como religião oficial. Após esse feito, a devoção se espalha em outros países, chegando até mesmo a ter uma capela dedicada à sua honra no interior do Brasil. A bula foi responsável por aumentar o sentimento mexicano de elevação em relação a outras nações, afinal, a própria Mãe de Deus havia deixado a essa sociedade, em pessoa, um valioso presente.

O anexo presente na edição da Gazeta de dezembro de 1784 narra com profundidade os acontecimentos relacionados a aparição da Virgem Maria e ao seu fim, um pequeno soneto em honra a Virgem é publicado.

“El Astro de los Pájaros espira, Aquella alada eternidad del viento: Y entre la exhalacion de el Monumentos Víatima arde olorosa de la Pyra. En grande hoy metamorfosis se mira. Cada Flor, mas feliz en cada asiento, En Lienzo aspira racional aliento, Y Nieve vive, si color respira. Retraten a Maria sus colores: Vive (quando la luz del Sol hiere); De vuestras sombras invidioso el dia. Mas dichosas que el Fenix, moris, Flores: Que él para nacer pluma, polvo muere; Pero vosotras para ser MARIA.<sup>82</sup>”  
(Gazeta de México, 1784, p. 15)

Em maio de 1785 o periódico traz a notícia outro acontecimento importante a devoção á Virgem de Guadalupe, que se liga diretamente com a figura de um papa: a autorização de Pio VI a um Ofício próprio dedicado a Virgem de Guadalupe que poderia ser utilizado pelos Religiosos do Mosteiro de São Vito da Ordem de Santo Agostinho da cidade de Ferrara na Itália, demonstrando-nos, a dimensão tomada pela devoção após a *Non est Equidem* de Bento XIV. Nesse mesmo exemplar, de 27 de dezembro de 1785, o periódico narra a festa da aparição no ano de 1785.

“De Guadalupe aquella Imagen bella, Que México venora allá pintada De estrellas, y de rayos adornada, Modesta y graciosissima doncella, ¿ Que imagen es? Divina copia es ella De la Madre de Dios, que penetrada De un dulce amor al darse retratada, Estas

---

<sup>82</sup> “Expira a Estrela dos Pássaros, Essa eternidade alada do vento: E entre a exalação dos Monumentos Víatima arde com o cheiro de Pyra. Grande metamorfose é vista hoje Cada Flor, mais feliz em cada assento, Na Tela aspira fôlego racional, E a Neve vive, se a cor respira. Retratar MaRIA com suas cores: Ao vivo (quando a luz do sol dói) O dia tem inveja de suas sombras. Mais feliz que a Fênix, moris, Flores: Que ele nasça pena, o pó morre; Mas você deve ser MARIA.” (Gazeta de México, 1784, p. 15) Tradução da autora.

voces parece que destella:¡ Indios queridos, ved en este encanto La hermosa preoda de un amor materno, Que á rodo el orbe llenará de espanto! ¿Quien lo asegura así? mi labio rierno: concibió el diseño? el amor Santo: ¿Quien lo pinto despues ? el Dios Santo<sup>83</sup>” (Gazeta de México, 1805, p. 01)

É em 1805 que aparece de forma mais explícita o sentimento nacionalista em torno da devoção.

“¡Quanto te eleva, ó México, tu gloria. Quando recibes de Maria los dones! Sobre todos aquel que en las naciones Jamas ha habido de otro tal memoria. En el mundo no cabe ni én la historia, Ni en todos los humanos corazones Hay gratitud bastante, ni expresiones Que en encomiarlo salgan con victoria. Quien pudiera pensar que de Maria, Tesoro fueras tu tan apreciado Que un tiempo en ti su corazon pondria? En su bella Pintura te lo ha dado Para honor tuyo, gloria y alegria: ¿No es ser esto en su altior privilegiado<sup>84</sup>?” (Gazeta de México, 1805, p. 01)

O soneto demonstra-nos o sentimento de privilégio em relação a outras nações que os mexicanos sentem pela aparição da Virgem Maria em seu território. O soneto, denominado “*Non fecit taliter omni nationi*” está presente da edição comemorativa da aparição da Virgem de Guadalupe, um suplemento que acompanhou as edições de 11 de dezembro de 1805 da Gazeta.

A partir de 1805, surgem alguns sonetos presentes no periódico que unem a devoção a um sentimento de orgulho nacional. Podemos identificar ao longo dos sonetos publicados, uma nova utilidade a devoção da Virgem. Nesse momento, ser mexicano é motivo de grande orgulho, visto que, nenhuma outra nação recebeu de Deus dádiva tão grande quanto o México havia recebido através da aparição da Virgem no monte Tepeyac.

---

<sup>83</sup> “De Guadalupe aquela bela Imagem, Que o México venera ali pintada. De estrelas e raios adornados, Donzela modesta e graciosa, Que imagem é essa? Ela é uma cópia divina da Mãe de Deus, que é penetrada por um doce amor quando é retratada. Essas vozes parecem brilhar: Queridos índios, vejam neste encanto O belo preódio de um amor maternal, Que encherá de terror o mundo inteiro! Quem garante isso? meu lábio ri: concebeu o desenho? o Santo amor. Quem pintou depois? o Santo Deus.” (Gazeta de México, 1805, p. 01). Tradução da autora.

<sup>84</sup> “Quanto a tua glória te eleva, ó México? Quando você recebe os presentes de Maria! Acima de tudo aqueles que nas nações Nunca houve tal memória de outro. Não há espaço no mundo para a história, nem para todos os corações humanos. Há gratidão suficiente, sem expressões Que eles saiam vitoriosos em elogiá-lo. Quem poderia imaginar que você seria tão apreciado por Maria, Tesouro, que por um tempo o coração dele colocaria isso em você? Em sua bela Pintura ele deu a você Para sua honra, glória e alegria: Isso não é estar no seu máximo privilégio?” (Gazeta de México, 1805, p. 01) Tradução da autora.

Os sonetos trazidos até o momento colaboram para nosso entendimento acerca do início da formação de identificação nacional. A nação, que atravessou os males da epidemia pela intercessão da Virgem, se vê privilegiada pela aparição de Guadalupe em seu território, o que será ainda mais explorado ao longo do próximo capítulo.

Notamos que o uso da devoção vai se modificando ao longo do século XVIII. A devoção já era consolidada nesse período graças aos esforços dos jesuítas ao longo do século XVII, e já obtinha grande participação popular. A mudança que ocorre em relação ao uso da devoção se dá no campo social, refletindo as aflições da sociedade, bem como suas vitórias.

A erradicação das epidemias de 1731, atribuíram a Virgem um novo papel nessa sociedade, que agora viria a recorrer de forma direta a sua intercessão nas mais diversas dificuldades. Essa ascensão no uso da devoção será determinante para que se pense nela como a mãe a qual todos os mexicanos devem recorrer em toda e qualquer adversidade. O fato serviu como uma confirmação acerca da Virgem, a quem a Nova Espanha deveria colocar em primeiro lugar entre suas devoções.

Observamos esse fato nos periódicos que surgem após a erradicação das epidemias: é o nascimento de uma identificação nacional que se dá por meio das vitórias alcançadas pela devoção. A devoção, que antes era recorrida apenas em momentos determinados, agora é observada como meio seguro para se obter as graças necessárias a população mexicana. Além disso, a aprovação eclesiástica de 1754 comprovava o que os mexicanos já vivenciavam em sua realidade: a Virgem era sua padroeira, auxílio para todas as horas. O reconhecimento eclesiástico por meio da figura papal, vinha como comprovação desse fato.

Dessa forma, podemos concluir com a intercessão da Virgem nas epidemias de 1731 que existe uma mudança significativa na maneira como a população passa a enxergar a devoção depois de sua erradicação, lembrando que a doença gerada trouxe inúmeros sofrimentos a esses habitantes. É esse sentimento de gratidão acerca do auxílio prestado que gera uma mudança na forma como a devoção será enxergada a partir desse marco. Afinal, muitas foram as devoções recorridas para que a epidemia chegasse ao fim, porém, somente ao invocarem a Virgem de Guadalupe, puderam vencê-la.

Com a alteração no uso da devoção, observamos que após 1805, ela obtém uma utilização claramente ligada a identificação nacional, ser mexicano e ser guadalupano a partir desse momento é utilizado como símbolo de orgulho. Dessa forma, obtemos uma narrativa que começa a tornar claro o uso da devoção em momentos políticos posteriores. A devoção à Virgem de Guadalupe, após muitos anos, se torna grande símbolo de identificação nacional

mexicano. Em síntese, observamos que a devoção a Virgem de Guadalupe passou por momentos cruciais ao longo do século XVIII, e esses momentos foram fundamentais para que houvesse uma mudança em relação ao seu uso por seus devotos.

Portanto, o estudo dos periódicos do século XVIII sobre a epidemia e sobre as comemorações do surgimento da devoção nos demonstram sua mudança perante a sociedade e a ampliação de seu significado para a sociedade da Nova Espanha.

### **Capítulo 03- O nacionalismo Guadalupano e a escolha da Virgem como símbolo nacional**

Ao longo do terceiro capítulo pretendemos aprofundar o sentimento nacionalista e o uso político da devoção, também utilizando periódicos do período. Conservaremos com David Brading, Ariel Arnal, Jacques Lafaye, entre outros autores, que apresentam teorias acerca do sentimento nacionalista mexicano. Nesse capítulo, o foco estará entre os anos de 1805 e 1810. Essa escolha se dá devido a forma que os periódicos foram trabalhados ao longo do segundo capítulo e a observação de diversos poemas e sonetos nacionalistas a partir do ano de 1805. Dessa forma, priorizaremos os anos que antecedem as lutas de independência de modo que possibilite à pesquisa a compreensão da trajetória da devoção na extensão do espaço de tempo mencionado.

O estudo do surgimento do sentimento nacionalista nos serve não somente para a compreensão da sociedade do período, mas também, dos anos seguintes da história nacional mexicana. Portanto, seu entendimento se faz necessário para que possamos identificar alguns fatores fundamentais como: a escolha da Virgem como símbolo que abarca o sentimento de identificação nacional; as razões que levam os mexicanos a recorrerem a Virgem em momentos decisivos de sua história; a utilização da Virgem como símbolo por meio do Padre Miguel Hidalgo; entre outros momentos significativos a nação.

Sendo assim, o capítulo visa abordar o crescimento do sentimento nacionalista até que ele desague no início das lutas de independência do México. Assim, como o periódico estudado se finaliza em 1810, nosso estudo também chegará até essa data. Não acompanharemos as lutas de independência, mas focaremos em estudar as causas que levam ao seu início e as mudanças sofridas pela sociedade para que a medida fosse tomada. Contudo, isso não significa que ao longo das lutas de independência, as invocações à Virgem de Guadalupe tenham sido sanadas, pelo contrário, os periódicos nos mostram uma intensa participação de sua figura no período, o qual pretendemos estudar em outros trabalhos.

A escolha da periodização abarcada no capítulo se justifica por meio dos periódicos escolhidos e o entendimento acerca do crescimento da identificação nacional no período que antecede as lutas de independência. Seu objetivo é analisar o ambiente ao qual a figura da Virgem se torna escolhida como símbolo e elencar fatores que contribuíram para tal movimento. Deste modo, buscamos nesse capítulo conseguir identificar como a devoção, que anteriormente já havia passado para o sentido social (conforme demonstrado no segundo capítulo desta pesquisa), passará a se enquadrar também no sentido político.

Além disso, encerramos nosso estudo no “Grito de Dolores” pela finalização do periódico estudado, que encerra sua tiragem em 1810 e porque o objetivo da pesquisa se conclui

com o entendimento da escolha do símbolo nesse momento tão significativo para a história mexicana. Entretanto, a participação da Virgem nas lutas de independência não se encerra nesse episódio, muito menos na história da nação mexicana.

### **3.1 – Análises do uso da Virgem de Guadalupe como símbolo nacional**

No início do século XIX a devoção à Virgem de Guadalupe foi movimentada em um dos seus maiores usos políticos: a independência. É de conhecimento geral que em 16 de setembro de 1810, o Padre Miguel Hidalgo, sob o estandarte da Virgem de Guadalupe, deu o chamado “Grito de Dolores”, responsável pelo início das lutas de independência do México. Tal aspecto será aprofundado à frente, contudo, é necessário ser trazido a memória nesse momento, para gerar a reflexão necessária acerca da escolha da santa como símbolo nacional.

Jacques Lafaye defende que momentos anteriores foram fundamentais para a escolha da devoção à Virgem de Guadalupe como símbolo nacional. Ignorando os motivos já citados ao longo do segundo capítulo, como a proteção contra as epidemias, por exemplo, o autor explora os momentos vividos pelas organizações religiosas ao longo do século XVIII<sup>85</sup>. A expulsão dos Jesuítas e as medidas tomadas por Carlos III para regular as ordens religiosas, segundo Lafaye, foram fundamentais para que houvesse uma transferência do sentimento de esperança em relação ao cenário mexicano, sendo assim, a figura da Virgem, escolhida por Hidalgo, tornou-se consideravelmente vultosa aos religiosos e por conseguinte, a população em geral<sup>86</sup>.

---

<sup>85</sup> El abandono de las misiones franciscanas, que comienza en el último cuarto del siglo xvi, es una empresa hecha por etapas; a mediados del siglo xviii todavía no había concluido. Los motines causados a veces por la partida de los franciscanos o la llegada de los curas que debían reemplazarlos fueron episodios locales desperdigados en el espacio y, sobre todo, en el tiempo. Por otra parte, los hermanos menores no fueron expulsados de Nueva España, sino enviados a otras regiones con misiones o reagrupados en conventos. La desposesión no fue presentada como un castigo ni como un destierro. El abandono progresivo de las misiones franciscanas fue precedido por una innegable declinación del celo misionero en las órdenes mendicantes en general. La expulsión de los jesuitas, por el contrario, en esta segunda mitad del siglo xviii, que podríamos llamar el «siglo jesuítico» de Nueva España, como lo testimonia todavía hoy el esplendor de la arquitectura religiosa de ésta, presenta características de ruptura que conviene señalar. (Lafaye, 1977, p. 158).

<sup>86</sup> As consequências do abandono das missões pelos jesuítas e do "reenclausuramento" dos religiosos nas cidades tiveram uma severidade comparável (dentro de proporções) ao que a eliminação dos seus sacerdotes pelos conquistadores significou para o politeísmo mexicano. Privado dos defensores da ortodoxia, dos portadores sagrados da sua fé, dos monges, o povo mexicano retirou-se para a vida paroquial e para as devoções essenciais. A Virgem de Guadalupe, sobre quem foram depositadas as esperanças de salvação mais profundamente mexicanas, tornou-se ainda mais a deusa-mãe dos mexicanos. Os padres rurais que permaneceram a salvo do rigor do poder conseguiram finalmente garantir a substituição dos religiosos. Devemos tentar imaginar o que foi a “democracia dos monges” da Nova Espanha, para medir a extensão de uma revolução levada a cabo por iniciativas governamentais temerárias. (Lafaye, 1974, p. 178). (Tradução da autora).

Além disso, as inúmeras mudanças vividas ao longo do século XVIII e a própria confusão gerada pela falta de uma referência acerca do sentimento de identidade nacional, são causas que desaguam na escolha da figura da Virgem. São diversos fatores somados que levam os crioulos a elegerem a Virgem de Guadalupe como símbolo.

Ao longo do século das luzes observamos que o carácter expansionista espanhol dificultou a formação de uma identificação para os povos que viviam sob seus domínios, o que irá gerar uma transformação em relação a maneira como os colonos viam suas fronteiras. Nesse período temos a elevação do território de origem, da pátria; suas fronteiras serviriam para demarcar e identificar os povos, e assim, dar início a criação de uma identidade que pudesse os unir. É com a necessidade de um símbolo nacional que representasse a população e os desse a identidade desejada que os crioulos resgatam a figura da Virgem que havia sido tão utilizada em outros momentos durante o século XVIII, demonstrando seu patronato universal aos povos mexicas.

“Durante o século XVIII, a América Hispânica tornar-se-ia um laboratório de experimentação de projetos e reformas administrativas, econômicas, comerciais e militares de uma monarquia que, devido ao seu carácter agregativo de reinos, teria dificuldade em apresentar-se como uma pátria única. [...]. No final do século XVIII, o povo esclarecido peninsular assimilaria a pátria comum já não a todos os domínios monárquicos, mas à nação, entendida como uma realidade que, pelas suas instituições, leis e história, era estritamente europeia. [...] Eles também causariam uma divisão de facto entre espanhóis europeus e americanos.” (Entin, 2013, p. 22).<sup>87</sup>

A aprovação eclesiástica do culto à Virgem de Guadalupe, que se deu em 1754, foi um dos fatores essenciais para que a confiança da população local, se findasse no símbolo religioso. Em meio às diversas mudanças sofridas pela sociedade colonial, tinham a certeza da confiança na devoção, agora aprovada, apreciada e difundida pela Igreja mexicana<sup>88</sup>.

“O interesse mais que cúmplice manifestado ao culto da Virgem de Guadalupe e à sua imagem corrobora o espírito das decisões tomadas pelo primeiro concílio mexicano. A

---

<sup>87</sup> “Durante el siglo XVIII, América hispánica se convertirá en un laboratorio de experimentación de proyectos y reformas administrativas, económicas, comerciales y militares de una monarquía que, por su naturaleza agregativa de reinos, tendría dificultades para presentarse como una única patria. [...]. A fin del siglo XVII, los ilustrados peninsulares asimilarían la patria común ya no a todos los dominios monárquicos sino a la nación, entendida como una realidad que, por sus instituciones, leyes e historia, era estrictamente europea. [...] También provocarían una división de hecho entre españoles europeos y americanos.” (Entin, 2013, p. 22).

<sup>88</sup> “La generación criolla que nos ocupa tuvo como móvil hacer reconocer por la autoridad pontificia y real la evidencia de que el cielo favorecía a los mexicanos, nuevo pueblo elegido; debía ser también su triunfo.” (Lafaye, 1977, p. 131).

assembleia encorajou o culto aos santos, aos "padroeiros das igrejas catedrais e dos pueblos". Foi ela que designou São José como padroeiro da Igreja mexicana, em sua qualidade de intercessor tradicional contra "as tempestades, o trovão, os raios e o granizo que tanto atormentam esta paragem". Da mesma maneira, o concílio apoiou o culto à Virgem em suas diversas invocações." (Gruzinski, 2006, p.150).

Observamos que em meio a um ambiente cheio de incertezas, modificações e conflitos, a Virgem de Guadalupe assume um papel, não somente devocional, mas descrito por Gruzinski como territorial. A Virgem ganha espaço por ser daquele território, o que a faz superior em relação à outras devoções. O fato de sua devoção surgir no Tepeyac, é um dos principais motivos para a identificação nacional. Como vimos ao longo do primeiro capítulo, a devoção se reforça em pontos que levam o devoto a um sentimento de conterraneidade em relação à Virgem, muito expressa nas afirmativas territoriais da devoção.

“Ao longo dos sermões que lhe são dedicados, a Virgem de Guadalupe é objeto de uma captação que não conhece limites. A Virgem do Tepeyac, María de Guadalupe, é a Virgem por excelência; a Virgem é mexicana antes de ser celeste, e, assim, o México glorificado se torna a terra eleita, o "berço" da Virgem: "Maria nasceu no México e é lá que mora".” (Gruzinski, 2006, p.197).

Desde o surgimento da devoção, a questão territorial se faz importante ao seu uso. A Virgem mexicana, aceita e venerada, tem seu reconhecimento reafirmado em sua nacionalidade. A Virgem é mãe dos mexicanos porque escolheu a eles aparecer, algo ainda não visto – nesse período – em uma devoção mariana. A história da Virgem que aparece com um apelo a um indígena demonstra certa superioridade dos colonizados em relação aos colonos, afinal, é a um indígena, não a um espanhol, que a Virgem afirma sua maternidade e auxílio.

Ao esmiuçar a devoção, vemos que em um primeiro momento, ela foi abafada pelo clero mexicano, que tinha origem espanhola<sup>89</sup>. O bispo, Juan de Zumárraga foi um dos responsáveis por esse abafamento. Na busca por um símbolo que demonstre o patriotismo crioulo, torna-se palpável que a devoção surgida na colônia, com intenção de aproximar os indígenas, tenha relevância como símbolo nacional. Como já citado no primeiro capítulo, a devoção surge no século XVI, chega ao conhecimento do bispo que, passa sua vida sem escrever um documento em relação a sua existência e vem a falecer poucos anos depois. Em um primeiro momento a devoção é comparada com Tonantzin, antiga divindade asteca e até mesmo questionada como

---

<sup>89</sup> "Ya no quiere el Redentor del Mundo que se hagan milagros, porque no son menester, pues está nuestra Santa Fe tan fundada por millares de milagros como tenemos en el Testamento Viejo y Nuevo. . ." Estas palabras aparecen escritas en el libro Regla Cristiana, editado en 1547, compilado, examinado y aprobado por el obispo de México don fray Juan de Zumárraga. (Maza, 1953, p. 09).

um instrumento que poderia ser utilizado pelos indígenas para a manutenção de suas práticas religiosas antigas. Em seu início, a devoção é afastada pelo clero espanhol residente na colônia, sendo aceita posteriormente e muito difundida pelos Jesuítas ao longo do século XVII.

Para Brading, o “patriotismo criollo” era uma mescla de diversos fatores, que combinados, formavam a identidade nacional dos mexicanos. Sua repulsa por questões ocorridas ao longo do processo de colonização, a admiração a um passado asteca, e, por mais contraditório que se possa parecer, a figura da Virgem de Guadalupe. O autor defende que o “patriotismo criollo” que teria como fundamento as origens dessa sociedade, ou seja, os momentos vividos antes do descobrimento e da conquista, com exceção da devoção à Virgem.

“O nacionalismo mexicano primitivo herdou muito do vocabulário ideológico do patriotismo crioulo. Os temas principais - a exaltação do passado asteca, a difamação da Conquista, o ressentimento xenófobo contra os Gachupines e a devoção à Guadalupana - surgiram daquela mudança lenta, sutil e muitas vezes contraditória que ocorreu nas simpatias através das quais os descendentes dos conquistadores e os filhos dos imigrantes posteriores criaram uma consciência caracteristicamente mexicana, baseada em grande parte no repúdio às suas origens espanholas, e alimentaram pela identificação com o passado indígena.”<sup>90</sup> (Brading, 2004, p. 15)

As discussões surgidas acerca dos símbolos nacionais trouxeram à tona a figura da Virgem de Guadalupe que demonstrava a elevação tanto do cristianismo como do nacionalismo no México. A devoção cunhada em território nacional, sem auxílio espanhol, era em meio as discussões circulantes no período, uma demonstração importante da identidade nacional. Pudemos observar em meio aos periódicos circulantes entre os séculos XVIII e XIX a fusão do sentimento devocional em relação à Virgem, com um uso mais social e posteriormente político. Isto posto, consideremos o cenário de ascensão do sentimento nacionalista e seu desenvolvimento em meio á questões sociais que englobavam amplos aspectos, e em muitos deles, a confiança depositada em Nossa Senhora de Guadalupe.

“Durante o século XVII, contudo, o clero mexicano encontrou um veículo mais poderoso para o seu zelo patriótico do que a mera contemplação da civilização indígena ou a especulação sobre São Tomás. Descobriu Nossa Senhora de Guadalupe. Assim que

---

<sup>90</sup> “El temprano nacionalismo mexicano heredó gran parte del vocabulario ideológico del patriotismo criollo. Los principales temas —la exaltación del pasado azteca, la denigración de la Conquista, el resentimiento xeno-fóbico en contra de los gachupines y la devoción por la Guadalupana surgieron a partir de ese lento, sutil y con frecuencia contradictorio cambio que se operó en las simpatías a través de las cuales los descendientes de los conquistadores y los hijos de posteriores inmigrantes crearon una conciencia caracteristicamente mexicana, basada en gran medida en el repudio a sus orígenes españoles, y alimentada por la identificación con el pasado indígena.” (Brading, 2004, p. 15).

o primeiro conto foi publicado em 1648, o significado místico da aparição da Virgem Maria em Tepeyac ao índio Juan Diego, bem como a impressão milagrosa de sua imagem na tilma, logo se tornou objeto de sermões e disquisições extasiantes. A devoção pública logo foi acesa e altares foram construídos em toda a Colônia em homenagem ao novo culto. No final do século, foi concluído um magnífico templo em Tepeyac. A Virgem de Guadalupe, com grande cerimônia e alegria popular, foi oficialmente reconhecida pelo papado e pela monarquia espanhola como a padroeira da Nova Espanha.”<sup>91</sup> (Brading, 2004, p. 27)

Descortinamos no pensamento crioulo a elevação da Virgem como forma de validar o nacionalismo por meio de um símbolo colonial que, em teoria, não possuía ligação com os colonos. Esse pensamento, o qual não pretendemos analisar profundamente, ainda gera discussões no campo historiográfico<sup>92</sup>, tendo em vista que a própria figura da Virgem é pertencente ao catolicismo, que foi levado à colônia por meio da metrópole. Contudo, o surgimento da devoção, em sua história narrada no *Nican Mopohua*, se dá pelo meio indígena e para os indígenas. À vista disso, entendemos que a utilização da imagem para reconhecimento do nacionalismo, exclui essa ligação entre colônia e metrópole e eleva o momento em que a devoção surge, dando ênfase as condições da aparição, como o seu discurso e a figura indígena.

Em meados do século XVIII, o uso da devoção passa a ser mais relacionado com o sentimento nacionalista. O auxílio prestado contra as epidemias de 1731, a elevação da devoção à Virgem de Guadalupe como “Padroeira das Américas”, somados ao aumento dos intelectuais crioulos e suas publicações que almejavam reescrever uma história mexicana que apresentasse o passado indígena como narrativa, são fatores que tornam augusta a figura da Virgem aos olhos do chamado “patriotismo criollo”.

---

<sup>91</sup> “No obstante, durante el siglo XVII, el clero mexicano encontró un vehículo más poderoso para su celo patriótico que la mera contemplación de la civilización indígena o la especulación acerca de Santo Tomás. Descubrió a Nuestra Señora de Guadalupe. Una vez que fue publicado el primer relato en 1648, el significado místico de la aparición de la Virgen María en el Tepeyac al indio Juan Diego, así como la milagrosa impresión de su imagen en el sayal, pronto se convirtieron en tema de extasiados sermones y disquisiciones. Bien pronto se encendió la devoción pública y por toda la Colonia se construyeron altares en honor al nuevo culto. A fin del siglo quedó terminado un magnífico templo en el Tepeyac. La Virgen de Guadalupe, con gran ceremonia y regocijo popular, fue reconocida oficialmente, por el papado y la monarquía española, como la patrona de la Nueva España.” (Brading, 2004, p. 27).

<sup>92</sup> A título de exemplo podemos utilizar os autores Edmundo O’Gorman e Francisco de La Maza que defendem em suas obras uma participação espanhola no surgimento e desenvolvimento da devoção à Virgem de Guadalupe.

“Durante a década de 1750, a vida intelectual mexicana foi caracterizada por uma confiança renovada e um patriotismo mais intenso. O vigor da resposta de Eguiara a Martí e a natureza ambiciosa da sua planeada Biblioteca Mexicana indicam que, por esta altura, o crioulo mexicano já possuía segurança suficiente nas suas realizações intelectuais para rejeitar com desdém os contínuos insultos dos metropolitanos. Uma parte essencial da sua confiança residia na crença de que os estudiosos mexicanos detinham a chave das antiguidades indígenas. Além disso, Boturini abriu caminho para a plena aceitação do passado indiano como parte da antiguidade mexicana. Ao mesmo tempo, a aclamação pública de Guadalupana sinalizou que a realidade colonial ainda era definida em termos essencialmente religiosos. Por enquanto, então, surgiram os elementos de uma nova síntese: um passado clássico governado pela religião natural, seguido por um presente cristão inspirado em Guadalupana. A força desses mitos reside no fato de terem libertado o crioulo de suas origens espanholas. Contudo, nos mesmos anos em que o patriotismo crioulo atingiu o seu auge, os movimentos políticos e intelectuais na Europa conspiraram para lembrar aos hispano-americanos a sua condição de dependência. As janelas para o mundo exterior foram fechadas apenas para que os crioulos pudessem ver que, para os europeus, eram simplesmente colonizadores desprezíveis. O que os espanhóis murmuraram em privado, os filósofos franceses gritaram publicamente. Mais uma vez o crioulo voltou à história indígena em busca de uma resposta eficaz.”<sup>93</sup> (Brading, 2004, p. 29).

Entre os autores que depositam na figura da Virgem, a construção de uma identidade nacional, desfrutamos do pensamento de Ariel Arnal. Em sua convicção, a devoção é o primeiro

---

<sup>93</sup> “Durante la década de los años 1750, la vida intelectual mexicana se caracterizó por una confianza renovada y un patriotismo más intenso. El vigor de la respuesta de Eguiara a Martí y la ambiciosa naturaleza de su proyectada Biblioteca Mexicana indican que, para este momento, el criollo mexicano ya poseía suficiente seguridad en sus logros intelectuales como para desechar desdeñosamente los continuos insultos de los metropolitanos. Una parte esencial de su confianza residía en la creencia de que los estudiosos mexicanos conservaban la clave de las antigüedades indígenas. Más aún, Boturini abrió el camino a una aceptación total del pasado indio como parte de la antigüedad mexicana. Al mismo tiempo, la pública aclamación de la Guadalupana señalaba que la realidad colonial se definía todavía en términos esencialmente religiosos. Por el momento, entonces, los elementos de una nueva síntesis habían aparecido: un pasado clásico regido por la religión natural, seguido de un presente cristiano inspirado en la Guadalupana. La fuerza de estos mitos residía en que liberaban al criollo de sus orígenes españoles. Sin embargo, en los mismos años en que el patriotismo criollo alcanzó su apogeo, movimientos políticos e intelectuales en Europa conspiraban para recordarle al español americano su condición dependiente. Se cerraron las ventanas al mundo exterior sólo para que los criollos vieran que, para los europeos, eran simples colonizadores despreciables. Lo que los españoles habían murmurado en privado, los filósofos franceses lo gritaron públicamente. Una vez más el criollo volvió a la historia indígena en busca de una respuesta efectiva.” (Brading, 2004, p. 29).

símbolo utilizado pelos crioulos com o fim de se obter uma unificação do sentimento nacionalista, pensamento que vai de encontro com outros autores já citados.

Sem dúvida, o primeiro ícone que unificou historicamente este país como Estado independente é a tilma do índio Juan Diego. A virgem de Guadalupe torna-se assim o primeiro elemento em torno do qual o grupo crioulo se une para lançar seu projeto de soberania dentro da Coroa Espanhola<sup>94</sup>. (Arnal, 2010, p. 102)

É importante lembrar que até o século XVIII, enquanto buscavam intercessão contra as epidemias de 1731, ainda havia na Virgem dos Remédios um depósito de devoção da colônia. Contudo, é a partir do fim da epidemia, auxiliados pela Virgem de Guadalupe, que ela sai como soberana em relação às demais devoções. Na disputa ocorrida entre as devoções, Guadalupe se tornou a mais aceita e venerada. Esse foi um momento de extrema importância para afirmar a Virgem como padroeira contra todos os males que pudessem atingir o território.

“Porém, não é essa a história que os crioulos podem apresentar como sua no final do século XVIII (a Virgem dos Remédios). Essa não é a imagem sagrada que pode incluir a grande maioria das castas, especialmente a população indígena ou mestiça. Quando chega o momento das reivindicações de soberania, na virada do século, a Virgem dos Remédios será encurralada como o símbolo exclusivo do povo peninsular em comparação com os crioulos. [...] Constituiu-se assim o que até hoje seria o ícone da mexicanidade, um ícone comum graças à ampla ambigüidade de seu significado (a Virgem de Guadalupe).”<sup>95</sup> (Arnal, 2010, p. 103).

Portanto, podemos através da análise de diversos autores, em diferentes obras, enunciar a atribuição do início da formação de uma identidade nacional crescente em torno de Nossa Senhora de Guadalupe. Ao longo da história mexicana podemos observar momentos que a devoção à Virgem de Guadalupe foi recorrida, de maneira a impactar o social. Tal fator foi fundamental para a identificação dos povos, com seu simbolismo. Sua utilização em meio ao

---

<sup>94</sup> “Sin duda, el primer icono que históricamente ha unificado a este país como Estado independiente es la tilma del indio Juan Diego. La virgen de Guadalupe se convierte así en el primer elemento alrededor del cual se agrupan los criollos para echar a andar su proyecto soberanista en el seno de la Corona española.” (Arnal, 2010, p. 102).

<sup>95</sup> “Sin embargo, no es ésa la historia que los criollos puedan presentar como propia a finales del siglo XVIII (la virgen de los Remedios). No es ésa la santa imagen que pueda incluir a la gran mayoría de las castas, especialmente a la población indígena o mestiza. Llegada la hora de los reclamos soberanistas a la vuelta del siglo, la virgen de los Remedios quedará arrinconada como el símbolo exclusivo de los peninsulares frente a los criollos. [...] Quedaba de este modo constituido el que sería el icono de la mexicanidad hasta nuestros días, icono común gracias a la amplia ambigüedad de su significado (la Virgen de Guadalupe).” (Arnal, 2010, p. 103).

cenário político e sua devoção que se confunde com o sentimento nacionalista, demonstram o esplendor do acontecimento guadalupano.

Houveram outros momentos decisivos na história do país em que a Virgem de Guadalupe foi utilizada como um emblema nacional, carregada como uma bandeira, tão unificadora quanto a bandeira nacional. Esse uso nos demonstra como o nacionalismo mexicano circunda a figura da Virgem de Guadalupe, que se tornou um caso característico e inigualável. “O Guadalupanismo e a Arte Barroca são as únicas criações autênticas do passado mexicano, diferenciais da Espanha e do mundo. Eles são o espelho que os homens do Colônia para olhar e descobrir-se.”<sup>96</sup>. (Maza, 1984, p.09).

Diante do exposto, enxergamos que a caminhada da devoção se desviou do fim ao qual ela inicialmente representava aos povos da Nova Espanha. A devoção que surgiu como meio de facilitar a propagação do catolicismo e auxiliar na conversão dos povos indígenas, se torna um sólido recurso que atravessa sua aplicabilidade inaugural. Consideramos na trajetória percorrida pela devoção, usos que abrangem copiosos aspectos, levando-nos a crer e compreender que, independente da necessidade, no México, recorrer a Virgem de Guadalupe é um auxílio que se mostrou diligente as necessidades da população.

Os autores que trabalham com o tema, defendem que o primeiro símbolo recorrido pelos crioulos como meio de romper com as tradições coloniais, enquanto buscavam reescrever sua história do ponto de vista mexicano, foi a Virgem de Guadalupe. A formação da identidade nacional mexicana se choca com um símbolo que, mesmo pertencente a uma religião trazida pelos espanhóis, deixa de pertencê-los por seu próprio discurso. A narração das aparições reforça o seu caráter de acolhimento aos indígenas e demonstra que, mesmo sendo convertido, Juan Diego pertencia àquela nação.

“Dez anos depois da conquista da cidade do México, jazem já por terra a flecha e o escudo, por toda parte estão rendidos os habitantes do lago e do monte. Ao mesmo tempo começou brotar, a florir, a fé e o conhecimento do verdadeiro Deus, por quem vivemos. Exatamente no ano de 1531, no começo do mês de dezembro, aconteceu que havia um pobre índio, camponês da vizinhança. Seu nome era Juan Diego. Segundo dizem, morava em Cuauhtitlan. No tocante às coisas de Deus ainda pertencia totalmente a Tlatelolco.” (Suess, 1992, p. 476).

---

<sup>96</sup> “El Guadalupanismo y el Arte Barroco son las únicas creaciones auténticas del pasado mexicano, diferenciales de España y del mundo. Son el espejo que fabricaron los hombres de la Colonia para mirarse y descubrirse a sí mismos.” (Maza, 1984, p.09).

Em suma, podemos concluir que alguns fatores foram importantes para o reconhecimento da devoção. As epidemias que ocorreram ao longo do século XVIII, a necessidade da criação de uma identificação nacional, e posteriormente, os impactos da invasão napoleônica na Espanha, que acabam por afetar a colônia. Esses fatores serão melhor explorados ao longo do capítulo, de forma que possamos compreender com mais profundidade o sentimento nacionalista que cerca a devoção à Nossa Senhora de Guadalupe.

### **3.2 – A devoção nos periódicos do início do século XIX**

Bem como ponderamos, de 1805 em diante os periódicos mexicanos trazem sonetos e textos que ligam à devoção à Virgem de Guadalupe com o sentimento nacionalista, ou, como definido por alguns autores, à identidade nacional. O estudo ao qual se compreende este capítulo, se baseia não somente nos escritos de diversos autores, já citados, sobre a identificação nacional, mas na observância de certas fontes que circularam o período estudado e nos servem como referencial para abordar o tema.

Os periódicos aqui contidos irão abranger o período ocorrido ao longo de 1806 e 1809. Como já explicado, a intenção da pesquisa não é adentrar os anos em que ocorreram as lutas de independência, mas, auxiliar na compreensão da escolha da Virgem como símbolo nacional. Trabalharemos com o periódico “Diario de Mexico” que pode ser encontrado digitalmente através do site da HNDM – Hemeroteca Nacional Digital de México.

Nesse ponto da pesquisa, utilizaremos notícias, poemas e demais publicações de ambos os periódicos que se empenhem em demonstrar à figura da Virgem ligada ao nacionalismo. Dessa forma, visamos identificar o sentimento nacionalista em torno da devoção nos primeiros anos do século XIX, como meio de observar a utilização da devoção nos anos anteriores ao chamado “Grito de Dolores”. Assim, poderemos identificar melhor a escolha do Padre Miguel Hidalgo pelo símbolo que estava em ascensão desde sua utilização no século XVIII.

Nas buscas por periódicos que citassem a Virgem de Guadalupe, encontramos muitas novenas, missas a serem celebradas e outros poemas. Escolhemos aqui, trazer os que julgamos relevantes à pesquisa em seu sentido nacionalista, como forma de explorá-los para melhor auxílio no entendimento do período. Continuamos a dar prioridade aos periódicos da data de aniversário do surgimento da devoção, o 12 de dezembro. Dessa forma, iremos analisar os periódicos dos anos de 1806 a 1809, como meio de observância à devoção nos primeiros anos do século XIX. Segundo Lafaye, “O fato de a espiritualidade mexicana ter sido invadida no século XVIII pela devoção à “imagem prodigiosa” de Tepeyac teve efeitos secundários na

maioria das manifestações da vida social.”<sup>97</sup> (Lafaye, 1977, p. 382). Assim sendo, a compreensão do uso da devoção nos apoiará no entendimento de questões surgidas adiante.

Nas comemorações do 12 de dezembro de 1806 identificamos um poema em honra da Virgem no início do periódico. Como de costume, as edições dos periódicos na data de aniversário do surgimento da devoção, fazem homenagens à Virgem de Guadalupe. Nesse caso, o poema tem como objetivo manifestar a importância da data, ao compará-la com antigas práticas pagãs, para assim, apontar que os mexicanos devem celebrar a data em que “Maria de rosas se pintó qual de sus manos”. Ou seja, o dia que Maria apareceu aos mexicanos merecia uma comemoração que se equiparasse ao grande acontecimento.

Con gentilico rito los Romanos dia que algo feliz les encendía, lo nominaban grande, y se tenia por de fiesta despues com cultos vanos: ¿que dia para nosotros Mexicanos en el doce de Diciembre? En que Maria de rosas se pintó qual de sus manos. [...] se aparece hermosa sin igual, tan adornada como el sábio pintor aos la encarece, en sus epitalamios retratada, diciendo: y como Aurora, y Sol mi esposa amada<sup>98</sup>. (Diario de México, 12/12/1806)

Com o crescimento da devoção e sua consolidação na sociedade, observamos que com o passar dos anos, se aumentam as celebrações dos aniversários da aparição. O 12 de dezembro se torna uma data que vem a fazer parte do calendário desses povos de uma forma diferente. Agora, não poderiam deixar de visitar a querida imagem e prestar-lhe culto nessa data. O crescimento do número de devotos a visitar o santuário da Virgem pode ser justificado pelos momentos vividos pela devoção até o período estudado.

Em 1807, encontramos no periódico *Diario de Mexico* um soneto em honra a Virgem de Guadalupe publicado pelo acontecimento do aniversário da aparição. O soneto retrata a alegria, honra e glória que os povos indígenas possuem por receber a graça de testemunhar um fato tão grandioso como Maria ter escolhido o México com sua ternura para sobrevir.

Judit por un hecho solamente à una voz todo el pueblo bendecia, diciendo: que de Israel alegria, honra del pueblo, y gloria de su gente: ¿Como no deberá mas justamente la ciudad mexicana en éste dia dar mayores elogios à MARIA, con ternura y efecto reverente? Qué ¿haberse en GUADALUPE aparecido, hacernos un favor tan soberano,

---

<sup>97</sup> “El hecho de que la espiritualidad mexicana se viera invadida en el siglo xviii por la devoción a la «prodigiosa imagen» del Tepeyac tuvo efectos secundarios en la mayoría de las manifestaciones de la vida social.” (Lafaye, 1977, p. 382).

<sup>98</sup> Com um rito gentilico, os romanos chamavam de grande o dia em que algo feliz os iluminava, e depois era considerado feriado com vã adoração: que dia para nós, mexicanos, é doze de dezembro? Em que Maria das rosas foi pintada como suas mãos. [...] aparece bela sem igual, tão adornada como o sábio pintor anos a elogia, em seus epítalamos retratados, dizendo: e como Aurora, e Sol minha amada esposa.

cual ninguna nacion ha merecido, recibir tantas gracias: de su mano, no nos dãn à entender, que siempre ha sido gloria, alegria, y honor del pueblo indiano?<sup>99</sup> (Diario de Mexico, 1807).

Já nos anos de 1805, pudemos investigar através dos periódicos o início de poemas que vinculavam a figura da Virgem de Guadalupe com o “ser mexicano”, ou seja, analisando os periódicos observamos afirmações acerca da devoção que afirmam a honra em ser mexicano. O trecho acima demonstra uma característica surgida ao longo do século XVIII: a comparação da aparição da Virgem Maria, com fatos bíblicos<sup>100</sup>. O poema acima compara à Virgem com a figura de Judite, personagem que dá nome a um livro da Bíblia, que teria vivido no tempo do rei Nabucodonossor. O poema compara as glórias trazidas pela personagem bíblica a seu povo, com a glória compartilhada pelos mexicanos por meio da aparição da Virgem de Guadalupe; e ainda, é assinalado que nenhuma outra nação obteve tão grande auxílio.

Outro fato pode ser observado e analisado de acordo com os autores que defendem o patriotismo crioulo, o poema nos direcionar especificamente aos povos indígenas. As bênçãos, honras e as graças concedidas pela Virgem, segundo o poema, eram para maior alegria e honra dos povos indígenas, assim como, a figura da Virgem de Guadalupe é afirmada como símbolo de uma nação que tem suas raízes indígenas, não espanholas.

Vemos que no início do século XIX há uma continuidade em relação ao uso da devoção como meio para se obter uma identificação, ademais, podemos identificar que essa devoção conota a exaltação do México por ter sido escolhido para receber a honra de ter em seu território, uma aparição mariana. Não somente, mas vemos como o próprio povo se orgulha de ser pertencente a região pela escolha da aparição da Virgem.

Ainda no ano de 1807, encontramos uma notícia que descreve como foram as comemorações do 12 de dezembro, festa de Nossa Senhora de Guadalupe. Notamos a enormidade de fiéis que visitaram o santuário em decorrência do aniversário da aparição e conseguimos através do texto publicado no periódico, compreender um pouco mais das comemorações daquele ano.

---

<sup>99</sup> Judite, por um só fato, abençoou toda a cidade com uma só voz, dizendo: que de Israel alegria, honra do povo e glória do sua gente: Como não deveria a cidade mexicana mais justamente neste dia dar maior louvor a MARIA, com ternura e efeito reverente? O que, tendo aparecido em GUADALUPE, fazendo-nos um favor tão soberano, que nenhuma nação mereceu, recebendo tantas graças: de sua mão, não nos dão a entender, que sempre foi glória, alegria e honra do povo indígena? (Diario de Mexico, 1807). Tradução da autora.

<sup>100</sup> Jacque Lafaye descreve que no século XVIII surgiram teses acerca do México ser a “Nova Roma”, local de renascimento da Igreja Católica. Segundo essa tese, a Virgem de Guadalupe era a mulher retratada no livro bíblico chamado “Apocalipse” no capítulo 12.

Toda ésta multitud, que habia pasado la noche en las huecas quiebras de Tepeyac, ó en el duro suelo de la plaza y calles de la Villa; cantando hymnos y alabanzas à la Reyna, entraba alternativamente al santo templo, donde aquella sagrada imagen bañaba de júbilo los corazones de sus devotos<sup>101</sup>. (Diario de Mexico, 14/12/1807)

A notícia também nos demonstra as práticas particulares, a devoção em meio as diferentes classes sociais, a análise do autor em relação à devoção indígena e sua descrição dos momentos vivenciados no Tepeyac. A festa em honra à Virgem de Guadalupe do ano de 1807 foi marcada pela presença dos fiéis e um sentimento devoto afluído. Apesar de não demonstrar em seu texto uma relação da festa com o sentimento nacionalista, o texto nos auxilia na compreensão da grandiosidade da devoção, da enormidade de seus fiéis e de suas práticas devotas, que nos diz muito sobre o sentido religioso da devoção à Virgem.

Em 1808 a Espanha foi invadida por Napoleão Bonaparte. Algumas questões acerca desse período serão exploradas a frente, juntamente com as razões que levaram ao chamado “Grito de Dolores”. Contudo, no 12 de dezembro de 1808, vemos um apelo no periódico, a Virgem estava sendo invocada para amparar Fernando VII e libertá-lo. O soneto vem possui a rememoração da data em que à Virgem apareceu à Juan Diego e exprime também a gratidão pelo acontecimento.

Adorable Señora, hoy es el dia en que lá fiel nacion Americana recibió por tu copia Soberana, el timbre de llamarte: Madre mia. Su Reyna eres, dulcisima Maria, tu cample años asi celebra ufana; y aunque marcedes tuyas siempre gana, hoy son de honor à tu Soberania. No te pide que aumentes el tesoro que si suelo precioso està franqueando: no te pide grandeza, no decoro: no mundano interes... mas si llorando, ¡clama que le concedas, en vez de oro, lá libertad desarda de FERNANDO<sup>102</sup>! (Diário de México, 12/12/1808)

Identificamos que o trecho “la fiel nacion Americana” vem com o objetivo de demonstrar a fidelidade desse povo para com a devoção, que agora além de receber a gratidão por todos os feitos anteriores, recebe uma nova missão para com o povo mexicano: a libertação

---

<sup>101</sup> Toda esta multidão, que passou a noite nas fendas vazias do Tepeyac, ou no chão duro da praça e ruas da Vila; cantando hinos e louvores à Rainha, ele entrava alternadamente no templo sagrado, onde aquele sagrado imagem banhou de alegria o coração de seus devotos. (Diario de Mexico, 14/12/1807). Tradução da autora.

<sup>102</sup> Adorável Senhora, hoje é o dia em que a fiel nação americana recebeu, através de sua cópia Soberana, o sinal para chamá-la: Minha Mãe. Você é sua Rainha, doce Maria, seus anos de campo comemoram com orgulho assim; e embora seus marcedes sempre vençam, hoje eles são uma homenagem à sua Soberania. Ele não te pede que aumentes o tesouro daquela terra preciosa que atravessa: não te pede grandeza, nem decoro: nem interesse mundano... mas se, chorando, ele clama que lhe concedas, em vez de ouro, a selvagem liberdade de FERNANDO! (Diário de México, 12/12/1808). Tradução da autora.

do rei. O auxílio a Virgem que terá seu ápice em 1810 em seu uso pelo padre Hidalgo, começa a ser recorrido desde o ano das invasões napoleônicas a Espanha.

Seguindo adiante, temos a comemoração do 12 de dezembro do ano de 1809, o último periódico analisado nessa pesquisa relacionado ao aniversário da aparição. No ano de 1810, não foi encontrado periódico comemorativo, em consequência do encerramento do mesmo. Entretanto, existe um periódico de outra data que se faz importante à pesquisa, e será analisado à frente.

O dia 12 de dezembro de 1809 foi marcado no “Diario de México” por uma publicação no início da página, como de costume nas datas comemorativas da Virgem, com um soneto rememorando à aparição de 1531.

Tal día como hoy baxó Maria del cielo, á establecer su trono soberano en el feliz imperio Mexicano, ¡ con pasmo y estupor de todo el suelo! Tal día como hoy, con prodigioso anhelo, el Cielo dexa, por el suelo indiano; y en fin, tel día como hoy, nos pone á mano le gloria em Guadalupe... ¡que Consuelo!<sup>103</sup> (Diário de México, 12/12/1809)

Em um dia como aquele, 12 de dezembro, a Virgem Maria teria, para o espanto das outras nações, escolhido o México para sua prodigiosa aparição em solo indígena. Vemos, mais uma vez o reforço da questão territorial que cerca a devoção. O orgulho em pertencer ao local escolhido pela Virgem para demonstrar seu amparo ao povo. Assim, observamos na sequência dos periódicos fatores comuns que nos levam a percepção da elevação mexicana pelo recebimento da devoção.

A escolha da Virgem pelo local de sua aparição é sempre motivo de exaltação nos sonetos nacionalistas, fazendo-nos lembrar da questão territorial levantada por Gruzinski, e já trabalhada nessa pesquisa. “A imagem do Tepeyac permite ancorar a América no tempo da cristandade. É um magnífico instrumento de localização e de perspectiva cronológica; mais ainda, é um enxerto de memória que tem a segurança da eternidade.” (Gruzinski, 2006, p. 177). Observamos que os sonetos têm como intenção, não somente honrar a devoção, mas lembrar aos leitores o quão superior o território se torna em relação aos demais pela recepção do milagre da Virgem de Guadalupe.

Dessa forma, podemos concluir que os sonetos publicados pelo periódico “Diario de México no início do século XIX tem em comum não somente a devoção pela Virgem, mas a afirmação presente de seu surgimento no local. A Virgem mexicana é rememorada sempre por

---

<sup>103</sup> Neste dia, Maria desceu do céu para estabelecer o seu trono soberano no feliz império mexicano, para espanto e espanto do mundo inteiro! Neste dia, com saudade prodigiosa, o Céu deixa o solo indiano; E finalmente, num dia como hoje, a glória de Guadalupe está próxima... que Consuelo! (Diário de México, 12/12/1809). Tradução da autora.

sua escolha em surgir naquela localidade, para aqueles povos e por sua ligação com os indígenas, que são os primeiros, representados pela figura de Juan Diego, a receberam a devoção.

### **3.3 – O Grito de Dolores: marco inicial das lutas de independência**

Entre os motivos citados por Ernesto de La Torre em “La independencia de Mexico” para o desenrolar dos conflitos, observamos um posicionamento que vai de encontro a David Brading em “Los orígenes del nacionalismo mexicano”: ambos acreditam que, entre outros fatores, um grupo social emergente na sociedade mexicana do século XVIII foi um dos agentes para a fomentação do sentimento nacionalista.

“[...] a emergência de uma elite empresarial dotada de ampla cultura e clara consciência do seu destino e possibilidades; e) o aparecimento e expansão, em grupos cada vez maiores, de um sentimento nacionalista nascido em algumas províncias e o reencontro e valorização das suas raízes duplas, indígenas e ibéricas; em outros, do conhecimento e valorização do avanço intelectual obtido e da igualdade e até superioridade da mente e das capacidades americanas em relação às espanholas; [...]” (Torre, 1992, p. 11)<sup>104</sup>

Podemos observar, que a ascensão do uso político da devoção à Virgem de Guadalupe, vai de encontro com o início das lutas de independência e a necessidade da criação da identificação desses povos que, ao buscarem o rompimento com a colônia, almejavam experimentar o sentimento de nacionalismo por meio de seus próprios símbolos. O período é propício para a divulgação da figura da Virgem que já havia se mostrado vultosa a esses povos na intercessão em questões sociais – como a epidemia de 1731 - e, os acompanhava há longos anos com seu discurso materno, sempre lembrado nos dias 12 de dezembro.

O uso político da devoção se dá pela amplitude dos fatos ocorridos desde o seu surgimento no século XVI, a passagem da devoção e o uso de sua intercessão ao longo dos séculos XVII e XVIII e o ambiente político favorável à sua utilização no século XIX<sup>105</sup>.

<sup>104</sup> “[...] del surgimiento de una élite directiva poseedora de amplia cultura y de una clara conciencia de su destino y posibilidades; e) de la aparición y expansión, en grupos cada vez más amplios, de un sentimiento nacionalista nacido en algunas provincias y del reencuentro y la estimación de sus dobles raíces, las indígenas y las ibéricas; en otras, del conocimiento y aprecio del adelanto intelectual obtenido y de la igualdad y aun superioridad de la mente y capacidades americanas en relación con las españolas; [...]” (Torre, 1992, p. 11).

<sup>105</sup> La guerra también propició la creación de distintos sistemas de representación. Unos estaban orientados a fortalecer la identidad del grupo americano levantado en armas y a insistir en las diferencias que los separaban del español de la Península. El odio al «gachupín», la «guerra de religión» o «guerra santa», el ideal de la «reconquista» y el dejar de considerarse «esclavos» para convertirse en «hombres libres», son sólo algunas de las representaciones construidas por los rebeldes en el transcurso de la guerra. En cambio, para los militares fieles al gobierno español que combatían en el campo de batalla, no había duda de que estaban frente a «una clase de insurrección que jamás han visto los siglos»<sup>1</sup>. De

Indubitavelmente, o fenômeno que se constrói em torno da Virgem de Guadalupe é incomparável às demais devoções católicas, que não se chocam no cenário político vivido pelos diversos países. O fenômeno guadalupano é particular e amplo. Particular porque não conseguimos elencar outra sociedade que tenha vivido em seu processo de formação de identificação nacional, uma movimentação semelhante à incorporação de um símbolo religioso que abrange à nação, ao menos não no período das independências. Amplo porque sua incorporação excede ao sentido religioso, e como já defendido por outros autores<sup>106</sup>, a identificação com a imagem não está atrelada a religião praticada em individual.

Com a ascensão dos pensamentos emergentes acerca do rompimento com a colônia e a preparação para as lutas de independência, se torna necessário reafirmar o que de fato era pertencente àquela nação. É nesse sentido que vemos a transcendência da devoção.

“A falência da monarquia hispânica e as guerras de independência na América Latina levaram ao surgimento de um novo léxico político como a soberania, a nação e o cidadão, acompanhado de imaginários republicanos e práticas representativas no sentido moderno, ao mesmo tempo que surgiram palavras e conceitos que definiram novas posições no conflito.”<sup>107</sup> (Pérez, 2013, p. 135).

A necessidade de se criar uma identificação, ia de encontro com a necessidade de se obter uma pátria, uma nação que unificasse sob seus limites os povos que ali viviam. O “patriotismo criollo” concede-nos a interpretação desses fatos, de modo que, possamos observar as necessidades vivenciadas e os meios utilizados para obtê-las. Haviam também reivindicações acerca dos postos oficiais de trabalho, ocupados pelos espanhóis, nesse sentido, os criollos almejavam para si o direito de estar à frente de sua colônia.

A identificação da América como uma pátria comum permitiu distinguir os americanos dos peninsulares. No entanto, ambos eram, segundo Ahumada, espanhóis. O cidadão americano era, portanto, o “vizinho” espanhol nas Índias. Por isso, o jurista poderia afirmar que no México ou no Peru “há mais espanhóis do que em toda a Europa”. Ahumada identificou os americanos com seus ancestrais, os conquistadores, e não com os povos indígenas. Na Península, os espanhóis expulsaram os mouros. Na América, eles deixaram o país “limpo”. Foi outro argumento para que os americanos fossem

---

la noche a la mañana la sociedad novohispana se vio inmersa en una «bárbara y cruel revolución» que sólo les había traído muerte y destrucción. (Pérez, 2013, p. 135). Tradução da autora.

<sup>106</sup> David Brading, Ariel Arnal, Jacques Lafaye.

<sup>107</sup> “La quiebra de la monarquía hispánica y las guerras de independencia en Hispanoamérica propiciaron el surgimiento de un nuevo México político como la soberanía, la nación y el ciudadano, acompañado de imaginarios republicanos y prácticas representativas en sentido moderno, al mismo tiempo que aparecían palabras y conceptos que fueron definiendo nuevas posturas en el conflicto.” (Pérez, 2013, p. 135).

nomeados não apenas para cargos militares, mas também para cargos políticos, religiosos e acadêmicos: sendo cidadãos do seu país, todos os empregos tinham de ser “deles”.<sup>108</sup>. (Entin, 2013, p.24)

A invasão napoleônica ao reino espanhol e a queda do monarca, Fernando VII, impacta fortemente nas relações entre metrópole e colônia. A distância entre a Nova e a velha Espanha aumentam devido às divergências surgidas nesse período, que será decisivo para o início das lutas de independência. Com a subida de José Bonaparte ao trono espanhol, cresce a insatisfação colonial em relação à metrópole, que será fomentada pelos crioulos.

““Em 1808”, escreveu Salvador Madariaga, “o povo espanhol se achava ainda profundamente impregnado de monarquismo. Mas aquele rei que aclamavam os espanhóis se arrastava então em Bayonne diante de Napoleão... O povo, órfão, criou as Juntas que organizaram a defesa e o governo do país abandonado por seu rei. A monarquia havia caído, rompendo-se em pedaços... Em 1812, reuniram-se em Cadiz, Córtes convocadas, não pelo rei mas pelo povo. Nelas dominaram os liberais que deram à Espanha uma Constituição.” (Delgado; Riemer, 1985, p. 94).

A necessidade de se consolidar uma pátria que rompesse com a colônia e definisse as fronteiras do território, se tornava a cada momento mais chamativa aos crioulos, tanto pela questão territorial, quanto pela questão social. Os crioulos ambicionavam uma ascensão social que só seria possível por meio da afirmação de sua identidade, que os tornava dignos de estar à frente de cargos importantes em sua própria nação.

“Ambos procuraram livrar-se do jugo e encontraram a oportunidade de colocar em prática os seus ideais em 1808. Naquele ano, Napoleão, um dos maiores conquistadores de todos os tempos, ocupou a Espanha. Os espanhóis se opuseram ao invasor, e os mexicanos que haviam deixado de se sentir espanhóis, tentaram aproveitar a crise espanhola para se tornarem independentes, como se vê nos versos que um dia apareceram afixados nos muros da capital: Abram os olhos, povo mexicano, e aproveitem esta oportunidade tão oportuna. Amados compatriotas, a fortuna colocou as

---

<sup>108</sup> “La identificación de América como una patria común permitía distinguir a los americanos y a los peninsulares. Sin embargo, los dos eran, según Ahumada, españoles. El ciudadano americano era así el «vecino» español en Indias. Por esta razón, el jurista podía afirmar que en México o en Perú, «hay más españoles, que en toda Europa». Ahumada identificaba a los americanos con sus ancestros, los conquistadores, y no con los indígenas. En la Península, los españoles habían expulsado a los moros. En América, habían dejado «limpia» la patria. Se trataba de otro argumento para que los americanos sean designados no sólo en puestos militares sino también en cargos políticos, religiosos y académicos: siendo ciudadanos de su patria todos los oficios debían ser «suyos».” (Entin, 2013, p.24).

liberdades nas mãos; Se você não se livrar agora do jugo hispânico, você será, sem dúvida, miserável.”<sup>109</sup> (González, 1977, p. 83).

O Vice-Reino da Nova Espanha, como era conhecido o território do México durante a colônia, perdurou quase três séculos. Com a chegada da notícia de que Napoleão Bonaparte (1769 – 1821) havia tomado o poder da Espanha e coroado seu irmão, José Bonaparte (1768 – 1844), como novo rei, a divisão entre o povo que residia na região, se tornou ainda mais explícita. Naquele momento, a sociedade colonial era dividida entre: guachupins, criollos, indígenas e mestiços. Os guachupins eram nascidos espanhóis e detinham importantes cargos políticos. Os criollos eram a elite do vice-reino, descendentes de espanhóis, que, entretanto, não detinham os mesmos direitos que os guachupins em assuntos políticos. Já a maioria da população era formada por indígenas e mestiços, que tinham sua mão de obra explorada pelos grupos mais abastados. Em meio ao caos que se formou com a chegada da notícia de tomada de poder no reino, os guachupins decidiram por continuar leais ao rei Fernando VII (1784 - 1833). Já os criollos, almejavam formar uma Junta Governativa fiel a Fernando VII, mas que implantaria uma administração separada do reino da Espanha, que resultou na prisão desses criollos e deposição de seu vice-rei. Por fim, inspirado por ideias iluministas, em 16 de setembro de 1810, Padre Hidalgo chama o povo para um levante em prol da independência durante o Grito de Dolores, iniciando o processo de separação. O processo de independência do México teve seu deslance em 1821 e logo se inicia o período da monarquia de Agustín Iturbide (1783-1824), qual teve existência efêmera e foi substituída por uma república em 1824. Até que o momento da independência ocorresse, o país passou por muitas lutas que perduraram quase 11 anos.

“Durante o século XVIII, a América Hispânica se tornará um laboratório de experimentação de projetos e questões administrativas, econômicas, comercial e militar de uma monarquia que, pela sua natureza agregativa de reinos, teria dificuldade em apresentar-se como uma pátria única. Os domínios Os americanos, incorporados desde 1519 à Coroa de Castela, abrangerão entre a sua consideração dos reinos e a sua compreensão como colônias, uma noção descritiva que adquiriria uma dimensão

---

<sup>109</sup> “Unos y otros buscaban sacudirse el yugo, y ambos encontraron la coyuntura para poner en práctica sus ideales en 1808. Ese año Napoleón, uno de los mayores conquistadores de todos los tiempos, ocupó España. Los españoles se opusieron al invasor, y los mexicanos que habían dejado de sentirse españoles, trataron de aprovecharse de la crisis española para hacerse independientes según se ve en los versos que un día amanecieron pegados en los muros de la capital: Abre los ojos pueblo mexicano y aprovecha ocasión tan oportuna. Amados compatriotas, en la mano las libertades ha dispuesto la fortuna; si ahora no sacudís el yugo hispano miserables seréis sin duda alguna.” (González, 1977, p. 83).

conceitual “socio-política negativa” sob o qual o próprio status da América na Monarquia seria interpretado.”<sup>110</sup> (Entin, 2013, p. 22).

A diferença entre as classes sociais foi um dos principais motivos para que se pensasse uma ruptura da Nova Espanha com a antiga, aliado a outros fatores políticos. Pensar a sociedade dividida entre incluídos e excluídos pode ser uma ajuda fundamental para se compreender as questões acerca do desejo de almejar sua independência. Elias e Scotson em “Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade” nos demonstram como as relações de poder influenciam em uma sociedade. A sociedade por eles estudada não é a mesma que estudamos nesse trabalho, contudo, suas noções nos auxiliam a compreensão dos impactos dessa divisão social, que é uma das causas do movimento separatista na Nova Espanha.

Na sua renovação burocrática na América, a Coroa privilegiaria os espanhóis Europeus durante as reformas corporativas. Um dos argumentos A legitimação desta medida baseou-se na ideia de imparcialidade: uma oficial seria mais imparcial quando não fosse originário da comunidade governar, foi explicado.”<sup>111</sup> (Entin, 2013, p. 23).

Analisar como essa sociedade aceita que determinado grupo esteja na posição de estabelecido em uma dinâmica de poder que o fortalece ainda mais, poderá responder questões trazidas pela mesma desde o período de colonização. A forma como a colonização ocorreu e como ao longo dos séculos a Espanha dominou mais e mais seus colonos, são respostas para a sociedade de difícil mobilidade social que se formou e que acarretou o sentimento de divisão presente nos crioulos e que mais tarde desagua na identidade nacional do país.

A sociedade presente nos momentos próximos as lutas de independência mexicana, era profundamente hierarquizada e ambas, a Nova e a velha Espanha, dependiam fortemente uma da outra. Ao analisarmos os grupos que se formam em levante ao movimento, podemos observar como essa hierarquização presente na sociedade, afeta sua estrutura e

---

<sup>110</sup> “Durante el siglo XVIII, América hispánica se convertirá en un laboratorio de experimentación de proyectos y reformas administrativas, económicas, comerciales y militares de una monarquía que, por su naturaleza agregativa de reinos, tendría dificultades para presentarse como una única patria. Los dominios americanos, incorporados desde 1519 a la Corona de Castilla, oscilarán entre su consideración de reinos y su comprensión como colonias, noción descriptiva que adquiriría una dimensión conceptual «socio-política negativa» bajo la cual se interpretaría el propio status de América en la Monarquía.” (Entin, 2013, p. 22).

<sup>111</sup> “En su renovación burocrática en América, la Corona privilegiaría a los españoles durante las reformas de las corporaciones. Uno de los argumentos para la legitimación de esta medida se fundaba en la idea de imparcialidad: un funcionario sería más imparcial cuando no fuese originario de la comunidad a gobernar, se explicaba.” (Entin, 2013, p. 23).

desenvolvimento, fazendo-nos compreender mais da importância dessa divisão e como ela se torna motor para os revoltosos.

O nacionalismo crioulo tem características fortes e, ao mesmo tempo, contraditórias dentro de sua formação. Brading nos demonstra que apesar do Guadalupismo e de sua afeição religiosa apegada a Virgem, o sentimento crioulo é de repugnância ao passado colonizador e de exaltação às sociedades que viviam antes da conquista. Dessa forma, podemos observar que os sincretismos presentes na imagem de Guadalupe, são suficientes para que mesmo em meio às divisões políticas, o México se una através dela.

São as pretensões crioulas que levam à nação a visar sua independência. A escolha do Padre Miguel Hidalgo pelo Estandarte da Virgem de Guadalupe pode ser justificada pelo nascimento de uma identificação em torno da Virgem que vinha sendo cultivada desde meados do século XVIII. Sendo um sacerdote que desejava o rompimento com a colônia, reafirmar um símbolo nacional demonstrava sua intenção de transformar a Nova Espanha em um país independente, que visava elevar seus próprios símbolos.

“Chegamos assim ao grito da vila de Dolores, onde o pai da pátria, o padre Miguel Hidalgo y Costilla, grita na madrugada de 16 de setembro de 1810: “Viva a Virgem de Guadalupe!, morte ao mau governo!, viva Fernando VII!”, tudo isto, exigindo apenas o cumprimento da lei. Como “pai do país”, Hidalgo foi quem fertilizou a consciência crioula com a Independência, transformando as reivindicações – primeiro autonomistas e depois independência – numa longa gestação de onze anos.”<sup>112</sup> (Arnal, 2010, p. 104).

Ademais, a Virgem de Guadalupe ratificava a identificação nacional emergente. O ícone colonial, indígena, foi reforçado como sendo uma criação da Nova Espanha. Sendo uma criação da Nova Espanha, a devoção emergente, que em meados do século XVIII tornou-se oficializada pelo papa, trazia orgulho aos crioulos e em meio à busca por sua autonomia em relação à colônia, torna-se um símbolo possível e de grande valor.

“Por que Hidalgo reivindica autonomia ao declarar sua fidelidade a Fernando VII, acrescentando a isso a reprodução da tilma da Virgem de Guadalupe da cidade de Atotonilco? Porque apesar da sua origem, esta se opõe à dos Remedios, à dos peninsulares, à dos “gachupines” que ficam com os cargos mais altos e mais bem pagos,

---

<sup>112</sup> “Llegamos así al grito del pueblo de Dolores, donde el padre de la patria, el cura Miguel Hidalgo y Costilla, grita en la madrugada del 16 de septiembre de 1810: “¡Viva la virgen de Guadalupe!, ¡muera el mal gobierno!, ¡viva Fernando VII!”, todo ello, exigiendo tan sólo el cumplimiento de la ley. Como “padre de la patria”, Hidalgo es el que fecunda la conciencia criolla con la Independencia, convirtiendo las reivindicaciones —autonomistas primero e independentistas después—, en una larga gestación de once años.” (Arnal, 2010, p. 104).

marginalizando os crioulos que por lei têm direito a esses cargos na administração da Nova Espanha.”<sup>113</sup>. (Arnal, 2010, p. 104)

Em um momento de decisão política, é comum que se recorra a símbolos nacionais que contenham em sua representação, instrumentos a serem utilizados de maneira a convocar o povo na participação do movimento. No caso da Nova Espanha, à Virgem de Guadalupe foi escolhida como símbolo de um momento que viria a ser decisivo para o início das lutas separatistas. Observando essa escolha, temos a dimensão da grandiosidade que a devoção carregava nesse cenário, o que nos auxilia na compreensão do significado social desse símbolo em meio ao período vivenciado. Na falta de uma bandeira que representasse aquela localidade em um rompimento com o colonizador, o ícone religioso assumiu o papel de destaque, ocupando um novo espaço que reforçava ainda mais o seu sentido para aquela nação. Todas as referências utilizadas que exaltavam o México por ter recebido a imagem<sup>114</sup>, se tornam concretas quando, ao pretenderem assumir sua própria história, recorreram Àquela que esteve presente por séculos em sua vivência.

A través de lecturas de otros autores europeos de la Ilustración, la elite ilustrada hispánica entendería el patriotismo como el sacrificio del interés particular en favor del interés común de la patria. El concepto implicaría una suerte de amalgama entre valores republicanos clásicos y moral católica<sup>115</sup>. (Entin, 2013, p. 21)

Compreendemos que inúmeros fatores influenciaram na escolha da Virgem como símbolo. Havia na sociedade da Nova Espanha uma elite crioula letrada que durante esse período estava a frente do movimento, sendo o padre Miguel Hidalgo participante dele. Contudo, a adesão popular pode ser mais justificada pela própria figura da Virgem e seu significado para tal sociedade, afinal, o símbolo já conhecido vinha sendo trabalhado nos usos mais diversos desde o século XVI.

---

<sup>113</sup> “¿Por qué Hidalgo reclama la autonomía al tiempo que declara su fidelidad a Fernando VII, uniendo a ello la reproducción de la tilma de la virgen de Guadalupe de la villa de Atotonilco? Porque a pesar de su origen, ésta se opone a la de los Remedios, la de los peninsulares, la de los “gachupines” que se quedan con los cargos más altos y mejor remunerados, marginando a los criollos que por ley tienen derecho a dichos puestos en la administración novohispana.” (Arnal, 2010, p. 104).

<sup>114</sup> Presentes nos periódicos analisados da segunda metade do século XVIII e início do século XIX.

<sup>115</sup> “Además, la imagen de la Virgen de Guadalupe fue estandarte del estallido insurgente en 1810 y existió un grupo conspirador llamado Los Guadalupe. Los sentimientos de la nación de Morelos establecían la ley constitucional de la celebración del 12 de diciembre en México dedicado a la patrona Guadalupe que otorgaba victorias y daba la libertad.” (Entin, 2013, p. 21).

“Através de leituras de outros autores europeus do Iluminismo, a elite hispânica esclarecida entenderia o patriotismo como o sacrifício de interessesparticular em favor do interesse comum do país. O conceito implicaria uma espécie de amálgama entre os valores republicanos clássicos e a moral católica.” (Altamirano, 2012, p. 30).

O uso político da devoção não agradou ao clero espanhol, que expediu ainda em 1810 a excomunhão do padre Miguel Hidalgo. No catolicismo, a excomunhão é a pena máxima dada pela Igreja, usada para fatos de gravidade extrema. O fato de o bispo Dom Manuel Abad expedir um documento de excomunhão ao padre Hidalgo demonstra que o uso da devoção em uma insurgência, não ia de acordo com o proposto pela Igreja local. Ou seja, a escolha do símbolo se deu a partir da própria visão crioula acerca do uso da imagem como forma de reafirmar sua identidade nacional.

La nueva España que habia admirado la Europa por favor de la madre pátria, apoyándola y sosteniéndola con sus tesoros, con su opinion y sus escritos, manteniendo la paz y la concordia á pesar de las insidias y tramas del tirano del mundo; se vé hoy amenazada con la discordia y anarquia, y con todas las desgracias que la siguen, y há sufrido la citada isla de Santo Domingo. Un ministro del Dios de la paz, un sacerdote de Jesucristo, un pastor de almas, (no quisiera decirlo) el cura de Dolores D. Miguel Hidalgo, (que habia merecido hasta aquí mi confianza y mi amistad) asociado de los capitanes del regimiento de la Reyna D. Ignacio Allende, D. Juan de Aldama y D. Josef Mariano Abasolo, levantó el estandarte de la revelion y encendió la tea de la discordia y anarquía y seduciendo una porcion de labradores inocentes, les hizo comar las armas y cayendo con ellos sobre el pueblo de Dolores el 16 del corriente al amanecer, sorprendió y arrestó los vecinos europeos, saqueó y robó sus bienes: y pasando despues á las siete de la noche á la villa de San Miguel el Grande, executó lo mismo apoderandose en una y otra parte de la autoridad y del gobierno<sup>116</sup>. (Gazeta extraordinária del gobierno de México, 1810, p. 01).

---

<sup>116</sup> A nova Espanha que admirou a Europa em favor da pátria, apoiando-a e sustentando-a com os seus tesouros, com a sua opinião e os seus escritos, mantendo a paz e a concórdia apesar das armadilhas e conspirações do tirano do mundo; Hoje está ameaçada pela discórdia e pela anarquia, e por todos os infortúnios que a acompanham, e a referida ilha de Santo Domingo sofreu. Um ministro do Deus da paz, um sacerdote de Jesus Cristo, um pastor de almas, (não gostaria de dizê-lo) o sacerdote de Dolores D. Miguel Hidalgo, (que até agora merecia a minha confiança e a minha amizade) associado dos capitães do regimento da Rainha D. Ignacio Allende, D. Juan de Aldama e D. Josef Mariano Abasolo, levantou a bandeira da rebelião e acendeu a tocha da discórdia e da anarquia e seduziu um parcela de agricultores inocentes, fez com que comessem suas armas e caiu com eles na cidade de Dolores na madrugada do dia 16 deste ano, surpreendeu e prendeu os vizinhos europeus, saqueou e roubou suas propriedades: e

A notícia acima, publicada no periódico *Gazeta extraordinária del Gobierno de México* exprime a divisão existente entre as classes sociais da Nova Espanha. O clero espanhol, desejava se manter firme a metrópole, enquanto os crioulos viam uma oportunidade de separação que possibilitaria uma mudança social significativa a eles. Não somente a excomunhão de Miguel Hidalgo foi expedida, mas também, um posicionamento do clero local foi publicado para demonstração pública de sua discordância acerca do movimento e acerca da utilização da devoção.

Como la religion condena a la revelion, el asecisnato, la opresión de los inocentes; y la madre de Dios no puede proteger los crímenes; es evidente que el cura de Dolores pintando en su estandarte de sedicion la imágen de nuestra Señora, y poniendo en él la referida inscripcion, cometió dos sacrilegios gravísimos, insolando á la religion y á nuestra Señora. Insulta igualmente á nuestro Soberano, despreciando y atacando el Gobierno, que le representa, oprimiendo sus vasallos inocentes, perturbando el orden público, y violando el juramento de fidelidad al Soberano y al gobierno, resultando perjuro igualmente que los referidos capitanes<sup>117</sup>. (*Gazeta extraordinária del gobierno de México*, 1810, p. 04).

Podemos assim perceber que a utilização da imagem se justifica no “patriotismo crioulo” e que a escolha do estandarte levantado por Hidalgo no 16 de setembro de 1810 reflete o pensamento dessa classe social que ansiava por uma elevação social que, só seria possível com a ruptura entre colônia e metrópole. O crescimento da devoção à Virgem de Guadalupe no século XVIII e sua utilização para além do sentido religioso foi de fundamental importância para a unificação popular em torno do conflito.

O “Grito de Dolores” é o marco inicial de um longo período de conflitos que visavam alcançar a independência política, econômica e social do México. A escolha do estandarte da Virgem de Guadalupe deixa expresso o caráter do movimento, que se baseava nos princípios crioulos. Dessa forma, podemos observar que o sentimento emergente que se consagrava à

---

depois passando às sete horas da noite para a cidade de San Miguel el Grande, fez a mesma coisa, tomando autoridade e governo em ambas as partes. (*Gazeta extraordinária del gobierno de México*, 1810, p. 01). Tradução da autora.

<sup>117</sup> Como a religião condena a rebelião, o assassinato, a opressão dos inocentes; e a mãe de Deus não pode proteger os crimes; É evidente que o padre de Dolores, ao pintar a imagem de Nossa Senhora no seu estandarte de sedição, e nela colocar a referida inscrição, cometeu dois gravíssimos sacrilégios, insultando a religião e Nossa Senhora. Insulta também o nosso Soberano, desprezando e atacando o Governo que o representa, oprimindo os seus vassallos inocentes, perturbando a ordem pública e violando o juramento de fidelidade ao Soberano e ao governo, cometendo perjúrio assim como os referidos capitães. (*Gazeta extraordinária del gobierno de México*, 1810, p. 04). Tradução da autora.

devoção que teve sua origem no período colonial, de fato identificava essa classe social por muito além de sua religiosidade, mas da unificação gerada pelo símbolo. Em síntese, a escolha do padre Hidalgo pelo estandarte que portava a imagem da Virgem pode ser considerado um fato de grande reflexão. A escolha não foi ocasional, carregava consigo uma série de ideais que vinham sendo cultivados desde a segunda metade do século XVIII.

A utilização da imagem da Virgem no estandarte recorrido para dar início as lutas de independência compõem uma série de possibilidades para o uso político de sua imagem, o que testemunhamos ao longo da história do México, em que, em outros momentos de importância política, viu grupos recorrerem a esse símbolo para ilustrarem suas reivindicações. Portanto, esse evento, juntamente com o desenvolvimento do sentimento nacionalista mexicano, abre espaço para a solidificação da devoção enquanto meio para se obter o símbolo que virá a ser recorrido para além do costume católico.

## Conclusão

Ao longo dos capítulos pudemos observar alguns dos aspectos que cercam a devoção a Nossa Senhora de Guadalupe; seu surgimento, crescimento e consolidação na sociedade. As escolhas feitas ao longo da elaboração do trabalho, nos levaram a compreensão não somente da devoção, mas do início de uma formação de identidade nacional presente em seu redor, que irá impactar as escolhas políticas e sociais da região. Os diversos autores citados, com ênfase nos nomes de Lafaye (1977), Brading (2004) e Arnal (2010), tem concordância ao nos demonstrar em obras distintas que o primeiro símbolo utilizado enquanto unificador da nação, no caso da Nova Espanha, foi Nossa Senhora de Guadalupe. O símbolo colonial, que deste seu surgimento ganhou a devoção do povo, teve seu espaço ampliado para além do uso religioso durante os séculos XVIII e XIX, sendo inicialmente utilizado como meio de erradicar um problema social, e posteriormente, símbolo de identificação político-nacional. Além disso, também pudemos observar através dos periódicos listados, o sentimento nacionalista que se funde com a devoção à guadalupana, aumentando nossa reflexão acerca do conteúdo abordado.

No primeiro capítulo dessa dissertação, buscamos demonstrar o surgimento da devoção no século XVI, para assim, entender as questões que cercam a necessidade de seu surgimento em meio àquela sociedade colonial. Para isso, tornou-se necessário compreender um pouco da religiosidade presente tanto entre os espanhóis quanto entre os mexicas. É, segundo alguns autores, como meio facilitador da catequização aos indígenas que surge a devoção à Virgem de Guadalupe. Portanto, englobar os fatores que dificultavam a colonização se fazem necessários para a compreensão da figura da Virgem nesse período. Compreender esse momento se torna importante para conseguirmos analisar o pensamento crioulo que eleva a figura da Virgem como sendo uma criação para os indígenas, excluindo o povo espanhol. Entendemos algumas das narrativas que surgiram ao longo do século XVI para justificar a devoção ou combatê-la, pensando o cenário de surgimento da devoção e as discussões presentes no período sobre seu uso. Ainda pudemos pensar questões acerca da Companhia de Jesus na Nova Espanha e como sua presença foi de fundamental auxílio para a difusão da devoção, principalmente por meio de seus colégios. Nesse contexto, podemos apontar a figura da Virgem como meio de consolidar o catolicismo recém-chegado naquela região, sob uma invocação já conhecida pelos espanhóis e que se torna cara aos povos mexicas: Guadalupe.

Passando adiante, no segundo capítulo compreendemos tanto o surgimento do periodismo na Nova Espanha, quanto a epidemia de 1731, que foi fundamental para que o

crescimento da devoção para além do sentido religioso. Em meio as devoções utilizadas como auxílio para a erradicação da doença, foi após o início das invocações à Virgem de Guadalupe que se tem o sucesso desejado para o fim da epidemia. Também pudemos observar como a devoção era retratada nos periódicos, para posteriormente, compará-la com os primeiros anos do século XIX, e assim, observamos os fatores que impactaram na construção do sentimento de identidade em torno da Virgem. Ao ser utilizada como auxílio na erradicação da epidemia, a Virgem adquiri um papel social mais amplo, sua invocação passa a ser a mais indicada para a resolução de quaisquer problemas. Nesse momento, vemos o início da formação de uma identidade nacional, por meio de alguns poemas publicados nos periódicos que elevavam a nação por meio do aparecimento da Virgem em seu território.

No terceiro capítulo, analisamos o nacionalismo, o sentimento de identificação nacional dos crioulos com a figura da Virgem de Guadalupe, e compreendemos como se deu a passagem do culto religioso para o culto político. Buscamos entender o cenário que antecede as lutas de independência, como forma de intencionar a escolha do Padre Miguel Hidalgo com o símbolo, durante o “Grito de Dolores”. Além disso pudemos observar que a utilização da devoção de maneira política não agradou o clero espanhol, o que culminou na excomunhão do padre. Não somente, mas também, as características que são agregadas a devoção ao longo dos séculos, nos demonstram que seu uso na identificação nacional, passa por inúmeras questões anteriores e sua escolha como símbolo, se dá no momento de maior elevação política da devoção até o período.

As reflexões geradas nos levam a crer que a devoção teve seu crescimento em um momento fundamental para que, por consequência, fosse eleita o primeiro símbolo nacional. O século XVIII, como já citado, trouxe mudanças significativas à sociedade da Nova Espanha e com a necessidade de se criar símbolos que demonstrassem o pertencimento àquela nação, a Virgem surge como uma forte representação. O “patriotismo *criollo*” visava buscar no período colonial símbolos que os representassem, nesse caso, a dualidade presente na Virgem é deixada de lado por sua aparição ao indígena, fato que apesar de contraditório, se torna justificável por meio dos argumentos apresentados.

De forma geral, existem muitos pontos em torno da devoção a Virgem de Guadalupe que podem ser observados, a fim de que, exista uma compreensão melhor da sociedade e das crenças do período. A Imagem da Virgem apareceu como unificadora de povos com diferentes vivências e práticas religiosas, que, por meio das narrativas geradas ao seu entorno, puderam

criar um símbolo unificador comum a nação. Diante disso pudemos observar através dos exemplos propostos que a devoção à Virgem de Guadalupe foi utilizada ao longo do século XVIII como meio de demonstrar uma unificação para aquele território que visava criar sua própria identificação.

Os periódicos da época nos auxiliam no entendimento acerca da clara mudança que se tem na forma de retratar a Virgem de Guadalupe. Com o fim da epidemia, considerada erradicada pelo patrocínio da Virgem, vemos que o depósito da devoção deixa de ser meramente religioso, mas obtém um sentido mais amplo. Com a ascensão dos intelectuais crioulos, em maioria pertencentes ao clero da Nova Espanha formado pela Companhia de Jesus, a escolha da Virgem se torna ainda mais clara. A ascensão do nacionalismo mexicano se inicia no patriotismo crioulo que define a Virgem como símbolo da nação em decorrência dos auxílios prestados anteriormente.

Compreendemos que, a criação desse símbolo, sua identificação nacional e elevação à protetora da nação, vai sendo construído por diversos fatores, mas se consolida pela necessidade do período. Sua individualidade em relação a outros símbolos nacionais, se justifica pela maneira como a devoção foi utilizada desde seu surgimento, acompanhando as necessidades da sociedade.

Ao observarmos a relação construída entre os devotos da Virgem, compreendemos que ela foi erguida de acordo com a necessidade de cada período. No século XVI, a Virgem surge como uma maneira de auxílio na conversão dos povos indígenas e na implementação do catolicismo na Nova Espanha; no século XVII, a devoção foi utilizada pelos jesuítas em suas missões e tornou-se ainda mais conhecida na região; No século XVIII a devoção auxiliou na erradicação de uma grave epidemia que matou um significativo número de pessoas e, por isso, se tornou depósito de fé dos crioulos que identificaram em sua figura a proteção para as mais amplas necessidades; No século XIX a devoção chega a seu auge, sendo utilizada em um importante movimento político que mudou os rumos da história nacional. Ou seja, a devoção atravessa os séculos se moldando a sociedade existente.

Ao longo dessa pesquisa pudemos observar a passagem da devoção através dos séculos, até seu ápice no século XIX. Consideramos seu ápice pelo uso que excede completamente o sentido religioso ao qual foi desenvolvida. A devoção do século XVI, que surgiu como meio facilitador as conversões indígenas, é no século XIX o símbolo escolhido para identificar um grupo que desejava, já há algum tempo, a emancipação da Nova Espanha: os crioulos.

Em suma, a devoção a Virgem de Guadalupe possui especificidades que a tornam incomparável em relação as demais devoções marianas. Seu uso excede o tradicional e atravessa aspectos sociais e políticos que abarcam a sociedade mexicana. Assim sendo, seu estudo se torna relevante para a compreensão da sociedade da Nova Espanha e para a sociedade atual, onde o símbolo ainda é de tamanha importância à população. A história da devoção guadalupana se mescla em diversos sentidos à mexicana e, sua participação ainda se faz presente em inúmeros momentos significativos a essa sociedade.

Concluindo, as questões levantadas ao longo da escrita desse trabalho buscavam a compreensão do uso político da devoção a Nossa Senhora de Guadalupe, como meio de entender o momento em que ocorre essa transformação do símbolo religioso. Ao chegarmos a seu fim, identificamos que não foi um fator isolado o responsável pela alteração da utilidade da devoção, mas sim, que toda a sua história contribuiu para que essa identificação ocorresse. O período do surgimento da devoção e sua divulgação na sociedade pelo clero jesuíta que viria a se tornar a elite intelectual da Nova Espanha; o surgimento do periodismo na região e sua ampla divulgação da figura da Virgem durante a epidemia de 1737; o uso político da devoção pelo Padre Hidalgo, que se aproveita do nacionalismo criado em torno da figura para gerar uma identificação acerca da independência.

**Lista de Fontes:**

Gaceta de México (1722 – 1739)

Gazeta de México (1728 – 1739)

Diário de México (1805 – 1810)

Gazeta del Gobierno de México (1811 - ?)

**Referências bibliográficas:**

ACRUCHE, Hevelly Ferreira. **História da América: percursos e investigações**. Editora Appris, 2019.

ALTAMIRANO, Saúl Lázaro. **La Representación Social del Guadalupanismo en el programa de televisión La Rosa de Guadalupe**. COMUNICACIÓN. Revista Internacional de Comunicación Audiovisual, Publicidad y Estudios Culturales 1, no. 10 (2012): 991-1005.

ARNAL, Ariel. **La devoción del salvaje**. Religiosidad zapatista y silencio gráfico. L'Ordinaire des Amériques 219 (2015). Acesso em: <https://journals.openedition.org/orda/2111?lang=es>

ARNAL, Ariel. **La Guadalupe: Sociopolítica mexicana desde la iconografía religiosa**. Estudios políticos (México) 21 (2010): 101-112.

BARCELOS, Artur Henrique Franco. **Os Jesuítas e a ocupação do espaço platino nos séculos XVII e XVIII**. (2000).

BELTRAMINI, Carolina. **De ídolo a santa: as diferentes construções historiográficas em torno da Virgem de Guadalupe**. In: História da América - historiografia e interpretações. Editora UFOP. 2012. (org) por Luis Estevam de Oliveira Fernandes.

BERNAL, Ignacio. **El tiempo prehispánico**. In: Historia mínima de México. El Colegio de México, 1974. p. 05 - 46.

BRADING, David A. **Los orígenes del nacionalismo mexicano**. Ediciones Era, 1988.

BRADING, David. **La virgen de Guadalupe**. Imagen y tradición. México, Taurus, 2002.

BRADING, David. **Nova Espanha**. Fonde de cultura econômica. México, 2015

BRUSTOLIN, Leomar Antonio. **Sob o olhar de Guadalupe: sinais do céu sobre a terra**. São Paulo: Paulus, 2020.

CARVALHO, Carlos Delgado; RIEMER, Ana Maria Delgado de Carvalho. **História das Américas**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1975.

CASTAÑEDA, María del Carmen Ruiz. **La Gaceta de México de 1722 primer periódico de la Nueva España**. Boletín del Instituto de Investigaciones Bibliográficas 1 (2012).

CATECISMO da Igreja Católica. Vaticano: 1992. Não paginado. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/cathechism\\_po/index\\_new/prima-pagina-cic\\_po.html](https://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html). Acesso em: 05 Jan. 2025.

CHAUNU, Pierre. **História da América Latina**. 5a edição. São Paulo. Difel Editorial, 1983.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. **Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa**. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História* 35 (2007).

CUENYA, Miguel Ángel. **Peste en una ciudad novohispana**. El matlazahuatl de 1737 en la Puebla de los Ángeles. *Anuario de Estudios Americanos*, v. 53, n. 2, p. 51-70, 1996.

DA MATA, Sérgio. **História e Religião**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 11-48.

ENTIN, Gabriel. **El patriotismo americano en el siglo XVIII: ambigüedades de un discurso político hispánico**. *Independencias hispanoamericanas: un objeto de historia*. (Collection de la Casa de Velázquez 1132-7340; v. 137) (2013): 19-33.

FLORENCIANO, Enrique. **Etnia, Estado y Nación**. México, Taurus, 2000.

GOMBRICH EH. **Los usos de las imágenes**. Estudios sobre La función social del arte y la comunicación visual. México: Fondo de Cultura Económica. 2003.

GONZÁLEZ, Luis. **El tiempo prehispánico**. In: *Historia mínima de México*. El Colegio de México, 1974. P. 76 - 123.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GRUZINSKI, Serge. **A guerra das imagens**. Editora Companhia das Letras, 2006.

HERNÁNDEZ Pérez Hernández; ELIEL Christian. **Dinámica poblacional de la jurisdicción eclesiástica de Actopan durante la epidemia de matlazahuatl de 1737**. Dissertação de Mestrado (2023). Disponível em: <http://dgsa.uaeh.edu.mx:8080/handle/231104/3319>. Acesso em 04/03/2024.

HERNÁNDEZ, JE. **Colección de documentos para la historia de la guerra de independencia de México de 1808 a 1821**. JM Sandoval, impresor; 1882. Disponível em: [https://mexicana.cultura.gob.mx/es/repositorio/detalle?id=\\_suri:DGB:TransObject:5bce59877a8a0222ef15e052](https://mexicana.cultura.gob.mx/es/repositorio/detalle?id=_suri:DGB:TransObject:5bce59877a8a0222ef15e052). Acesso em: 28/03/2023.

HOHLFELDT, Antonio Carlos. **Conectando a história de nossos jornais desde a Gaceta do Mexico**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul 162 (2022).

HOZ, José Carlos Martín de la. **Guadalupe: Extremadura y América**. In Dos mil años de evangelización: los grandes ciclos evangelizadores. Servicio de Publicaciones. 2001. p. 629-636). Disponível em: <https://dadun.unav.edu/bitstream/10171/4619/1/Actas%20Simposio%20Teologia%2021%20Martin%20de%20la%20Hoz.pdf>. Acesso em: 06 Jan. 2025.

LAFAYE, Jacques. **Quetzalcoatl y Guadalupe: La formation de la conscience nationale au Mexique – 1531-1813**. Paris, 1974.

LAFAYE, Jacques. **Quetzalcóatl y Guadalupe: La formación de la conciencia nacional en México**. Abismo de conceptos. Identidad, nación, mexicano. Fondo de cultura económica, 2015.

LIMA, Ranay Nóbrega Teixeira de. **A construção de um culto mariano: o caso de Nossa Senhora de Guadalupe do Tepeyac**. PhD diss., Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2017.

LOPETEGUI, León; ZUBILLAGA Félix. **Historia de la iglesia en la América Española: desde el Descubrimiento hasta comienzos del siglo XIX**. Biblioteca de autores cristianos. Madrid, 1965.

MAZA, Francisco de la. **El guadalupanismo mexicano**. Vol. 37. Fondo de Cultura Económica, 1984.

MELLO, A.R. de, 1961. **México pré-Colombiano: aspectos da civilização do povo "Azteca"**. *Revista de História*, 23(48), pp.289-304.

NIERO, Lidiane. **A construção sócio-histórica de devoção a Nossa senhora de Guadalupe**. *Sacrilegens* 9, no. 1, 2012.

O'GORMAN, Edmundo. **Destierro de sombras: luz en el origen de la imagen y culto de Nuestra Senora de Guadalupe del Tepeyac**. Fondo de cultura económica, 2001.

O'GORMAN, Edmundo. **La invención de América: investigación acerca de la estructura histórica del Nuevo Mundo y del sentido de su devenir**. Fondo de cultura económica, 2006.

PADILLA, Guillermo Zermeño. **História, experiência e modernidade na América ibérica, 1750-1850**. Almanack braziliense 7 (2008): 5-25.

PÉREZ, Moisés Guzmán. **Chaquetas, insurgentes y callejistas. Voces e imaginarios políticos en la independencia de México.** In Las independencias hispanoamericanas: un objeto de historia, pp. 135-150. 2013.

QUINTERO, Alejandro Pizarroso. **Evolução histórica da imprensa em Espanha.** In: QUINTERO, Alejandro Pizarroso (Org.). **História da imprensa.** Lisboa: Planeta, 1994.

SALINAS, Samuel Sérgio. **México: dos astecas à independência.** Editora Brasiliense, 1994.

SANTOS, Luísa Ximenes. **O Concílio de Trento e a discussão acerca do estatuto da imagem.** Monografia (Pós-Graduação) – Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de filosofia, artes e cultura. Ouro Preto, 2017.

SILVA, Alex Kiefer da. **A simbologia de Nossa Senhora de Guadalupe: uma análise dos símbolos presentes na imagem da Virgem de Guadalupe e sua relação com o processo de cristianização dos povos astecas no México, na perspectiva do diálogo inter-religioso.** 2017.

SOUZA, Juliana Beatriz Almeida de. **Virgem mestiça: devoção à Nossa Senhora na colonização do Novo Mundo.** *Tempo* 6, no. 11, 2001. P. 77-92.

SUESS, Paulo. **A conquista espiritual da América Espanhola: 200 documentos-século XVI.** Editora Vozes, 1992.

TAPAJÓS, Vicente Costa Santos. **Historia da América.** Forense-Universitária, 1974.

TODOROV, Tzvetan; PERRONE-MOISÉS, Beatriz. **A conquista da América: a questão do outro.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Torre, Rodolfo. **La conciencia de América,**1992.

VALDÉS, Manuel Antonio (2.1.1784). **Introducción, México, Gazetas de México,** p. 1. In: CASTAÑEDA, Maria del Carmen Ruiz – “La Gaceta de México de 1722. Primer periódico de la Nueva España”. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/69394>. Acesso em 04/03/2024.

VASCONCELOS, José. **Breve historia de México.** Compañía Editorial Continental, 1968.

VILLEGAS, Daniel Cosío. **Historia mínima de México.** El Colegio de Mexico AC, 1973.

WIKIMEXICO. **La Gaceta de Mexico.** Disponível em: <http://wikimexico.com/articulo/la-gaceta-de-mexico>.